FUNDADOR — JOAQUIM MANSO

SÁBADO, 28 DE MARÇO DE 1959

ANO 38.º — NÚMERO 13 039

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES

DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRAFICO: D I B O A

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º

EDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SÁ
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

Chu En Lai anunciou a dissolução do Governo tibetano e substituiu o Dalai Lama

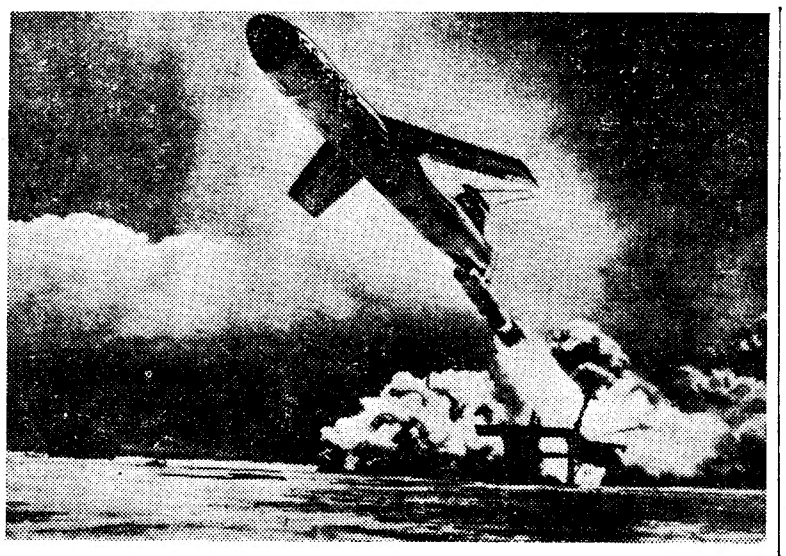
LONDRES, 28 — O chefe do Governo de Pequim, Chu En Lai, anunciou a dissolução do Governo tibetano e a nomeação do Panchen Lama, pró-comunista, como presidente do Conselho tibetano em exercício.

A Rádio de Pequim transmitiu a notícia por meio da leitura de uma «Ordem do Conselho do Estado», emitida pelo Governo da China Continental, que diz: «Decide-se que, a partir deste dia, o Governo local do Tibet se considera dissolvido, passando a exercer as funções e poderes que lhe competiam a Comissão Preparatória da Região Autónoma do Tibet».

Esta é a primeira confirmação oficial da revolta tibetana pelo Governo de Pequim. Por outro lado, parece indicar que o Delai Lama conseguiu livrar-se das represálias dos comunistas e refugiar-se junto dos rebeldes.

«Durante o tempo que o Dalai

(Continua na ultima página)



Reveste-se deste sinistro, mas terrívelmente belo, aparato explosivo a largada de um foguetão «Mace» (Ceptro), cuja marcha velocíssima obedece á força da inércia e que é invulnerável (segundo a Força Aérea Americana o afirma) aos ataques mais destruidores. Esta nova qualidade de foguetões vai substituir em breve, na Alemanha, finda esta Primavera, os célebres projecteis «Matador». Apolinaire, se fosse vivo, faria porventura o poema alarmante destes violentos incêndios celestes...

400 mil acidentes de trabalho durante um ano registaram-se no País

O problema dos acidentes no trabalho tem largas repercussões na vida do País, não só do ponto de vista social e moral, mas principalmente no aspecto económico pelos prejuizos que resultam no decréscimo da produção pela quebra de rendimento devida á forçada paralisação dos trabalhadores sinistrados. No seu segundo numero, relativo a Janeiro, «Prevenção» (Boletim do Centro de Previdência de Acidentes de Trabalho e Doenças Profissionais) trata largamente do importante problema, registando alguns numeros, referentes ao ano de 1956, que são bem eloquentes na sua expressão aterradora e vale a pena transcrever:

«Segundo as estatísticas dos Tribunais do Trabalho foram registados, durante esse ano, 325.000 casos de acidentes que deram origem a incapacidade, isto é, perda de dias de trabalho, e 500 casos de morte. Se calcularmos em 75.000 os casos de acidentes de trabalho não comunicados aos Tribunais, chegaremos ao numero aterrador de 400.000 acidentes de trabalho sòmente no ano de 1956.

«Quanto custam esses acidentes? Além da dor, miséria, sofrimento, luto e mal-estar social, esses acidentes custaram também á economia nacional mais de 2.000.000 de contos, dos quais o seguro cobriu uni-

(Continua na 13.ª página)

Foi útil a entrevista do sr. «H» com Kruchtchev no litoral do Mar Negro

MOSCOVO, 28. — Os serviços de Imprensa do Ministério dos Negócios Estrangeiros anuncia que, a pedido do secretário-geral da O. N. U., a conferência de Imprensa que este devia realizar hoje, na capital russa, não se efectuará.

Os mesmos serviços esclarecem que Dag Hammarskjoeld, que devia chegar ontem a Moscovo, esteve em Sotchi, no litoral do Mar Negro, na «vila» de Nikita Kruchtchev, e só chegando esta manhã a Moscovo, a fim de partir logo para Paris, via Praga, ás 12 e 55 (hora local). Não foi dado nenhum esclarecimento sobre a conferência que o secretário-geral teve em Sotchi, com o primeiro-ministro soviético.

Antes de partir Hammarskjoeld disse aos jornalistas: «Fiquei extremamente satisfeito com a oportunidade que tive em efectuar esta viagem. A minha visita foi, como sempre, muito util». — (F. P. e R.).

Tanques e outras armas fornecidos pela Rússia chegam continuamente ao Iraque

BEYRUTH, 28. — O Iraque está a planear uma expansão em grande escala do seu Exército, com o auxilio de armamento e instrutores soviéticos.

O chefe do Governo já organizou uma nova divisão, depois do golpe de Estado, em Julho ultimo, embora os seus efectivos sejam presentemente reduzidos, e tem planos para a organização de outra.

Destinadas ás novas divisões, têm estado a entrar no país grandes quantidades de armas soviéticas. O fornecimento mais recente foi uma remessa de 34 tanques, que chegaram a Basrá, no fim da semana passada.

Foi o sexto carregamento de armas soviéticas que chegou áquele porto, depois do golpe de Estado.

Já foram desembarcados mais de 150 tanques soviéticos — mais do dobro do numero que o Exército possuia no Verão passado, ou seja, o suficiente para equipar uma divisão completamente mecanizada, de estilo soviético. — (A. N. I.).

O Iraque vai expulsar a missão militar americana?

NOVA YORK, 28. — A próxima decisão do Iraque, na «guerra fria» do Médio Oriente, consistirá na expulsão da missão militar norte-americana de Bagdad — previu ontem Levon Kechichian, correspondente nos Estados Unidos do jornal «Al Ahram», do Cairo, num programa da TV transmitido para todo o país.

Predisse também um rompimento entre os partidos esquerdistas que apoiam o regime Karim Kassem. — (A. N. I.).

Explodiu um foguetão «Atlas» de ensaio

INGLEWOOD (Califórnia), 28 — Um protótipo de foguetão balístico intercontinental «Atlas», só utilizado em ensaios no solo, explodiu ontem na base aérea de Edwards. Não houve vítimas a registar. — (F. P.).

As grandes inundações no norte de Madagáscar ameaçam romper os diques e causar graves prejuizos

TANANARIVE (Madagascar), 28 — O nível das águas do rio Ikopa continuava a subir durante a noite e espera-se que os diques rebentem a todo o momento na parte norte da ilha de Madagascar, já semidevastada por um ciclone que anteontem provocou a morte, pelo menos, de 20 pessoas e deixou sem lar milhares de habitantes. O ciclone foi seguido de grandes inundações.

Em Madritsara, 600 quilómetros ao norte de Tananarive, ficaram destruidos um hospital, uma escola, um hotel e dez casas. Alguns milhares de pessoas tiveram de evacuar as suas casas.

A nordeste de Tananarive, na região costeira de Tamatava, o canal de água potável que abastece a cidade inundou as margens. Os habitantes foram avisados de que

(Continua na ultima página)

A felicidade de Soraya parece ter sido de novo destruída pela implacável razão de Estado que a impede de desposar Orsini

ROMA, 28.—«Os olhos de Soraya voltaram a entristecer». Tomando por base este infalível «barómetro da felicidade» que são os olhos da ex-imperatriz, as pessoas que têm tido a rara sorte de se aproximar da princesa estão agora receosas de que sejam cada vez menores as probabilidades de casamento de Soraya com o príncipe Orsini.

Consta que a melancolia da princesa resulta em especial de dois telefonemas que recebeu de seu pai, Karil Esfandiari, embaixador do Irão na Alemanha. O representante do xá em Bonn — a crer em fontes «informadas»—estaria muito descontente com a enorme publicidade feita ao redor das férias de Soraya em Roma. Segundo se diz, o diplomata estaria em situação delicada, dividido entre dois sentimentos que se consideram contraditórios: o desejo de ver a filha encontrar finalmente a felicidade, e o de servir os interesses do seu soberano. Na primeira chamada telefónica, o embaixador teria pedido á esposa e á filha que regressassem o mais depressa possível á Alemanha, ou que pelo menos partissem de Roma sem mais demora. Em segunda chamada, o embaixador voltou a fazer o mesmo insistente pedido.

A estas solicitações paternais juntar-se-iam, segundo a mesma fonte, outras mais «diplomáticas» mas não menos insistentes da embaixada do Irão na Itália. O xá teria feito saber a Soraya, por intermédio da embaixada em Roma, que lhe desagrada sobremaneira a publicidade que se faz com o idílio de sua

(Continua na ultima página)

Diario de Lisbôa
publica hoje
32 páginas
nas quais se inclui
MAGAZINE

2.ª TIRAGEM

ESTA SEMANA, DIZ O MÉDICO...

Uma doença que tende a desaparecer (3)

pelo DR. AUGUSTO D'ESAGUY

DURANTE muitos anos, infindáveis décadas, a sífilis foi combatida com tisanas e purgantes, fumigações de enxofre, unguentos e pomadas, num esforço gigantesco para desembaraçar a Humanidade doente de uma praga que marcava e isolava os indivíduos. O mercúrio passou a ser empregado sistemáticamente em 1909, depois do Congresso de Lisboa, primeiro por via oral e cutânea, mais tarde por via muscular e venosa, consoante o sal escolhido e a preparação eleita pelo clínico.

5. Os arsenicais apareceram passado um ano (Paul Ehrlich, 1854-1915), trivalentes e pentavalentes. O

(Continua na 13.ª página)

VISADO PELA CENSURA

Duas rainhas e duas princesas ou a quinta feira santa no Castelo de Windsor. Á saída da missa na Capela de São Jorge, vêem-se a rainha Isabel e a rainha-mãe, precedidas pela princesa Margarida e a princesinha Ana, todas as quatro sorridentes e floridas, acompanhadas pelo bispo Eric Hamilton, o deão de Windsor

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

De ontem para hoje

UMA REGIÃO EM MARCHA

É, sem duvida, através da valorização dos recursos naturais de uma região que dela se aufere (verdade insofismável) o máximo rendimento e que se caminha para a satisfação das aspirações do seu povo. Numa entrevista concedida ao nosso prezado colega «O Século», o sr. ministro da Presidência, de regresso da sua viagem ao Norte do País, mostrou-se altamente satisfeito com o estado actual dos trabalhos de ampliação e beneficiação do porto de Leixões, que em breve disporá de duas magníficas docas de águas tranquilas para movimento de cargas e passageiros. A nova rede de comunicações que está sendo construída em torno deste porto assegurará o escoamento das mercadorias importadas ou exportadas, num ritmo muito superior áquele que até agora se tem verificado. Com estas perspectivas se congratula o sr. dr. Pedro Teotónio Pereira, que anunciou deverem ser inaugurados, provávelmente, em 1960 tanto este melhoramento como a ponte da Arrábida. O ministro da Presidência aludiu ao terrível problema das «ilhas» e aos esforços envidados para a sua extinção, referindo-se, por ultimo. com entusiasmo, á renovação agrícola que vai lógicamente resultar dos trabalhos na bacia hidrográfica do Cávado, que abrange as barragens da Caniçada, as albufeiras de Salamonde, Venda Nova e Paradela e a grande barragem de Pisões, em construção.

FEIXE DE NOTÍCIAS

CHEGARA a Primavera. Esvoaçavam-se os gaios nas franças dos pinheiros. O azul pungia no céu enlutado. Pressentia-se a aleluia, a festa saudosa dos sinos. E o cabo Joaquim Serafim Pinto, tinindo alegrias, lá ia, de bivaque ao lado,, peito tufado, a caminho da terra e dos pais. Que bom era poder passar a Páscoa com os seus, lá no lugar do Passo, no termo de Moimenta da Beira onde nascera e se criara. Mas uma camioneta surgiu na estrada e o militar, na sua bicicleta, pedalando, deu um esticão, agarrou-se ao veículo, para ir mais depressa, mas com tal pouca sorte o fez que se desequilibrou e ficou esmagado pelo rodado. Chegou ao lugar do Passo o cabo Joaquim Pinto, mas já morto e irreconhecível. Triste aleluia a dos pais!

✱ Três anos tem o menino. Está brincando no quintal da casa. Lá ao fundo há um mistério escuro, que o chama: é o poço. O menino aproxima-se, devagarinho, espreita o sol, o reflexo do sol, na água, lá em baixo parada. E o menino desaparece. Mas surge no quinchoso a irmã, já uma mulherzinha, e não o vê: corre direita ao maldito do poço e descobre a criança, quase roxa, estendendo os bracinhos. Devido ás chuvas, a água subira até alcance das mãos. O pequeno Daniel Catarino está salvo. Lembrar-se-á mais tarde desta aventura dos seus três anos, em que esteve a pontos de se sumir na noite da morte? Uma coisa fica por dizer: a necessidade absoluta de haver guardas nestes malfadados poços, sobretudo em residências com crianças.

✱ Noite sombria, na freguesia de Amora. Um mendigo cego (67 anos) e a mulher (66 anos) caminham cansadamente, pela estrada que parece nunca mais acabar. Já só o repouso, numa tulha que seja, lhes pedem os membros exaustos. Mas as provações da jornada não terminaram. Um automóvel surge, lampejante, poderoso, e o triste casal fica no solo ensanguentado: ele (Joaquim de Sá), ferido de morte, ela quem sabe se pior! No Hospital de S. Marcos, de Braga, se encontra agora a velhinha, privada do seu companheiro, para sempre...

JORNAL PEQUENO

TRABALHARAM ontem com o sr. presidente do Conselho os srs. ministro da Presidência, presidente da Camara Corporativa e prof. Caeiro da Mata, presidente da comissão executiva do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique. ✱ Em Cadaval, Artur Pedro Isidro, surpreendido no momento em que arrombava e saqueava a montra de uma ourivesaria, foi perseguido pela G. N. R. e atirou-se, por fim, a um ribeiro, o que o não livrou de ser preso. Foram-lhe apreendidos objectos de ouro no valor de 6.550$00. ✱ Em Santa Comba Dão, a gatunagem anda desenfreada, tendo assaltado a igreja matriz e a escola. ✱ Também em Moita do Ribatejo foram presos três gatunos por haverem assaltado estabelecimentos e casas de habitacão. ✱ Em Ponte de Lima estão a contas com a justiça três indivíduos que roubaram uma grande porção de pinheiros com o peso de algumas toneladas.

A Regional de Coimbra

reabre segunda-feira

Provocou grande interesse, entre os seus inumeros clientes, a próxima reabertura — na segunda-feira — do conhecido e popular restaurante Regional de Coimbra, da Rua do Norte, 13. A competente direcção do afamado restaurante, que não se poupou a esforços para valorizar e modernizar as suas instalações, abriu hoje excepcionalmente as portas da Regional de Coimbra para receber alguns — amigos e clientes — aos quais ofereceu um almoço frio.

Os gerentes do restaurante Regional de Coimbra foram muito felicitados, em virtude de terem sabido colocar o seu estabelecimento a par dos melhores existentes no típico Bairro Alto.

Ampliado com mais uma sala, o restaurante Regional de Coimbra apresenta-se cheio de luz e decorado com bom gosto e proporciona aos seus fregueses um ambiente deveras confortável e agradável. A sua cozinha também foi ampliada e modernizada e está devidamente apetrechada com as mais modernas inovações que a tornam modelar.

Por tudo isto está de parabens a gerência da Regional de Coimbra, que assim manterá a posição já conquistada e continuará a merecer da sua numerosa clientela a preferência com que a tem distinguido ao longo de trinta anos de honesta e escupulosa actividade.

Novo presidente

do Municipio de Leiria

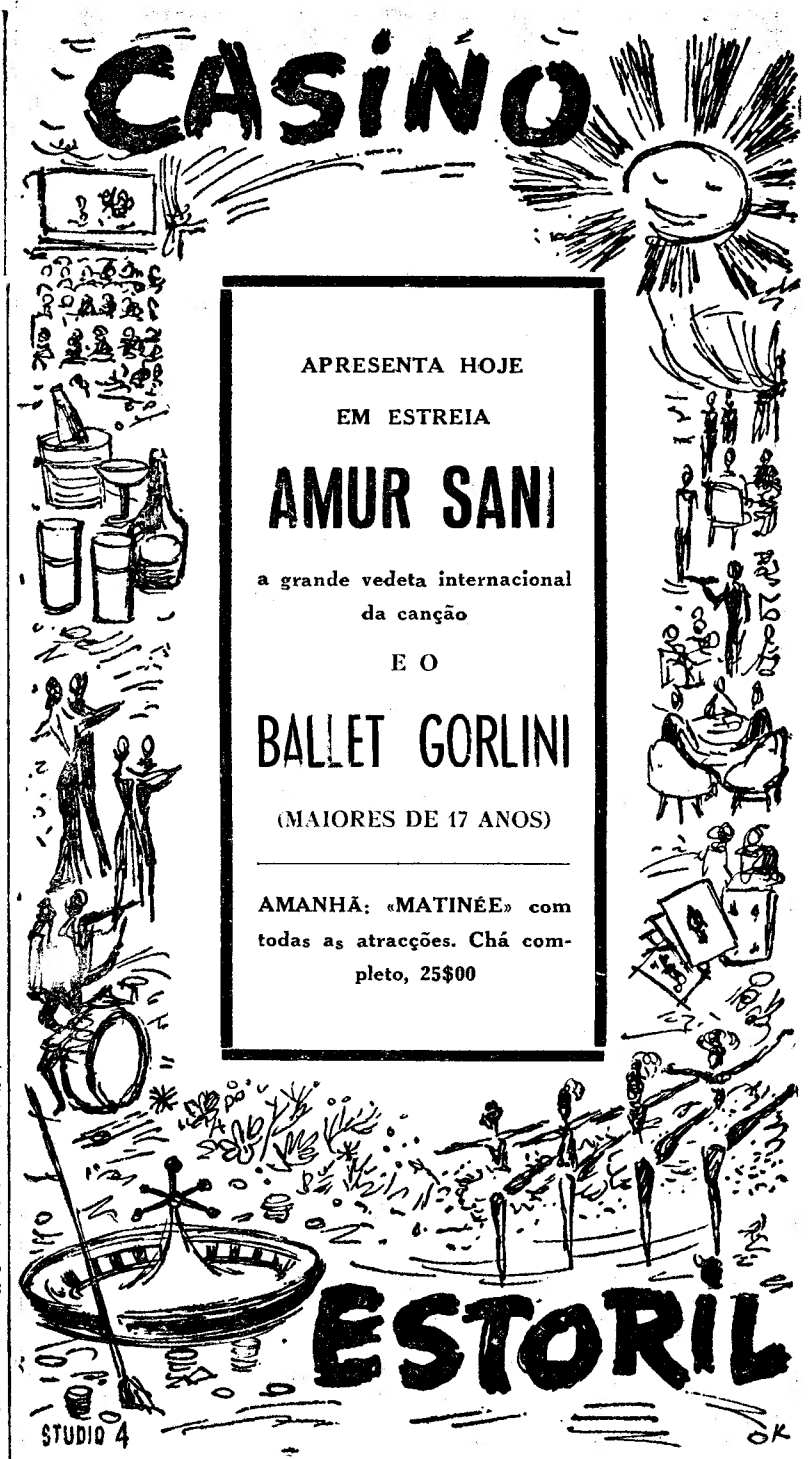
LEIRIA, 28 — Foi nomeado presidente da Camara Municipal de Leiria o sr. capitão Henrique Gambeta Peres Brandão, que prestava serviço no Regimento de Infantaria n.º 7, aquartelado nesta cidade, e que vem substituir o sr. Olímpio Duarte Alves, que actualmente exerce as funções de governador civil do distrito.

A posse, ser-lhe-á conferida, no próximo dia 31, no salão nobre dos Paços do Concelho.

Chegou de África

o paquete «Vera Cruz»

Procedente dos portos de Africa, chegou hoje ao Tejo o paquete «Vera Cruz», da Companhia Colonial de Navegação, que trouxe 1.011 passageiros, entre os quais muitas pessoas residentes no Ultramar, que vêm em gozo de férias, ao cabo de alguns anos de ausência da Metrópole.



ASPIRINA BAYER

MAR LINDO
Restaurante-Salão de Chá
Ideal para
fins-de-semana
Domingo de Páscoa
Almoço
pratos especiais
PRAIA DE ST.ª CRUZ
Telefone 6

Vendas a prestações de tecidos de novidade para Senhora e para Homem.
TECIDOS ALVINIZ
16. Largo do Carmo

NOVO DISPENSÁRIO

Começa a funcionar em 1 de Abril na Casa de S. Vicente de Paulo, na Rua do Fidié, um Dispensário Anti-Asmático, especialmente apetrechado para o efeito, e que se destina á profilaxia e á luta contra a asma.

Deve-se esta obra, de incontestável mérito, ao provedor da Misericórdia de Lisboa, dr. Melo e Castro, que concedeu o necessário subsidio para o seu fundionamento e ao compreensivo acolhimento da Casa de S. Vicente de Paulo. A direcção clínica do novo dispensário fica a cargo do sr. dr. José Ramos Castaño, especialista em doenças alérgicas.

Assembleias gerais

Está convocada para o próximo dia 31, pelas 20 e 30, a assembleia geral ordinária da Casa do Minho, para apreciação e aprovação do relatório e contas do exercício do ano findo. Não havendo numero legal de sócios, a assembleia funcionará um hora depois, com qualquer numero.

O HOTEL EMBAIXADOR
APRESENTA HOJE
NO «TERRAÇO DAS ESTRELAS»
O BALLET GORLINI
e a aplaudida cançonetista
MARIA DE FÁTIMA BRAVO
(Maiores 17 anos)
AMANHÃ: «Matinée» com todas as atracções. Chá completo, 25$00.

Grémio Nacional dos Industriais de Composição e Transformação de Matérias Plásticas

e a sua agremiada

Matérias Plásticas, Lda. de Leiria

vêm declarar que o comunicado inserto no «Diário de Notícias» de 25 do corrente, foi originado no abuso de confiança pela venda de artigos para que não estava autorizado, praticado pela pessoa que o publicou, **A. FERREIRA DE FREITAS**, e que deixou já de prestar serviço na firma acima referida.

Sendo assim: **nenhuma relevancia podem ter as malévolas insinuações que no mesmo comunicado se lêem e que à indútria se referem.**

A COMISSÃO DIRECTIVA

TEATROS E CINEMAS

Atrás do reposteiro

«Intriga e amor», a obra de Schiller em ensaios no Teatro D. Maria II, estreia-se a 10 do próximo mês.

— Amanhã a companhia Rafael de Oliveira leva á cena, nas Caldas da Rainha, as peças «O sapatinho de vidro», em «matinée», e «Daqui fala o morto», á noite.

—Até á próxima terça-feira manter-se-á no cartaz do Teatro Avenida a comédia «Marido em rodagem».

—O elenco da companhia do Teatro ABC, que vai desempenhar a nova revista, será o actual, aumentado com seis artistas italianas, que devem chegar no dia 6 de Abril.

—O artista madeirense Max foi convidado para ingressar numa companhia de revistas.

—Nos primeiros dias do próximo mês, embarca para as Ilhas uma companhia de circo organizada pelo artista Marius.

No D. Maria II

prossegue «O processo de Jesus»

Ainda que com sacrifício dos seus planos de actividade, a empresa do D. Maria II não pôde deixar de considerar o interesse profundo que o publico continua a manifestar pela peça de Diego Fabbri «O processo de Jesus», que amanhã termina, precisamente no quarto mês de representações, e, por isso tem prolongado a sua carreira por alguns dias. «O processo de Jesus» é uma bela realização, pela originalidade da concepção que presidiu á sua montagem, e é brilhantemente interpretada por toda a companhia do Nacional, reforçada com os elementos necessários para a distribuição das vinte e seis personagens da peça.

No Variedades

estreia-se hoje a revista popular «Champanhe Saloio»

E' hoje, finalmente, que, em duas sessões, ás 20 e 30 e 22 e 45 horas, reabre as suas portas o Teatro Variedades, onde Giuseppe Bastos e Vasco Morgado, em conjunto e numa interessante iniciativa, vão dar a Lisboa um novo e grande espectáculo de revista. Trata-se de «Champanhe Saloio», um novo original em 2 actos e 23 quadros de Fernando Santos e Carlos Lopes, com musica de Frederico Valério e Fernando de Carvalho, e em que veremos pela primeira vez juntos, num espectáculo de revista, a grande vedeta Beatriz Costa e João Villaret, o grande e querido actor que reaparece.

Amanhã, ás 16 horas, haverá a primeira «matinée».

Ópera em S. Carlos

Repete-se amanhã, em tarde cultural a ópera «Lucia de Lammermoor»

Gianna D'Angelo, o admirável soprano ligeiro que pela primeira vez veio ao nosso País para interpretar a figura de Lucia da ópera «Lucia de Lammermoor», de Donizetti — de que é considerada a mais pura protagonista da actualidade — entusiasmou o publico do Teatro de S. Carlos com a sua maravilhosa voz e o seu belo talento dramático. Ao lado do tenor Alfredo Kraus e do barítono Ettore Bastianini e de todo o restante elenco de que fazem parte, ainda, o baixo Silvio Maionica e os cantores Franco Ricciardi, Maria José Campos e Armando Guerreiro, Gianna D'Angelo deu-nos a mais bela e sublime «Lucia de Lammermoor» ouvida entre nós nos ultimos tempos.

Com o mesmo extraordinário elenco e com o insigne maestro Giuseppe Antonicelli á frente da Orquestra Sinfónica Nacional, «Lucia de Lammermoor» repetir-se-á amanhã, pelas 16 e 30 horas, em tarde cultural. Dão a sua colaboração ao espectáculo o Coro do Teatro de S. Carlos e os Bailados do S. N. I.

Teatro de Amadores

O conjunto de amadores do Grupo Desportivo Estoril Praia leva á cena amanhã, ás 22 horas, no Centro Espanhol, na Rua Nova da Trindade, n.º 20, a comédia, de Henrique Santana, «Um fantasma chamado Isabel».

No Teatro Monumental

continua a peça «Eles, Elas... e os Meninos»

Entra hoje em sexta semana, no Teatro Monumental, a engraçada

(Continua na 5.ª página)

TAGIDE

Sensacional apresentação de mais um grande programa de music-hall

Uma das mais recentes revelações da canção francesa

CHRISTIAN BOREL

A grande atracção internacional

EDDY e LAURA

Em bailados modernos e acrobáticos em patins

*

Uma das melhores parelhas espanholas de baile

MARISA PINTO e JOSÉ ROMERO

com o seu guitarrista privativo

ANTONIO FERNANDEZ

Uma das mais lindas vozes do Fado

HELENA TAVARES

A parelha de baile de folclore português

IVONE e CLARA

Conjunto **Tágide** com **ALEX WILLIAM'S - FERNANDO ALBUQUERQUE - LAURA VILLA - Rodrigues** e **Mamede**
Conjunto **Palm Beach** com **FERNANDO POTIER - MARIA CANDAL - Ferrão** e **Quiroz**

(Adultos maiores de 17 anos)

PALM BEACH

COZINHA VELHA

RESTAURANTE — SALÃO DE CHÁ — BAR
PALACIO NACIONAL DE QUELUZ — TELEFONE 950232

Participamos aos nossos Ex.mos Clientes que amanhã, Domingo de Páscoa, servimos Almoços e Jantares com ementa especial, agradecendo desde já a reserva das suas mesas.

NOTA — Nos dias normais agradecemos também que a reserva das suas mesas para os jantares sejam feitas até ás 19 horas.

A GERENCIA

No Casino Estoril

estreia da vedeta Amru Sani

No Casino Estoril, estreia-se hoje a vedeta internacional da canção Amru Sani, que constitui uma atracção de grande categoria e muito valoriza o respectivo programa de variedades.

A sorte grande caprichosa bafejou um homem perseguido pelo azar

BRAGANÇA, 27.—O agente de venda de jornais, sr. António Guedes, estabelecido com quiosque na Praça da Sé, vendeu, como o «Diário de Lisboa» então noticiou, dez cautelas com o n.º 15.272, que tiveram o primeiro prémio da lotaria do Natal, cabendo a umas oito pessoas das mais modestas desta cidade e da região o total de 1.200 contos. Agora, o mesmo vendedor (também bafejado pela sorte, pois lhe sairam 120 contos numa cautela daquele numero, que foi registada) vendeu o n. 84.685, ao qual coube o terceiro prémio da lotaria do dia 6 deste mês, ao sr. Pinto Ribeiro, factor da C. P. em serviço na estação do Tua, que foi assim contemplado com 150 contos.

Que nem sempre o azar persegue o homem, poderá afirmá-lo aquele empregado ferroviário, pois que, tendo sido transferido, muito contra sua vontade, da estação de Celorico de Basto para a do Tua numa curta demora na vizinha vila de Mirandela, enquanto almoçava absorvido em preocupações sobre o novo rumo da sua vida, surgiu-lhe como mensageiro da sua melhor sorte aquele cauteleiro e agente de venda de jornais nesta cidade, que muito instou com o desconsolado ferroviário para que lhe ficasse com todo aquele bilhete do n. 84.685.

Estava o sr. Pinto Ribeiro, apesar de tudo, em maré de sorte, pois conseguira antes uma boleia de automóvel de Celorico de Basto para Mirandela, onde aguardava a passagem do comboio que, ido desta cidade, havia de levá-lo (no dia anterior ao da extracção da lotaria) para a estação do Tua, que teria considerado como seu forçado desterro... Comprou, pois, o bilhete e, alguns dias passados, veio ele próprio dar a boa-nova (de lhe terem saído os 150 contos) ao vendedor António Guedes, a quem prometeu uma gratificação.

Depois de
PÃO AMOR E CIÚME
PÃO, AMOR E FANTASIA
PÃO, AMOR...

Pão, amor e Andaluzia!

com **VITTORIO DE SICA**
CARMEN SEVILLA
E
Peppino de Filippo

TÃO IRRESISTÍVEL COMO CÓMICO DE SICA CONQUISTA A ESPANHA E AS ESPANHOLAS, NA COMÉDIA MAIS DIVERTIDA DA SÉRIE «PÃO, AMOR E...»

HOJE — Estreia simultânea no

MAIORES DE 12 ANOS

ROMA e no **EDEN**

DOPERFILME

Tecidos e muitas novidades para Senhora e Homem.
Vendas com Facilidades de pagamento.
CASA MAX
193-A -R. D. Estefânia- 193-B

TIVOLI

2.ª FEIRA, 30, SENSACIONAL ESTREIA

À noite: para maiores de 12 anos — À tarde° para todos

O GRANDE FILME SELECCIONADO para representar oficialmente Portugal no Festival de Cannes

RAPSÓDIA PORTUGUESA

Realização de JOÃO MENDES — Produção de FELIPE DE SOLMS

Em SCOPE e EASTMANCOLOR

A REVELAÇÃO DUM PORTUGAL QUE MUITOS PORTUGUESES IGNORAM!

CAMPO PEQUENO

AMANHÃ, 16 HORAS

A TRADIÇÃO MANDA QUE SE INAUGURE A ÉPOCA DE TOIROS

E ela inaugura-se com uma bem organizada corrida de 8 toiros dos Ex.mos Srs. Irmãos Neto, de Benavente, para os grandes e consagrados artistas

SIMÃO DA VEIGA, PEDRO LOUCEIRO, ANTÓNIO GONZALEZ E ARMANDO SOARES

Pegas pelos Forcados Profissionais de Lisboa

PREÇOS POPULARES, DESDE 15$00, NOS RESTAURADORES, 7

MAIORES DE 6 ANOS

AVENIDA

Telef. 27273

HOJE, AS 21.45 HORAS

A Companhia do Teatro de Sempre apresenta a comédia DE HENRIQUE SANTOS

57.ª Representação

UM MARIDO EM RODAGEM

com Samwel Dinis — Carmen Dolores — Rogério Paulo — Madalena Sotto — Adelina Campos — Constança Navarro e Fernanda Alves

Rogério Paulo

P. MAIORES DE 12 ANOS

Amanhã ás 16 h., esp.° á tarde

TEATRO NACIONAL DE DONA MARIA II

4.º MÊS

TODAS AS NOITES, AS 21 e 45

(12 ANOS)

ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES

O PROCESSO DE JESUS

Na quinta-feira: TARDE VICENTINA integrada nas manifestações do Congresso Internacional de Linguística (Para adultos)

A espera de Godot

PENSÃO MONUMENTAL

COMPLETAMENTE REMODELADA

Casa recomendada serviço de bom hotel

R. da Glória, 21 — Tel. P. B. X. 29807

CONTINUAÇÃO da Campanha de GIRA-DISCOS desde 498$50 (chassis)

Dinotécnica UNIVERSAL L.da

REVENDEDORA DO FAMOSO GIRA-DISCOS

Dual

51-C, RUA DO CARMO

Telefs. P. P. C. 24963-34726

LISBOA-2

Em AGUEDA o «Diário de Lisboa» é vendido no Café Jardim

AMANHÃ DOMINGO DE PÁSCOA

MATINÉE EXTRAORDINÁRIA ÀS 11 HORAS

Odeon JOSELITO «O PEQUENO PASTOR»

BILHETES À VENDA — M/6 ANOS

HOJE UM ELENCO SEM RIVAL EM EXITO ESPANTOSO

COM AS MAIS QUERIDAS E APLAUDIDAS ARTISTAS

A ESCULTURAL BAILARINA EM NOTÁVEIS SAPATEADOS

CHIQUI RODRI

A FORMOSA VEDETA DA CANÇÃO

TONI RODRI

E, AINDA, EM ÊXITO SENSACIONAL:

LES VILLALTAS

RITZ CLUB

EMPRESA RITZ CLUBE

ADULTOS (Maiores de 17 anos)

NO SALÃO TIPICO: CEIAS COM FADOS E GUITARRADAS E «MANOLLILO DE BERBES» EM CANTARES FLAMENCOS

Em constante triunfo

MARGARITA RUIZ

PAQUITA FORTES.

E todo o elenco do «RITZ» com

VILAÇA E SUA ORQUESTRA

AINDA ESTA SEMANA:

8 Estreias de alta categoria internacional

BUGIO

Telefone 643198

RESTAURANTE E SNACK-BAR

Pastelaria — Salão de Chá — Bilhares — Salão para banquetes, casamentos, baptizados, festas, etc.

Largo 5 de Outubro

STO. AMARO DE OEIRAS

RIR! RIR! RIR! com a comédia de ANDRÉ ROUSSIN

TEATRO MONUMENTAL T. 55133

Esp. V. Morgado Ld.ª (ADULTOS M/17 ANOS)

UM ÊXITO!!!

DE PERMANENTE GARGALHADA EM

6.ª a 2.º MÊS DE REPRESENTAÇÕES

SEMANA TRIUNFAL

AMANHÃ ESP. ÀS 16 HORAS

(Suspensas as entradas de favor)

UM ESPECTÁCULO VASCO MORGADO QUE FAZ RIR!

ELES, ELAS E OS MENINOS

(LORSQUE L'ENFANT PARAIT)

IRENE ISIDRO

BENAMOR - PAULA - SANTANA - DULCE - MACIEIRA - SCHULZE - FLORBELA

HOJE E AMANHÃ

AS 18.30 HORAS

MAIORES 4 ANOS

TAMBÉM OS BONECOS FALAM de MADELAIDE COUTO VIANA

Para MAIORES de 4 anos

O GUARDA-CHUVA E A POMBA de RICARDO ALBERTO

O relógio mágico de FERNANDO DE SAGOS

O ARCO DO TRIUNFO de A. M. COUTO VIANA e J. B. VIEGAS

TEATRO DO GERTRALTO

Ultimos dias!

///

Preços populares

3.ª Balcão frente 5$00

2.ª Balcão a 10$00

Plateia a 15$00

LUSO

T. da Queimada, 8-A — Tel. 32889

Maiores 17 anos

Hoje (até de madrugada) cantam: Ilda Ferreira — Joaquim Geraldes — Maria A. Proença — Manuel Dias — Maria Vicente e o «ás» do Riso, António dos Santos. Acompanhamentos por: António Couto e Amadeu Rami. Amanhã, grandiosa «matinée». Segunda-feira, homenagem a Manuel Portugal.

ENCOSTA A CABECINHA E CHORA...

UM TRIUNFO DE GARGALHADA NO MARIA VITORIA

Emp.ª «E. Salvador e R. Martins, Lda.»

AMANHÃ ESP.ª A' TARDE A'S 16 HORAS

UM ÊXITO MEMORÁVEL DE SALVADOR E DE TODA A SUA COMPANHIA

AS 20.30 e 22.45

Adultos—M/17 anos

TEATROS E CINEMAS

(Continua da 3.ª pagina)

comédia de André Roussin, «Eles, Elas... e os Meninos».

Depois de nova Tarde Popular, a preços reduzidos, haverá hoje, á noite, o habitual espectáculo, que começa ás 21 e 45, e amanhã, «matinée», para maiores de 17 anos.

As estreias de hoje

No S. Luiz e no Alvalade

Título — «Anna de Brooklyn».
Produção — Americana.
Intérpretes — Gina Lollobrigida, Vittorio de Sica, Peppino de Filippo.
Argumento — Uma divertida comédia que narra as aventuras de uma italiana na Brooklyn.
Processo — Tecnicolor e technirama.
Classificação — Maiores de 12 anos.

No Eden e no Roma

Título — «Pão, amor e Andaluzia».
Produção — Italiana.
Intérpretes — Vittorio de Sica e Carmen Sevilha.
Argumento — Uma alegre comédia que continua uma série já famosa.
Processo — Normal.
Classificação — Maiores de 12 anos.

No Aviz

Título — «Um solteiro em Paris».
Produção — Americana.
Intérpretes — Tony Curtis, Janet Leigh, Linda Cristal.
Argumento — ...mais um «americano em Paris».
Processo — Cinemascópio.
Classificação — Maiores de 17 anos.

Na Voz do Operário

No salão de A Voz do Operário exibe-se hoje, amanhã e depois, ás 21 horas, o filme «Guerra e Paz», para maiores de 12 anos.

Beatriz

Villaret

HOJE EM ESTREIA

Em 2 sessões, ás 20.30 e 22.45, NO

VARIEDADES

Telef. 26037
Espec. p.ª A. m. 17 anos

Costinha

GIUSEPPE BASTOS e VASCO MORGADO apresentam

A GRANDE VEDETA DA POPULARIDADE E DA ALEGRIA — BEATRIZ COSTA

E EM SENSACIONAL REAPARIÇÃO O GRANDE ACTOR — JOÃO VILLARET

Pilar

Pela 1.ª vez juntos, á frente de uma nova grande companhia na revista popular

CHAMPANHE SALOIO

C. Oliveira

Original de Fernando Santos e Carlos Lopes, musica de Frederico Valério e Fernando de Carvalho, interpretada por

COSTINHA

A GRANDE ATRACÇÃO INTERNACIONAL

PILAR CLEMENS

L. Durão

C. Alves

LUÍSA DURÃO, CARLOS ALVES, EMÍLIO CORREIA, LÍGIA TELES

CAMILO DE OLIVEIRA no «compère»

E. Correia

L. Teles

MARIA LUIZETTE, ÓSCAR ACÚRSIO, ZECA FONSECA, PEREIRA GOMES, NAZARÉ FERREIRA, LÚCIA MARIA, MARIA DO CÉU e ainda o

CONJUNTO SEM NOME

Um elegante friso de Modelos, Bailarinas e «Girls» numa nova realização coreográfica de

CHARLES

M. Luizette

O. Acursio

Direcção artística de JOÃO VILLARET

Encenação e direcção de cena Rosa Mateus

Direcção musical de Frederico Valério e Fernando de Carvalho

Direcção de montagem de Pinto de Campos e Luís Cunha e Silva

Figurinos de Pinto de Campos e Abílio de Matos e Silva

GUARDA-ROUPA DOS «ATELIERS» PAIVA
Executado sob a direcção de Pinto de Campos

MAQUETAS DE:
MANUEL LIMA, PINTO DE CAMPOS, MARIO ALBERTO, OCTÁVIO CLÉRIGO, HERNANI LOPES e MONIZ PEREIRA

CENOGRAFIA DE:
REINALDO MARTINS, RAUL DUARTE, HERNANI & RUI, MANUEL LIMA, LUÍS, MANUEL e MARCELO CUNHA E SILVA, MARIO GARCIA e MÁRIO ALBERTO

POR AMÁVEL CEDÊNCIA:
PELES DA FABRICA «ESTRELA L. M.», TINTAS «ROBBIALAC», MÓVEIS DE «ARTIS, LDA.»

AMANHÃ, DOMINGO DE PÁSCOA, ÁS 16 HORAS
1.º ESPECTÁCULO A TARDE!

TAVERNA SEVILHANA

2.ª FEIRA apresenta:

EM ESTREIA EM PORTUGAL A FAMOSA PARELHA DO FOLCLORE BRASILEIRO

DA RIVA E IRENE

TODAS AS NOITES O CONJUNTO PRIVATIVO COM VELEZ DE LIMA

—ADULTOS M/17 ANOS—

Casaloga

A «BOITE» DA MODA
AMBIENTE SELECTO

SÁBADOS e DOMINGOS
«Matinées» das 18 ás 20 horas
com todo o elenco de atracções

TELEF. 23584
Empresa MANUEL ZEFERINO
(ADULTOS M/ DE 17 ANOS)

NÃO SE FALA NOUTRA COISA EM LISBOA!
ISTO DIZ TUDO: SEMPRE CASAS À CUNHA!

A ESCULTURAL ATRACÇÃO GREGA

BALLET ALECOS ALVAREZ

EM DANÇAS DE RITMO FRENÉTICO E ARDENTE

A famosa parelha em danças de fantasia acrobática

MARISA y SANDRO

Musica constante por SÉRGIO E SUA ORQUESTRA

Cartaz dos Cinemas

ESTREIAS DE HOJE

ANA DE BROOKLYN — SÃO LUIS e ALVALADE
Pão Amor e Andaluzia — EDEN e ROMA
Um Solteiro em Paris — AVIS

SÃO LUIZ — TEL. 27173
21.30 (M/12 anos)
ESTREIA
Uma comédia de estirpe, com toda a boa raça latina
ANNA DE BROOKLYN
c/ Gina Lollobrigida e Vittorio de Sica
A's 18.15, despedida de «Gata em telhado de zinco quente» — (M/17 anos).

EDEN — TEL. 20768
A's 15.30 - 18.30 e 21.30
A comédia mais divertida do ano
PÃO, AMOR E... ANDALUZIA
com Vittorio de Sica e Carmen Sevilla
(M. de 12 anos)

CONDES — TEL. 22523
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/12 anos)
A mais engraçada comédia do ano!
2.ª SEMANA
JERRY, AMA SECA
com Jerry Lewis e Marilyn Maxwell
Vistavision — Technicolor

ODEON — Telefone 26283
15.15 - 18.15 (M/6 anos) e 21.30 (M/12 anos)
2.ª SEMANA
JOSELITO vive uma história encantadora e canta lindíssimas canções no seu novo filme
O PEQUENO PASTOR
com CAMARDIEL
Rigoroso Exclusivo de Epoca
Bilhetes á venda para os dias seguintes

CAPITÓLIO — TEL. 27483
A's 21 (M/17 anos)
Colorido
OTHELO
c/ B. Bondortchouk
Colorido
PIRATAS MARROQUINOS
com Jeff Chandler

CASINO ESTORIL — 21.30 (M/17 anos)
O ASSOMBROSO SR. PENNYPAKER
com Clifton Webb

TIVOLI — TEL. 50595
A's 3 e 6.15 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite (M/12 anos)
Em Cinemascope
2.ª SEMANA
O BÁRBARO E A GUEIXA
com John Wayne e Eko Ando
Amanhã ás 11 h., Ses. clás. «Assim nasce uma estrela» — (M/17 anos).

POLITEAMA — TEL. 26303
15.15 - 18.15 e 21.30
2.ª semana triunfal do filme que revela um novo inferno de paixões proibidas
RAIZES DO CEU
c/ Juliette Greco, Trevor Howard, Orson Welles, Errol Flynn e Eddie Albert
Ele... lutava por um belo ideal...
Ela... ocultava uma vida de vergonha...
CINEMASCOPE—(Adultos M/17 anos)

ALVALADE — Telefone 763080
21.45 (M/12 anos)
Vamos finalmente conhecer
ANA DE BROOKLYN
c/ Gina Lollobrigida e Vittorio de Sica
Uma comédia engraçadíssima com o optimismo americano.

ROYAL — TEL. 3450
As 21 (M/17 anos)
Technirama e Tech.
SAYONARA
com Marlon Brando
Um filme de intenso realismo

CINEMA IDEAL
A's 21 (M/17 anos)
A PONTE DE WATERLOO
Vida contra vida

L I 2 — TEL. 48560
21 (M/12 anos)
Eastmancolor
A FAMILIA TRAPP NA AMÉRICA
Paraiso esquecido

RESTELO — Telefone 610375
21.15 (M/12 anos)
Cinemascope
O IRRESISTIVEL FORASTEIRO
com Glenn Ford

IMPERIO — Tel. 55134/5
EM 8.ª SEMANA
A's 15 e 21 h. (M/12 anos)
Continua a sua magistral carreira o maior filme de todos os tempos
OS DEZ MANDAMENTOS
Um espectáculo unico na vida de uma geração.

SÃO JORGE — BALCÃO 54154 PLATEIA 54153
15.15 - 18.15 e 21.30 (M/17 anos)
Um espectáculo extraordinário de incrível grandeza
OS VIKINGS
com Kirk Douglas, Tony Curtis, Ernest Borgnine e Janet Leigh

ROMA — Telef. 727778
18.30 e 21.45
ESTREIA
(M/12 anos)
Da comédia mais interessante do ano
PÃO, AMOR E... ANDALUZIA
com Vittorio de Sica, Carmen Sevilla e Peppino Filippo

MONUMENTAL — TEL. 55131
15.15 - 18.15 e 21.30 (M/6 anos)
Toda a alegria, sonho e magia numa das histórias mais famosas de todos os tempos com Russ Tamblyn e Alan Young
O PEQUENO POLEGAR

AVIS — Tel 47163
18.30 e 21.45 (M/12 anos)
ESTREIA
A espirituosa comédia que bateu na América um «record» de bilheteira
UM SOLTEIRO EM PARIS
Cinemascope, Eastmancolor, com Tony Curtis, Linda Cristal e Janet Leila

TERRASSA — TEL. 20917
A's 21 (M/17 anos)
MULHER ARDENTE
Tahiti

Coliseu

Esta noite, às 21 e 30, estreia sensacional da Grande Companhia Espanhola de Operetas e Zarzuelas, na maravilhosa opereta do mestre da música vienense Franz Lehar

Todo o deslumbramento de Viena, a sua alegria triunfante, a sua inteligente vivacidade, a sua cor, a beleza estonteante das suas mulheres, nos são dados numa das obras máximas de Franz Lehar «O Conde de Luxemburgo». Esta maravilhosa opereta, que simboliza uma época de elegancia, gentileza e amor, é apresentada, esta noite, ás 21 e 30, no Coliseu, pela Grande Companhia Espanhola de Operetas e Zarzuelas.

Sob a direcção artistica de Alfonso Goda, a companhia reune artistas notáveis como Marianella Barandalla, voz de oiro, Luísa de Cordoba, extraordinária intérprete, Tomaz Alvarez, portentoso baixo, e outros. Em cenários que são autênticas explosões de cor é reconstruido o mágico mundo vienense, cujo movimento nos é dado por quarenta coristas de ambos os sexos. O insigne maestro José Terol, com uma carreira cheia de êxitos, dirige uma orquestra magnifica. Um espectáculo de grandeza inexcedivel. Grande acontecimento artístico. O encontro de Lisboa, com Viena! Amanhã, á tarde, ás 16 horas «O Conde de Luxemburgo».

MARIANELLA BARANDALLA
artista lirica

Recintos de diversões

No Sport Futebol Damaiense, na Damaia, efectua-se amanhã, pelas 16 horas, uma festa de homenagem ao sr. Ernesto Santos, para a qual deram a sua adesão Maria Amélia Proença, Mário Rocha, Joaquim Silveirinha, Henrique Ribeiro, António Ramos, Renato Morgado, Domingos Pereira, José Inácio e Domingos Costa. A festa é dirigida pelo sr. António Silva.

PAM PAM

Av. Alm. Reis, 151-A
(Ao Chile)
Telef. 49246 e 40007

QUE HOJE REABRE COMPLETAMENTE REMODELADO INAUGURA A SUA «BOITE» FOLCLÓRICA — TIPICAMENTE PORTUGUESA — com a presença de um elenco notável, de que fazem parte

GINA MARIA
RAUL PROENÇA

e o CONJUNTO FLAMINGO de ARTUR REBOCHO com a grande atracção italiana

CESARE SABARESI

á guitarra: ALBERTINO VILAR
á viola: JOSÉ INACIO

AMBIENTE DISTINTO
SELECÇÃO RIGOROSA!
(Adultos — Maiores de 17 anos)

O GRANDE ACONTECIMENTO DA TEMPORADA

O TIVOLI

TEM A HONRA DE ANUNCIAR
A APRESENTAÇÃO
nos dias 27 e 28 de Abril às 21,30 horas
— da —

COMEDIE FRANÇAISE

EM VISITA OFICIAL PATROCINADA PELO GOVERNO FRANCÊS

2 únicos espectáculos com o mesmo programa

I—L'ECOLE DES MARIS, de MOLIÈRE
II—LE JEU DE L'AMOUR ET DU HAZARD, de MARIVAUX

Interpretes: Robert Manuel, Jean Marchat, François Vibert, Jean Louis Jemma, J. Paul Roussillon, André Falcon, Micheline Boudet, Magali de Vendeuil e Yvonne Gaudeau.

— A representação do dia 27 será em recita de gala (trajo de cerimónia)

A Venda de bilhetes começa 3.ª feira, 31 do corrente

ADULTOS — M/17 ANOS

A HISTÓRIA PICANTE DO SOLDADO QUE FOI A PARIS COM FÉRIAS PAGAS PELO EXÉRCITO NA COMPANHIA DA MAIS BELA ESTRELA DE HOLLYWOOD!

Keenan Wynn · Elaine Stritch · Troy Donahue · King Donovan

CinemaScope Eastman COLOR

HOJE no AVIS às 18.30 e 21.45

FINALMENTE vamos conhecer ANNA DE BROOKLYN

ANNA DE BROOKLYN

Uma comédia de estirpe, com toda a boa raça latina e optimismo americano!

HOJE grandiosa estreia

São Luís
Alvalade

Gina Lollobrigida
Vittorio De Sica
Dale Robertson
Amadeo Nazzari

são os intérpretes excepcionais de

Anna de Brooklyn

ANNA DE BROOKLYN
UM SENSACIONAL EXCLUSIVO DA
ASTÓRIA FILMES
TECHNIRAMA—TECHNICOLOR
(Maiores de 12 anos)

DESPORTOS

O TORNEIO DE MONTREUX

O empate contra a Inglaterra

pôs em evidência a fragilidade flagrante do sector atacante da equipa portuguesa

(Especial para o «Diário de Lisboa»)

MONTREUX, 28—Decididamente, a equipa portuguesa não entrou no torneio internacional de hóquei em patins desta cidade com o pé direito. Depois de na jornada inaugural ter encontrado sérias dificuldades para bater os Gauleses, ontem, no ultimo desafio da sessão da tarde, limitou-se a empatar em frente dos Ingleses por 3-3, atingindo o intervalo com 2-2 no marcador.

E' certo que a um escasso minuto do fim, os Lusitanos venciam por 3-2. Todavia, mercê da sua contínua persistência, os valorosos Britanicos acabaram por lograr a igualdade e, por um pouco, não conseguiram o triunfo pois, quando restavam sòmente alguns segundos para ser assinalado o termo do encontro, Farrel, o excelente médio do «team» inglês, que ontem fez magnífica exibição, desperdiçou um «penalty», que seria o golpe de misericórdia.

Evidentemente que o «nulo», ante os antigos mestres da modalidade, não teria significado de maior se não para o fraco nível do hóquei praticado pelo quadro das quinas, o qual ainda foi mais posto em relevo com o 11-2 conquistado pelos Espanhóis sobre os mesmos adversários, no desafio realizado á noite.

O seelccionador nacional optou para a partida contra os Ingleses pela entrada de Souto no lugar de Vaz Guedes e pela inclusão de Rui Faria no posto de Virgílio. Mais tarde, o sintrense havia de sair para entrar Virgilio; e ainda depois este viria a tomar o lugar de Adrião. Até ao fim do encontro, como a querer dar a perceber da sua profunda aflição, o «responsável» tornou a fazer permutas entre os referidos três jogadores, permutas essas que, como é óbvio, não deixaram de perturbar não só esses elementos como os restantes...

A preocupação do técnico é natural, compreensível, mas a sua acção não deixou de fazer-se sentir no desenvolvimento do jogo do «cinco». A verdade, porém, é que poucas vezes o grupo lusitano terá vindo ao centro hoquistico suíço com tamanha falta de poder no sector atacante, como desta feita. E essa ausência de força acutilante, de objectividade, é filha afinal desta circunstancia, em que não valerá a pena falar, mas que é a não-presença destes dois homens — Velasco e Bouçós.

E' de salientar, entretanto, que o facto dos Portugueses ostentarem o título de campeões do Mundo contribui profundamente para a enorme vontade que todos os adversários mostram em os desfeitear. Ontem, os Ingleses não fugiram a essa regra. E como Farrell—talvez muito por culpa alheia—fez uma exibição em cheio, os Britanicos puderam alcançar um resultado com o qual talvez não contassem, como decerto não contariam com a «sova» de que foram vítimas ante os Espanhóis, entre os quais é justo salientar o formidável Puigbó, autor de seis dos onze tentos da sua equipa. Sem duvida que os Ingleses mostraram cansaço nesta partida, mas a verdade é esta — os Espanhóis estiveram superiores...

O trabalho individual dos nossos jogadores

Moreira não teve culpa nos golos sofridos. Souto, depois de um começo hesitante melhorou e acabou por cumprir. Adrião continuou a retardar as entregas facilitando a tarefa dos defensores contrários, por servir os avançados fora de tempo, os quais, portanto, se ressentem desse facto. Virgílio chegou a ocupar o lugar de médio. Nessa altura, o «cinco» surgiu mais perigoso no ataque. Não há duvida que Adrião tem de corrigir a sua maneira actual de jogar em benefício do conjunto. Rui Faria esteve regular e Vítor Rodrigues alternou coisas boas com as más.

Vaz Guedes está lesionado

O defesa Vaz Guedes sofreu uma contusão no tornozelo esquerdo. Contudo, o dr. Fernando Magalhães espera que ele esteja recuperado para os jogos de hoje. Entretanto, o seleccionador nacional hesita na sua utilização.

Basquetebol internacional

Os Franceses

treinaram esta manhã no Pavilhão dos Desportos

e impressionaram pela superior técnica

Chegou, ontem, á noite a Lisboa, a equipa da França de basquetebol.

No aeroporto estiveram os directores da Federação Portuguesa srs. José Carlos Cardoso, Daniel Garcia e Eugénio de Morais, que apresentaram á caravana francesa as boas-vindas em nome daquela entidade.

Os jogadores franceses fizeram esta manhã, no local do encontro, durante cerca de hora e meia, um treino que foi dirigido por Robert Busnel.

Os visitantes ensaiaram algumas jogadas preconcebidas, «cortinas» e lançaram ao cesto de vários angulos. Foi impressionante o á-vontade e a descontracção dos seus movimentos.

O gigante Lefevre (2,18 metros), apesar da sua estatura e peso, tem certa mobilidade, mas não é tão precioso nos pormenores técnicos como por exemplo, Monclar, Baltzer, Mayeur e Dorigo.

A equipa que Robert Busnel trouxe a Lisboa é um conjunto que anda em rodagem para os Jogos Olímpicos, de Roma. Interrogado sobre este assunto, Robert Busnel afirmou que metade dos elementos que se encontram neste «team», tem todas as possibilidades de fazer parte da equipa olímpica da França.

A França disputou já esta época cinco encontros internacionais dos quais apenas perdeu um — contra a Hungria, em Budapeste, por 65-66. A história dos restantes é a seguinte: contra a Austria, em Viena, granhou por 67-52; contra a Bélgica, em Liège, venceu os Belgas por 72-58; contra a Roménia, em Mulhouse, ganhou por 71-67; contra a Jugoslávia, em Tours venceu por 68-60.

Depois do encontro com Portugal, a equipa da França ainda enfrentará este ano os conjuntos da Espanha, Suíça e Alemanha.

Está, portanto, provada a classe dos nossos adversários, sendo, assim, enorme o interesse que reina á volta da partida, principalmente, para se apreciar até que ponto os Portugueses podem contrariar a técnica dos Franceses.

A equipa de Portugal que está em estágio, na quinta da Graça, mantém-se com o moral fortalecido e espera poder oferecer boa réplica.

CALENDÁRIO

HOJE (noite):
Alemanha-Holanda
PORTUGAL-Suíça (20 e 20)
Espanha-Itália

AMANHÃ
França-Holanda
Alemanha-Itália
Inglaterra-Suíça
Espanha-PORTUGAL (21 e 10)

2.ª FEIRA:
Alemanha-PORTUGAL (14 horas)
Inglaterra-Holanda
Espanha-França
Alemanha-Inglaterra
Espanha-Suíça
Itália-PORTUGAL (21 e 10)

Entre parêntesis indica-se a hora (de Lisboa) a que actua a equipa de Portugal.

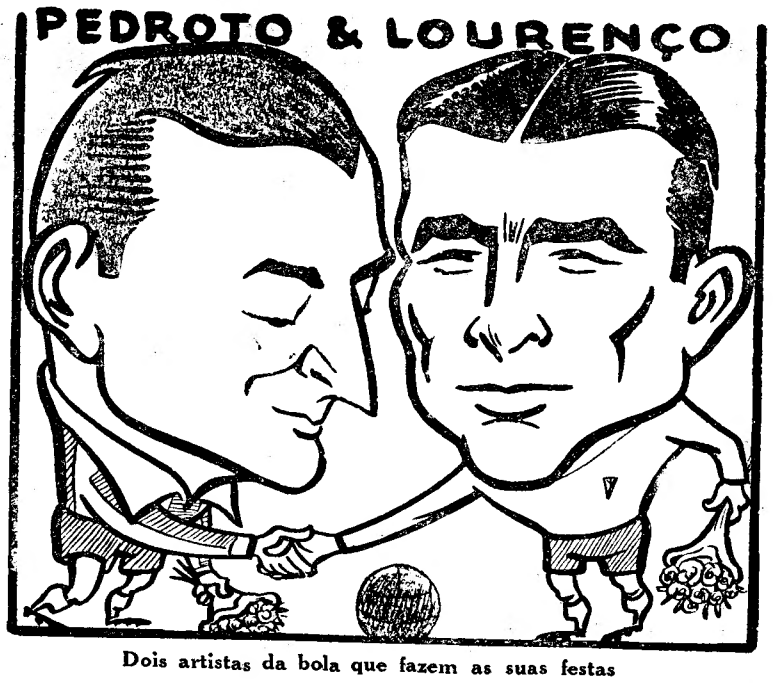
RESULTADOS

1.º DIA		
Espanha-Holanda	**7-2**	**(2-1)**
Suíça-Alemanha	**9-3**	**(5-2)**
PORTUGAL-França	**3-0**	**(0-0)**
Itália-Inglaterra	**3-2**	**(0-2)**
2.º DIA		
Itália-Holanda	**5-3**	**(2-1)**
Suíça-França	**7-1**	**(3-0)**
PORTUGAL-Inglaterra	**3-3**	**(2-2)**
Itália-França	**5-2**	**(3-1)**
Suíça-Holanda	**4-1**	**(1-0)**
Espanha-Inglaterra	**11-2**	**(5-0)**

O SPORTING

em Albergaria-a-Velha

A categoria principal do Sporting Clube de Portugal defronta depois de amanhã, em Albergaria-a-Velha, a equipa do Sport Clube de Alba, reforçada com alguns jogadores de clubes do distrito de Aveiro.



Dois artistas da bola que fazem as suas festas

FUTEBOL

Pedroto e Lourenço

são homenageados amanhã

Não se realizam jogos oficiais

Terminado o Campeonato Nacional da 1.ª Divisão, de repente, verificou-se que os clubes principais ficavam inactivos. Quer dizer, apesar de ter havido tempo suficiente para se pensar na promoção de torneios de jogos particulares, dado que o calendário das provas oficiais antecipadamente aprovado — antes da abertura da época — isso fazia admitir (e até exigia), não se precedeu a qualquer diligência positiva tendente a servir o próprio futebol. A ideia da A. F. L. que a tempo e horas, projectou um torneio quadrangular, não foi por diante, por falta de entendimento.

Lamenta-se o sucedido, porquanto os adeptos do jogo e os próprios atletas justamente consideraram-se prejudicados com esta estranha paralisação.

Segundo uma determinação superior, não são permitidos, no domingo de Páscoa, jogos oficiais, Assim, a fase inicial da «Taça de Portugal» foi interrompida enquanto que o início da «poule» de mudança de divisão foi marcado para o dia 5 de Abril.

A forçada paragem foi, no entanto, aproveitada para a organização de duas festas de homenagem dedicadas aos internacionais José Maria Pedroto e Miguel Lourenço, a primeira destinada a distinguir o excelente labor de um atleta aprumado e digno e a segunda norteada por louváveis intuitos de solidariedade — manifestação que pelo seu significado merece ser devidamente realçada.

O internacional do F. C. do Porto, dos mais valorosos que passaram pelo nosso futebol, conta com a presença de uma equipa alemã, o Furth de Nuremberga. Naturalmente, o publico, que se deslocará ao Estádio das Antas, aguarda com interesse esta apresentação dos jogadores alemães, os quais defrontarão os Portistas. O programa engloba um desafio preliminar entre o Salgueiros e o Leixões e a consagração dos campeões nacionais. Uma

(Continua na 10.ª página)

Os jogadores do grupo nacional com António Henriques (seleccionador) e José Castro (dirigente)

Várias provas de amanhã

CICLISMO

Por sugestão dos clubes, a Associação de Ciclismo do Sul faz disputar amanhã uma corrida de preparação para amadores (sem distinção de categorias, mas com classificações em separado). A distancia a percorrer é de 105 quilómetros, entre o Campo Grande (topo Norte), Lumiar, Estrada do Desvio, Odivelas, Caneças, Belas, Algueirão, Granja, Lourel, Terrugem, Carvoeira, Mafra, Malveira, Venda do Pinheiro, Lousa, Loures, Frielas, Apelação, Sacavém e Avenida Rio de Janeiro (chegada).

A partida está marcada para as 8 horas.

DESPORTO CORPORATIVO

O 17.º Campeonato Nacional de Futebol (distrital de Lisboa) tem a 18.ª jornada da prova da 1.ª Divisão e a 2.ª da fase final da 2.ª Divisão. Os encontros marcados são os seguintes:

1.ª Divisão — S. C. Cervejas c. Comp. Carris, em Belém, ás 9 h.; Comp. dos Telefones c. S. C. Guerin e Oficinas de S. José c. F. L. Sacavém, na Picheleira (Telefones), respectivamente, ás 9 e 11 h.

2.ª Divisão—Comp. Carris c. F. C. Regina, em Belém, ás 11 h.; C. N. Electricidade c. Fábrica Simões e Banco de Angola c. Simca Portuguesa, no campo de treinos (pelado) do Estádio Nacional, ás 9 e ás 11 h., respectivamente.

FUTEBOL

A A. F. L. marcou para amanhã um unico encontro, respeitante á 1.ª fase do campeonato distrital da 3.ª Divisão (Série B), que ficou em atraso. No campo da Amoreira, ás 15e 30 h. jogarão as categorias de honra do Povoense A. C. e do Ponte de Frielas.

●

O União de Montemor e o Juventude de Évora acordaram em disputar amanhã um encontro de futebol, que se realiza no campo do primeiro desses clubes.

GOLFE

No campo do Esoril disputa-se mais uma torneio do calendário de provas do C. G. E. — o da taça «Marx-Nielsen», para senhoras e homens, por pancadas, com e sem abono.

TÉNIS

Nos «courts» do Clube de Ténis de Lisboa, em Monsanto, prossegueem as duas provas organizadas pelo Sporting Clube de Portugal, para atribuição das taças «Sporting» e «Álvaro Costa».

O programa dos encontros só pode ser elaborado depois de efectuados os encontros marcados para hoje, á tarde.

TIRO A CHUMBO

A actividade no «stand» do Lumiar prossegue, a partir das 14 horas, pois o Clube Português de Tiro a Chumbo faz disputar uma prova de «skeet», a 25 pratos, e outra aos pombos (5 pombos). As duas competições são dotadas com as taças «Páscoa».

HOJE, À NOITE

BASQUETEBOL — No Pavilhão dos Desportos, ás 22 horas, disputa-se o 6.º Portugal-França. Antes, ás 21 horas, Algés e Almada enfrentam-se para o Campeonato Nacional da 2.ª Divisão.

No campo do Bessa, ás 22 horas, Boavista-F. C. Porto para o Nacional (Zona Norte).

HÓQUEI EM PATINS — A partir das 20 e 30 horas, no rinque do Futebol Benfica, realiza-se um festival em que as equipas do clube defrontam as do Campo de Ourique (seniores e infantis) e Académica da Amadora (juniores).

TÉNIS DE MESA — Individuais de seniores nas mesas do Ateneu, Ávila, Andorinha, Benfica, Pedrouços e Sporting, a partir das 21 e 30 horas.

XADREZ — Prossegue o Regional da 1.ª Divisão com as partidas Ateneu-Sporting e Benfica-Alekhine.

Rosa dos Ventos

Começam depois de amanhã em Málaga (Espanha) as filmagens do primeiro grande filme «aromático», em cujos preparativos o filho de Mike Todd trabalha há sete anos. Á medida que o filme se projecta no «écran», os espectadores sentirão na sala os perfumes correspondentes ás imagens projectadas, que serão sincronizados com a projecção graças a um mecanismo adaptado ás cadeiras. Se a heroina passeia num jardim, espalhar-se-á na sala um perfume de flores; se acende um cigarro, o cheiro do tabaco afectará imediatamente as narinas dos espectadores. Muitos cinemas americanos estão já a equipar-se de modo a permitir a projecção dos filmes aromáticos. O primeiro custará cerca de seis mil contos. Tomarão parte nele três mil figurantes, na sua maioria andaluzes. O entrecho conta a história de um turista inglês que se apaixona por uma andaluza. Ambos percorrem a Espanha de Norte a Sul, fugindo á perseguição de uma quadrilha de malfeitores, pretexto para a exibição de danças folclóricas e corridas de touros, que serão, naturalmente, ...odoríferas.

*

Durante um desafio de futebol em Buenos Aires, um espectador descontente com a actuação do árbitro caçou-o com um laço, interrompendo deste modo o jogo. Compareceu perante o tribunal, que o condenou a cultivar durante um ano o jardim do árbitro.

*

Antes da triste ocorrência de Vale de Gatos, em que perdeu a vida um casal inglês, vendiam-se em média, só no mercado da Ribeira Nova, duzentas toneladas de marisco de concha. No mesmo espaço de tempo, o consumo baixou para dois mil quilos. Como é fácil de calcular, este retraimento do publico está a causar incalculáveis prejuizos a milhares de pessoas que viviam da apanha, do transporte e da venda de mariscos. Uma vez que os viveiros de ameijoas do Algarve, que são os principais fornecedores do mercado, foram ilibados da interdição que sobre eles pesou, não se compreende, em boa verdade, que não se tenha restabelecido o comércio de mariscos, que os higienistas reabilitaram — e o publico não tem razão para preterir. Tanto mais que se trata de um excelente alimento, com sais e vitaminas indispensáveis ao organismo.

*

Uma sociedade americana de empresas eléctricas apresentou uma nova aplicação do princípio termoeléctrico. Trata-se de paineis destinados ás casas de habitação e que podem aquecer ou refrigerar o ambiente, consoante a luz que projectam.

*

A pedido da mulher, o sr. Silva foi ao médico.

— O sr. é hidrópico. Tem o corpo cheio de água.

— É impossível, sr. doutor, eu nunca bebo água.

E ao cabo de um momento de reflexão:

— Só se for do gelo que ponho no «whisky».

A «gripe azul» não alcançou as proporções da «asiática» na Europa e nos Estados Unidos

e causou poucos casos fatais

Como é já do domínio publico, após as colheitas de vírus gripal feitas muito recentemente por técnicos dos Serviços de Profilaxia das Doenças Infecciosas, tendo o Centro Internacional da Gripe, que entre nós funciona no Instituto Superior Dr. Ricardo Jorge, isolado o vírus tipo B, causador dos focos que há poucas semanas alastraram com intensidade nos países nórdicos e em Inglaterra, e dada a benignidade dos casos registados em Portugal, entendeu o Laboratório Nacional de Investigação Veterinária, que está apetrechado para o efeito, ser desnecessária a preparação da vacina.

Não deixou, entretanto, esta gripe já chamada dramáticamente «azul» de causar certo alarme nos nossos maiores centros populacionais e especialmente na vila de Alegrete, onde a doença chegou a tomar o aspecto de surto epidémico.

Confirmando estas conclusões dos nossos peritos, surge agora o ultimo relatório do Boletim Epidemiológico Hebdomadário da Organização Mundial de Saude a assinalar que efectivamente os surtos epidémicos de «influenza» verificados no decurso das ultimas semanas não chegaram a tomar em país algum amplitude comparável á da pandemia de 1957-58.

Sabe-se agora que os virus não foram os mesmos em todos os países que esta gripe atacou. Assim, na União Soviética, onde a epidemia atingiu o seu auge em fins de Janeiro, grassou efectivamente a gripe A2 (gripe asiática), assim como posteriormente na Polónia, Checoslováquia, Bulgária, Grécia, Israel, India e Japão.

Na Grã-Bretanha e na Irlanda, os cientistas encontraram vírus tanto do tipo A como do tipo B, sendo estes ultimos os mais frequentes. Esta gripe B, assinalada já, sob forma esporádica, em certos países, como a Alemanha Ocidental e a Checoslováquia, no decurso dos ultimos meses de 1958, tomou em Janeiro e sobretudo em Fevereiro do ano corrente proporções epidémicas em Itália e na Suécia, Dinamarca, Países Baixos, Jugoslávia, Suiça, França e no Norte da Alemanha.

Acontece ainda que em diversos pontos do Globo foram observadas afecções de sintomatologia gripal, cuja prova serológica se não pôde fazer ou que parecem dever atribuir-se a adenovírus. Tal seria, por exemplo, o caso de vários surtos epidémicos que se manifestaram nos Estados Unidos, onde, não obstante, vírus do tipo B foram incriminados em diversas regiões.

O que é certo e acima de tudo importa acentuar é que a doença se mostrou por toda a parte benigna ou moderadamente severa e não parece ter aumentado sensívelmente o ritmo normal da mortalidade.

A próxima viagem do Presidente do Brasil

RIO DE JANEIRO, 28 — O presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira parte no dia 2 de Maio para uma visita aos seguintes países: Japão, União Indiana, Egipto, Líbano, Indonésia e Ghana.

Kubitschek de Oliveira comunicou pessoalmente ao «leader» Armando Falcão que antes do fim deste mês o pedido de licença ao Congresso será entregue na Camara. — (A. N. I.).

DOENÇA SÚBITA

O jornaleiro Armando Cerro Lucio, de 60 anos residente na Rua Herois de Kionga 29, r/c, foi acometido de doença subita e mortal na sua residência. O cadáver foi removido para o Instituto de Medicina Legal.

CONDE DE BURNAY

Passa amanhã o 50.º aniversário do falecimento do conde de Burnay — uma das personalidades mais brilhantes do século XIX português

Em 29 de Março de 1909 faleceu de uma lesão cardíaca, abatido aos 71 anos depois de uma vida agitada e ardente em que nada quis poupar da sua poderosa vitalidade, o banqueiro Henrique Burnay, 1.º conde de Burnay. Homem de negócios de visão audaciosa, filantropo que sinceramente estimava a massa popular, homem de sociedade com dons invulgares de «charmeur», amador de arte de requintado gosto, publicista de fogosa personalidade, esta figura excepcional foi um padrão do século XIX tão denegrido e tão ignorado — e um vencedor na vida por mérito e esforço próprios. Imagem pessoal de uma sociedade livre, herdeira directa dos grandes combatentes do liberalismo heroico e romantico, só nela era possível uma vida e uma acção como a de Henrique Burnay, de tão multiplas facetas e tão corajosa capacidade empreendedora.

Os Burnays tinham velhas tradições ancestrais de forte carácter e iniciativa. A origem da familia parece ser inglesa ou normanda, com ramificações na Borgonha. As guerras religiosas, no século XVII, fizeram emigrar para a Bélgica um dos ramos da familia, que ali proliferou e contraiu alianças matrimoniais de boa estirpe. Em 1783 nasceu em Bovigny, onde o tronco familiar se enraizara, Jean Baptiste Burnay que a longa cadeia de vicissitudes da Revolução e do império napoleónico trouxeram a Portugal. Estabeleceu-se com industria e comércio de ardósias e mós para moinhos, depois com uma fábrica de curtumes em Torres Novas. Os Burnays eram de raça empreendedora, tenaz, afincadamente laboriosa. Com o peculio obtido no trabalho dos curtumes, Jean Baptiste decidiu-se a tentar a sorte em Lisboa e instalou nas ruinas no antigo forte de Santa Apolónia uma fábrica de óleo de purgueira que veio a ser, quase a um século de distancia, o bermem das grandes indústrias químicas criadas por Alfredo da Silva no Barreiro.

Entretanto, a familia aumentara. Jean Baptiste deixou 13 filhos, alguns nascidos no estrangeiro, outros em Portugal. Um deles, Henrique, nascido em Londres, em 1810, formou-se em Medicina e abriu consultório no Porto. Mas foi em Lisboa, na freguesia dos Mártires, que nasceu em 7 de Janeiro de 1838, um outro Henrique Burnay, filho do precedente — e que veio a ser o mais robusto ramo desta árvore de velhas raízes cosmopolitas.

O filho do dr. Burnay fez os seus primeiros estudos no Colégio Luso-Britanico, á Rua de S. Filipe Nery, que era então dirigido pelo Padre Joly, reitor do Seminário dos Inglesinhos. Naqueles tempos a vida de trabalho começava cêdo. Não se dispondo a fazer um curso superior como seu pai e como seu irmão Eduardo, futuro professor da Escola Politécnica, Henrique Burnay começou a trabalhar nos escritórios da empresa fundada pelo avô e então dirigida por seu tio João Burnay. Transitou mais tarde para a casa Carlos Kruss, Ld.ª, onde conheceu a enteada do proprietário, D. Maria Amélia de Carvalho. Com ela casou em Dezembro de 1863. E

(Continua na 13.ª página)

Automobilistas e peões observem amanhã (e sempre) prudência!

A quadra festiva proporcionou a ponte de três dias num fim de semana que, apesar do céu mal humorado e da temperatura ainda pouco primaveril, alicia os automobilistas á alegre evasão do quotidiano e enervante burburinho na cidade para o refastelo da paisagem campestre e um breve e descontraído período de alheamento contemplativo e reparador em lugares ou estancias repousantes.

Desde quinta-feira, as estradas registam um movimento extraordinário de automóveis, que amanhã, Domingo de Páscoa, se deve avolumar em torrente. Precisamente amanhã repete-se, pela terceira vez, por iniciativa da revista «O Volante», o «Dia da Prudência», legenda simbólica a incitar os condutores de veiculos e peões a que sejam cautelosos, moderados, previdentes, nas ruas e nas estradas, cumprindo as regras do transito, para que o dia festivo não seja turvado pela sombra negra das sangrentas tragédias. Que a prudência não seja apenas preocupação de um dia, mas esteja sempre presente no espírito dos que andam nas ruas e pelas estradas, de automóvel ou a pé!

Alves Barbosa no "contra-relógio" e consolidou a sua

A prova ciclista «Gazcidla», iniciada anteontem para terminar hoje, teve esta manhã a sua quarta e penultima tirada, entre a Praça do Império e o Guincho, na distancia de 30 quilómetros, tendo sido disputada «contra-relógio».

A corrida suscitou interesse, pois admitia-se que ela viesse a definir melhor as possibilidades dos concorrentes, separados entre si por diferenças mínimas.

As partidas começaram a ser dadas ás 9 horas, da Praça do Império, com intervalos de cinco minutos, largando os 22 concorrentes, ainda, na prova, pela ordem inversa da classificação geral. Cada qual partiu, lutando contra o tempo, em busca de uma melhoria de classificação.

Ao fim e ao cabuo apurou-se a seguinte classificação da tirada:

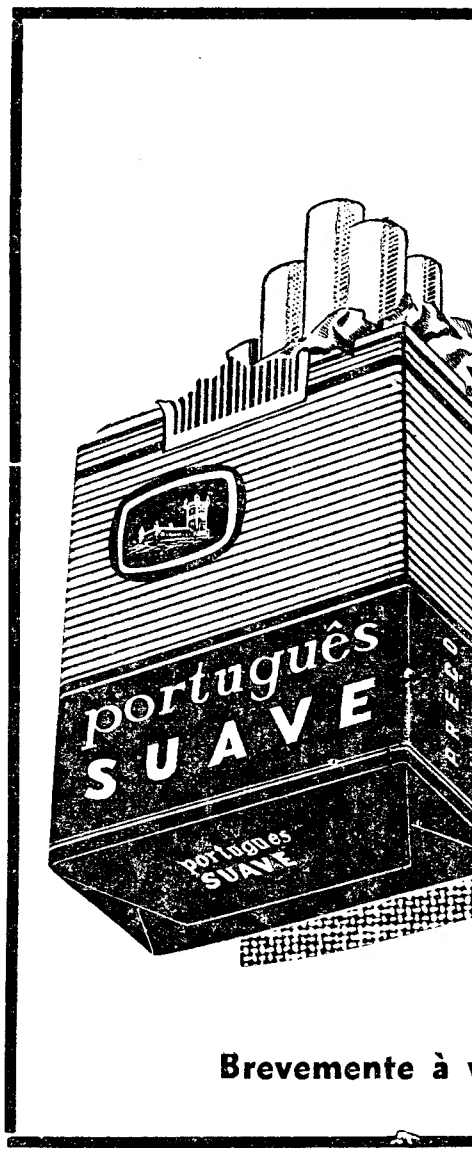
	M.	S.
1.º — Alv. Barbosa (Sang.)	49	5
2.º — José da Costa (Bel.)	51	11
3.º — Art. Coelho (F.C.P.)	51	57
4.º — Aquil. Santos (Sang.)	52	19
5.º — Agost. Brás (F.C.P.)	52	40
6.º — Man. Simões (Benf.)	53	18
7.º — Antonino Bap. (Sg.)	53	37
8.º — Sousa Santos (FCP)	53	41
9.º — Sérgio Páscoa (Tav.)	53	53
10.º — J. Marcelino (Benf.)	54	6
11.º — M. Almeida (F.C.P.)	54	7
12.º — Lima Fern. (Alp.)	54	7
13.º — J. Carvalho (Ac.) ...	54	26
14.º — A. Ferreira (Ac.) ...	54	29
15.º — J. M. Marques (Alp.)	54	33
16.º — A. Raposo (S. C. P.)	54	52
17.º — A. Neto (Tavira) ...	55	21
18.º — C. André (S. C. P.)..	55	27
19.º — A. Carreira (Belen.)	55	32
20.º — A. Francisco (Bf.)...	55	47
21.º — P. Junior (S. C. P.)...	55	49
22.º — A. Santos (Ac.)	56	13

Classificação geral à partida do Guincho para Lisboa (Alvalade)

Depois da corrida desta manhã, produziram-se alterações sensíveis

Presidente da Câmara de Cascais

CASCAIS, 28. (Pelo telefone). — Foi nomeado presidente da Camara Municipal de Cascais, o sr. major Vitor Novais Gonçalves, que toma posse no próximo dia 31.



losa triunfou

l-relógio" Lisboa-Guincho

a sua posição

, ini-
ar ho-
árta e
ça do
tancia
o dis-

, pois
efinir
con-
por di-

er da-
Impé-
minu-
entes,
inver-
a qual
o, em
lassifi-

u-se a
da:

if.	S.
49	5
51	11
51	57
52	19
52	40
53	18
53	37
53	41
53	53
54	6
54	7
54	7
54	26
54	29
54	33
54	52
55	21
55	27
55	32
55	47
55	49
56	13

al

)
nhanhã,
ssíveis

nara

cais
— Foi
Muni-
or No-
ho pró-

na classificação geral dos corredores. O unico que manteve a sua posição foi Alves Barbosa, que, pôde,

(Continua na ultima página)

O INFORTÚNIO

de uma «rainha» de beleza

VARSÓVIA, 28.—Uma «rainha» de beleza polaca, Domicela Gorzkowska, de 20 anos, tentou fugir da Polónia «em busca de fama, fortuna e de milionários admiradores», mas foi presa quando pretendia atravessar ilegalmente a fronteira— revelou na noite passada a agência noticiosa oficial polaca PAP.

A jovem Gorzkowska, que foi «Miss Katowice de 1958», será em breve julgada — acrescentou a agência. — (R.).

O transporte do leite pasteurizado e as garrafas seladas em que é distribuido

Lisboa começou hoje

a consumir leite pasteurizado na Central Leiteira e distribuido pela zona oriental da cidade

A data de hoje regista, na história do abastecimento de leite á capital, um acontecimento que, se não é decisivo para a solução de tão importante e grave problema — dado que a quantidade do produto pasteurizado fornecido foi apenas uma parte infima do que a cidade consumiu durante o dia — representa um passo largo no caminho do objectivo ideal que todos desejamos que venha a ser completamente alcançado e que se pode sintetizar assim: leite de vacas sãs, todo pasteurizado, a preço acessivel a todas as bolsas.

Foi efectivamente hoje o primeiro dia em que a população lisboeta pôde adquirir leite pasteurizado na Central Leiteira de Lisboa e distribuido pela U. C. A. L. em garrafas de vidro, tapadas com cápsulas metálicas.

De acordo com a U. C. A. L., e atendendo a que o abastecimento de leite pasteurizado vai ser feito por fases, a Central só pasteurizou hoje 8.000 litros de leite. E' que, além de só ter começado a ser servida uma determinada área citadina, muitos foram os vendedores ambulantes, os estabelecimentos e os consumidores que, neste primeiro dia, não fizeram as suas encomendas nos postos da entidade distribuidora; mas calcula-se que a quantidade de leite pasteurizado aumente progressiva e rápidamente, nos dias que se seguirem.

O serviço correu normalmente, como estava previsto: o primeiro carro, para abastecer postos da U. C. A. L., saiu da Central Leiteira, ás 3 e 30, com 4.000 litros de leite engarrafado; o segundo, para abastecimento de leitarias, pastelarias e «cafés», partiu ás 6 horas, com 2.000 litros; e o terceiro, com 2.000 litros para a distribuição da tarde, pelos postos, largou dali ás 11 horas.

Os postos abastecidos hoje e nos três dias seguintes são os de: Benfica; Avenidas Elias Garcia, Barbosa du Bocage, de Roma e de Paris; e Ruas José Duro, de Entre-Campos e de Arroios; e começaram a ser servidas as leitarias, os «cafés» e as pastelarias da zona oriental, delimitada pela Avenida Almirante Reis e pelas Ruas da Palma e da Madalena.

No dia 1 de Abril, o abastecimento estender-se-á aos postos do Restelo, da Ajuda, do Alto de Santo Amaro, da Lapa, de Campo de Ourique e das Ruas Marquês de Fronteira e D. Carlos de Mascarenhas e aos estabelecimentos compreendi-

(Continua na 13.ª página)

O tempo que faz

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o vento era moderado de Oeste, o céu estava muito nublado e chovia nalgumas regiões a norte do sistema montanhoso Montejunto-Estrela por acção de uma massa de ar marítimo transportada na circulação conjunta de um anticiclone centrado perto da Madeira e de uma depressão centrada ao norte dos Açores.

Temperaturas ás 9 horas: Penhas Douradas, 4°; Portalegre, 10°; Ponta Delgada, 11°; Porto e Coimbra, 13°; Faro, 14°; Lisboa, 15° e Funchal, 16°.

PREVISÃO ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ — Céu muito nublado, vento moderado de Oeste, possibilidade de aguaceiros durante a tarde.

AS TEMPERATURAS DE HOJE

Temperaturas extremas registadas hoje em Lisboa, até ás 15 horas: máxima, 17°,2; minima, 12°,7. No mesmo dia do ano pasado: máxima, 16°,4; minima, 10°,1.

— Temperaturas ás 9 horas, na Costa do Sol: na atmosfera, 15°,7; na água do mar, 15°.

Os acidentes de trabalho

que se registaram no País durante um ano

(Continuação da

camente 200.000 contos, o que mostra que grande parte dos trabalhadores não estava, de facto, ao abrigo do seguro.

«Estas incapacidades temporárias correspondem, em prejuizo para a economia nacional, além da verba indicada, á paralisação de 100 fábricas que empregassem 400 trabalhadores cada uma, durante um período de 120 dias, ou seja, a terça parte de um ano.

«Segundo a experiência americana, mas referida a estatística de vários países, podemos aceitar que, por cada 1.000 casos de acidentes de trabalho, quatro darão origem a invalidez permanente. Daí chegarmos á triste conclusão de que, cada ano, 1.600 operários portugueses ficam estropiados e incapazes para qualquer actividade util em resultado dos acidentes de trabalho.

«Julgamos não ser necessário citar mais numeros para justificar as conclusões que seguem e cujo interesse nacional deixamos á consciência de todos os dignos congressistas:

«1.° — Que seja criada em todas as escolas técnicas profissionais uma nova disciplina integrada nos respectivos cursos, que abranja conhecimentos gerais de segurança e higiene no trabalho.

«2.° — Que o ensino dessa disciplina inclua as necessárias exemplificações de ordem prática, de modo a criar nos alunos a consciência da sua necessidade como defesa própria e de terceiros».

A presidência

do Municipio de Lisboa

O «Diário do Governo» publica hoje os despachos concedendo a solicitada exoneração aos srs. tenente-coronel Salvação Barreto e Luís Pastor de Macedo, respectivamente, dos cargos de presidente e vice-presidente da Camara Municipal de Lisboa, com louvores pela forma como desempenharam as referidas funções, acentuando, em relação ao sr. tenente-coronel Salvação Barreto «o zelo e dedicação revelados no exercício das respectivas funções durante quinze anos, contribuindo, de modo notável, para a resolução de alguns dos mais instantes problemas da capital e para o prestígio da sua representação dentro e fora do País»; e, quanto ao sr. Luís Pastor de Macedo, também a sua contribuição «designadamente, para a notável acção cultural exercida pela Camara durante os ultimos anos».

A folha oficial insere, conjuntamente, o despacho nomeando para a presidência da edilidade o sr. brigadeiro António Vitorino França Borges.

TENTARAM EMIGRAR

clandestinamente para a América

e iam deitando fogo ao navio

No navio norte-americano «Exilona», que saiu de Lisboa no dia 9 deste mês, embarcaram clandestinamente dois indivíduos de nacionalidade portuguesa, que pretendiam seguir para os Estados Unidos, para onde aquele barco se dirigia, tendo, no entanto, sido detidos antes de haverem realizado o seu objectivo.

Trata-se de José Pedro da Marcelina, de 34 anos, e Armando Pedro Marcelino, de 32 anos, ambos naturais do Cadaval, os quais regressaram hoje a Lisboa, no navio da mesma nacionalidade «Exceller». Além do valor das passagens reivindicadas, no montante de 12.000$00 por cada indivíduo, parece que, durante a viagem, teriam provocado prejuizos resultantes do furto dos artigos de alimentação que seguiam entre a carga do navio.

A Polícia Marítima deve tomar conta das respectivas averiguações para determinar a responsabilidade que cada um cabe no que respeita, não só ao furto, como aos outros prejuizos resultantes da falta de pagamento das respectivas passagens e, o que é mais grave, quanto ao lume que devem ter feito dentro do porão, onde havia cortiça, e que se podia ter incendiado, com grave risco para a segurança do navio e, consequentemente, para as pessoas que nele seguiam viagem.

Desastres

QUEDA DESASTROSA — Deu entrada na sala de observações do hospital de São José, José Ferreira Constantino, de 44 anos, residente em Sintra, contuso, por ter caido de uma bicicleta.

DIVERTIMENTO PERIGOSO — Recolheu, em estado grave, ao mesmo hospital, Manuel Lucas Mourão, de 26 anos, barbeiro, de São Pedro de Penaferrim (Sintra), que foi atingido por um prato disparado por uma máquina que se destina a ser utilizada nos torneios de tiro aos pratos.

"Cinco réis de gente"

nova edição de um grande romance de Aquilino Ribeiro

Caso prodigioso é na verdade este de Aquilino Ribeiro, que, na idade em que os mais fecundos criadores abrandam o ritmo das suas produções ou se deixam conquistar pelos puros luxos da forma, em detrimento da realidade que comunicam, atinge porventura o ponto máximo da sua carreira com esse livro truculento, impressionantemente vivo, por vezes genial, que é «Quando os lobos uivam», imorredoura lição de beleza, de força inventiva, de audácia artística, entre as melhores obras da nossa literatura de sempre. Vem esta nota a propósito da reedição, que acaba de sair, de outro livro de Aquilino Ribeiro—«Cinco reis de gente», delicioso romance de sabor memorialistico, com aquele toque de «verdade» conseguida, de intensa verosimilhança, de ilusão plena, na reconstituição interior e no cenário violentamente mágico de uma infancia, em que o autor da «Via Sinuosa» sobreleva os grandes exemplos dos seus avós nas letras pátrias. O mestre da natureza, o mestre da alma equilibram-se nesta «feérie» rustica, em que silva o mais genuino e fecundo estilo (sem andar jamais á solta) da castiça Lusitania. Após «A Casa Grande de Romarigães» e «Quando os lobos uivam», esta 2.ª edição de «Cinco reis de Gente» afirma deslumbradoramente a mocidade eterna do génio de Aquilino.

FUME

O NOVO

"PORTUGUÊS SUAVE"

NOVA EMBALAGEM

CIGARROS CHEIOS

E SEMPRE A MESMA DELICIOSA E CELEBRE MISTURA

mente à venda em todas as tabacarias

É sempre prova de carinho dar uma prenda de gosto ás pessoas de amizade

GRANDE OURIVESARIA DA MODA

Rua da Prata, 257

Alegre Domingo de Páscoa

no «BARRETE VERDE» em BENAVENTE — O mais original e tipico restaurante do Ribatejo — ALMOÇOS E JANTARES COM EMENTAS REGIONAIS. ACORDEONS — RANCHOS FOLCLORICOS. Infantil da Casa do Povo da Chamusca «40 figuras». Tipico Barrete Verde (campinos e camponesas). Os pescadores de Escaropim (pescadores e varinas) com suas DANÇAS E CANTARES REGIONAIS, FANDANGO, etc. (6 anos). As mesas que restam podem ser marcadas pelo Tel. 74 Benavente.

APARTAMENTOS PARA ESCRITÓRIOS,

comércio ou habitação; vestíbulo, 2 salas, Banho e recanto cozinha adaptável a arquivo, aquec.° central, etc.

R. António Maria Cardoso, 15

Desportos

(Continuação da 7.ª página)

tarde, portanto, propícia a um bom espectáculo.

No campo da Tapadinha, gentilmente cedido pelo Atlético, Miguel Lourenço será homenageado no decorrer de um festival, cujo programa é o seguinte:

Benfica-Estoril, ás 14 horas
Belenenses-Sporting, ás 16 horas

O «drama» do internacional estorilista foi compreendido pelos clubes que se prontificaram a colaborar na tarde desportiva. Espera-se, logicamente, que os adeptos também saibam corresponder e, assim, compareçam em elevado numero a fim de que um atleta dedicado, mas infeliz, sinta á sua volta um carinho de que é credor.

Os «Colóquios Desportivos» do I. N. E. F.

começam no dia 30

Promovidos pelo Instituto Nacional de Educação Física, começam no próximo dia 30, os «Colóquios Desportivos» que aquele estabelecimento de ensino leva a efeito nas suas instalações, até ao dia 2 de Abril, para o debate de problemas do maior interesse para a ginástica e para os desportos.

Os «Colóquios Desportivos» são divididos em três secções: Escolar, Não Escolar e Instalações Diurno-Desportivas, a que presidem, respectivamente, os srs. drs. Celestino Marques Pereira e Tibério Antunes e eng.º J. Ferreira da Cunha, tendo como relatores os professores Mário Saraiva, Serradas Duarte e Teotónio Lima.

Nas reuniões podem participar todas as pessoas que se interessem pelos problemas a debater.

A cantina do I. N. E. F. fornece jantares a preço módico.

TAUROMAQUIA

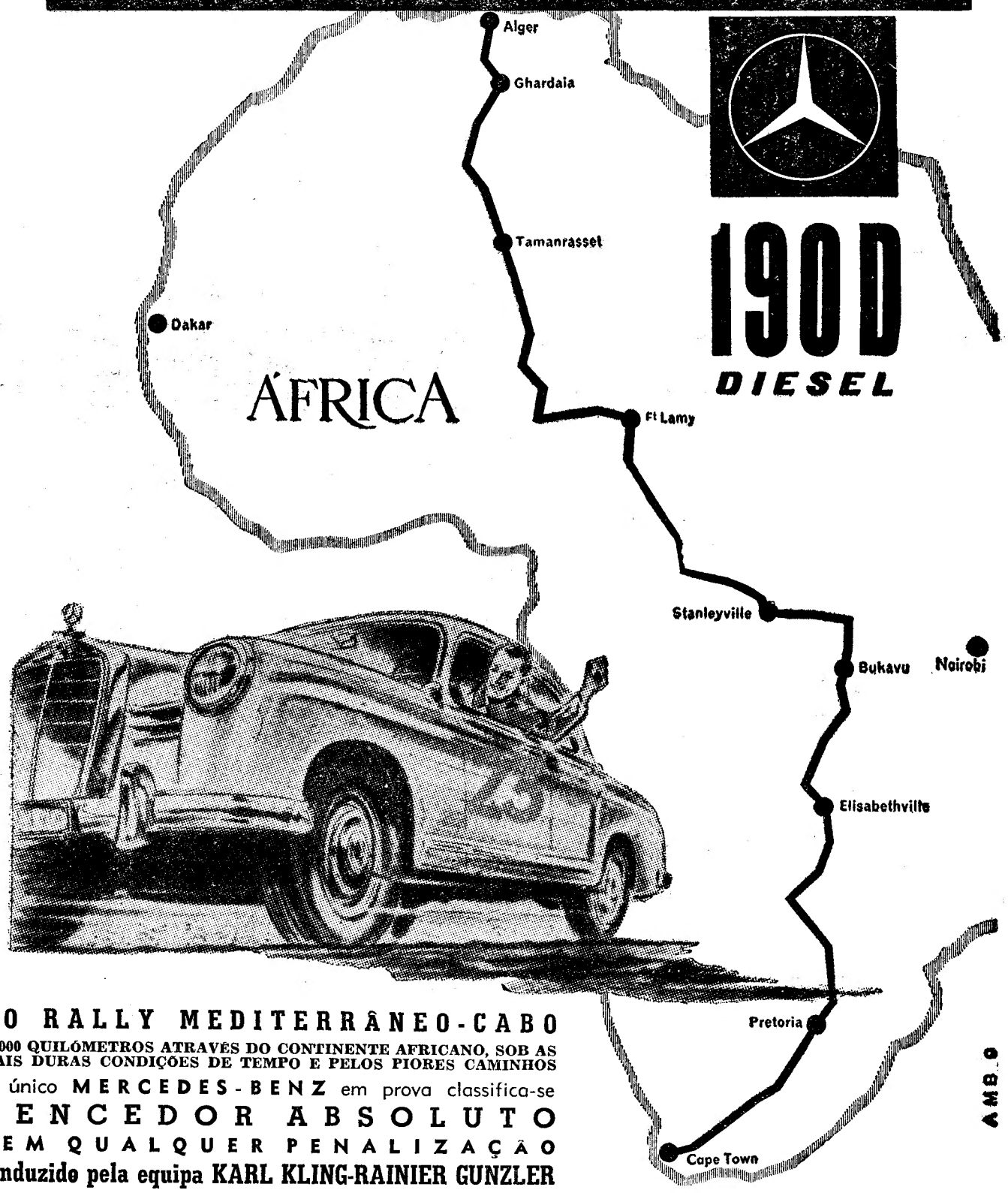
Amanhã, no Campo Pequeno

Amanhã, ás 16 horas, inaugura-se a temporada no Campo Pequeno, com touros dos Irmãos Neto, de Benavente, para os cavaleiros Simão da Veiga e Pedro Louceiro e para os novilheiros Armando Soares e António Gonzalez que faz a sua apresentação em Portugal. Trata-se do unico novilheiro admitido no recente festival madrileno de matadores de touros, em que cortou orelha, tal como agora em Valência, onde foi classificado como o continuador de Manolo Gonzalez, do seu mesmo apelido e conterraneo sevilhano.

Pede-nos o director da banda musical do Campo Pequeno, Cristolino Gonçalves, para anunciarmos que no intervalo da corrida de amanhã, e durante as actuações dos novilheiros, será executado um seu novo «paso-doble» dedicado a Francisco Mendes e José Trincheira, e para Simão da Veiga aquele a que deu o nome do cronista tauromáquico do nosso jornal.

SENSACIONAL TRIUNFO DE UM

MERCEDES-BENZ



NO RALLY MEDITERRÂNEO-CABO
14.000 QUILÓMETROS ATRAVÉS DO CONTINENTE AFRICANO, SOB AS MAIS DURAS CONDIÇÕES DE TEMPO E PELOS PIORES CAMINHOS
O único MERCEDES-BENZ em prova classifica-se
VENCEDOR ABSOLUTO
SEM QUALQUER PENALIZAÇÃO
conduzido pela equipa KARL KLING-RAINIER GUNZLER

REPRESENTANTES
C. SANTOS LDA.
LISBOA • PORTO • COIMBRA • BRAGA • OLHÃO
AGENTES EM TODO O PAÍS

DINHEIRO
SOBRE AUTOMÓVEIS
Emprestamos a juro inferior ao da Lei e nas melhores condições. Rapidez na transacção e sigilo absoluto. «A LUZAFRICA» — Calçada do Carmo, 6, 2.º (Esquina do Rossio) — Telefones 24524 e 368080.

O «Diário de Lisboa» vende-se no PINHAL NOVO, na casa Manuel Maria Marques.

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELECTRICOS

GIRA-DISCOS
(Chassis)
390$00
Alemão. 4 velocidades
o melhor do mercado
Consulte a
DISCOTECA DO CARMO, LDA
Rua do Carmo, 63 - LISBOA

Se pretende comprar máquina de somar ou calcular
«PRECISA»
Consulte:
Henrique Passos Durand
Rua Frei Manuel do Cenáculo 3-2.º, D.º — Telf. 847332

VIVENDA
PRETENDE-SE
entre Paço de Arcos, Caxias ou Lagoal, com quinta. Prefere-se com vista de mar.
Retsposta a este jornal ao n.º 2081.

Companhia Nacional de Navegação
Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada
CAPITAL 100.000 CONTOS
Sede em Lisboa — Rua do Comércio, 85

São avisados os Srs. Accionistas que a partir de 1 de Abril e até 30 do mesmo mês se encontra a pagamento o dividendo relativo ao exercício de 1958, em todos os dias uteis, das 10 ás 12 e das 14.30 ás 16 horas, excepto aos Sábados.

Passado este prazo, o pagamento só se efectuará ás Quartas-feiras.

No Porto o pagamento efectuar-se-á na nossa Sucursal, Rua Infante D. Henrique, 63, na forma estabelecida.

Os dividendos em atraso serão pagos aos Sábados, das 10 ás 12 horas.

Lisboa, 25 de Março de 1959.

A ADMINISTRAÇÃO

TWA ORGULHA-SE DE ANUNCIAR O PRIMEIRO E ÚNICO SERVIÇO A JACTO SEM ESCALA ENTRE NOVA YORK E S. FRANCISCO. TEMPO RECORD DE CINCO HORAS E QUARENTA E CINCO MINUTOS. O MAIS RÁPIDO E EXPERIMENTADO AVIÃO DO MUNDO — O JETSTREAM JACTO 707 — NO ESPAÇO DE TEMPO QUE LEVAR PARA LER ESTE ANÚNCIO O JETSTREAM JACTO 707 TERÁ VOADO 10 QUILÓMETROS

JÁ PENSOU QUE VOANDO NO JETSTREAM JACTO 707 PARA S. FRANCISCO PODE JANTAR EM LISBOA E ALMOÇAR NA CALIFÓRNIA?

ACOMPANHE O PROGRESSO VOANDO NO JETSTREAM JACTO 707

SÓ A TWA LIGA LISBOA E NOVA YORK COM 70 DAS PRINCIPAIS CIDADES AMERICANAS

LISBOA-CALIFÓRNIA: UMA SÓ COMPANHIA... UM SÓ BILHETE... UM SÓ SERVIÇO... UMA SÓ PARAGEM...

CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS OU TWA

*JETSTREAM É UM EXCLUSIVO DA TWA

AVENIDA DA LIBERDADE, 258 • LISBOA • TELEF. 58123

O PORTO pelo telefone

Atropelamento mortal

PORTO, 28 — Um automóvel conduzido por Silvestre Sousa Junior, morador na Rua Alvaro Castelões, 143, atropelou na Rua Faria Guimarães o varredor da Camara Municipal do Porto, Julio de Carvalho, de 50 anos, morador em Milheiros, Maia, que faleceu pouco depois de ter dado entrada no Hospital da Misericórdia.

Cartaz do Porto

para amanhã

SA DA BANDEIRA — A's 21 e 45 — A revista «Vinho Novo».
TEATRO EXPERIMENTAL DO PORTO — As 21 e 45 — A peça «Linda Inês».
RIVOLI — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «A família Trapp na América».
BATALHA — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Novo festival Tom e Jerry».
TRINDADE — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Viena, cidade dos meus sonhos».
NUN ALVARES — As 21 e 30 — «Sortilégio de amor».
AGUIA DE OURO — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «Os Dez Mandamentos».
VALE FORMOSO — As 21 e 30 — «O pequeno pastor».
OLIMPIA — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «O arquiduque e a costureira».
COLISEU — A's 15 e 30 e 21,30 — Grande Companhia Internacional de Circo.
S. JOÃO — A's 21 e 45 — T. N. P.: «O diário de Anne Frank».
JULIO DINIS — A's 21 e 30 — «O bobo da corte».

Vida social

NASCIMENTO

Deu á luz uma robusta criança do sexo masculino a escultora e professora da Escola Técnica de Luanda sr.ª D. Maria Angélica Martins Nunes Taquelin, casada com o arquitecto da Camara Municipal daquela província ultramarina sr. Luís Taquelin e filha do nosso querido camarada de redacção Manuel Nunes.

EMBAIXADOR DO CANADÁ

FUNCHAL, 28. — Embarcaram ontem, á noite, no paquete «Moçambique», de regresso a Lisboa, o embaixador do Canadá e esposa, que estiveram de visita á Madeira. — (A. N. I.).

Em CHAVES o «Diário de Lisboa» vende-se na Casa Plastic. Rua Direita, 71.

NECROLOGIA

João Blanc de Castro Abreu e Mota

Com 44 anos, faleceu, vitimado por um ataque cardíaco, o professor de piano do Conservatório Nacional sr. João Blanc de Castro Abreu e Mota. Aluno laureado daquele estabelecimento de ensino, ascendeu a professor interino em 1941, cargo que vinha desempenhando com grande proficiência. O extinto, muito estimado pelos seus dotes de carácter, era filho do falecido general Amilcar Mota. O funeral saiu hoje, ás 16 horas, da igreja de S. Sebastião da Pedreira.

João Serandeses

Faleceu ontem, á noite, o sr. João Serandeses Iglesias, de 73 anos, pai do conhecido dirigente da Comissão Distrital de Árbitros de Futebol, de Lisboa, sr. José Serandeses, e do sr. Adolfo Serandeses, antigo árbitro de futebol.

O funeral realiza-se amanhã, ás 10 horas, da igreja da Pena, para o cemitério do Alto de S. João.

D. António do Amaral Bandeira de Tóro

Com 68 anos, faleceu o sr. D. António do Amaral Bandeira de Tóro, oficial dos C. T. T., natural de Viseu, casado com a sr.ª D. Elvira Gentil Homem Bandeira de Tóro, pai das sr.ªs D. Maria José Gentil Homem Bandeira de Tóro e D. Clotilde Celeste Gentil Homem Bandeira de Tóro; irmão das sr.ªs D. Honorata Bandeira de Tóro Freire, D. Margarida Bandeira de Tóro de Liz Abreu Velho e do sr. D. Carlos do Amaral Bandeira de Tóro, director do jornal «A Hora».

O funeral realiza-se amanhã, ás 11 horas, da Rua Engenheiro Vieira da Silva, n.º 2, 3.º, para o cemitério do Alto de S. João.

António Antunes Junior

Com 48 anos, faleceu o sr. António Antunes Junior, estimado funcionário da Agência Geral do Ultramar, que deixa viuva a sr.ª D. Irene Ibarguer Alves Antunes, e era pai da sr.ª D. Maria de Lourdes Ibarguer Antunes. O funeral realizou-se hoje, para o cemitério do Lumiar.

Joaquim Gil Martinho

GUARDA, 28. — Com 56 anos, faleceu o sr. Joaquim Gil Martinho, industrial de alfaiataria, casado com a sr.ª D. Maria do Carmo Godinho e pai dos srs. Amandio Gil Rocha Godinho, D. Maria Selda Rocha Godinho dos Santos e D. Maria Isabel do Carmo Godinho Gil e primo do sr. coronel Mendes Sacadura, comandante do Regimento de Artilharia 2, de Coimbra.

Virgínia Luisa dos Santos

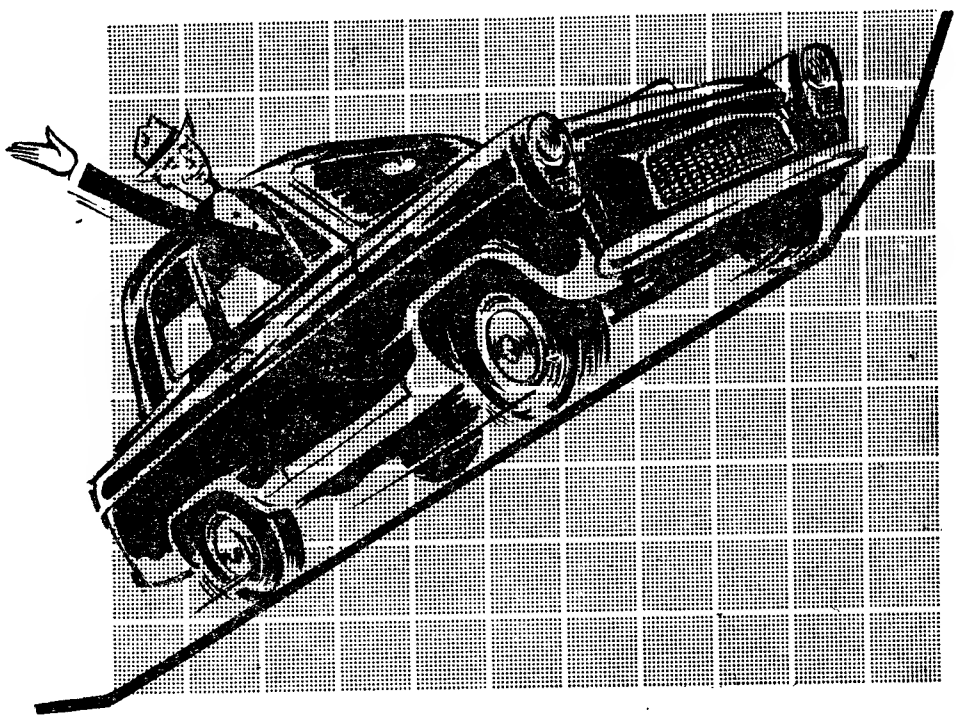
FALECEU

José Domingos dos Santos, Hermínia dos Santos Fernandes e seu marido, engenheiro Alfredo Fernandes, Ermelinda Leonor dos Santos Castanheira, Felicidade Luísa dos Santos e seu marido, Maria de Lourdes dos Santos Paulino e seu marido e mais família cumprem o doloroso dever de participar o falecimento da sua muito querida mãe, sogra, avó e parente e que o funeral se realiza amanhã, dia 29, pelas 15 horas da Igreja S. João de Deus para jazigo de família no cemitério do Alto S. João.

AGENCIA MARIO MILHEIRO

Rendimento!

UMA CARACTERISTICA ...



...FORD ANGLIA E PREFECT

O ANGLIA (2 portas) e o PREFECT (4 portas) dispõem de um motor mais potente que a maioria dos carros da sua classe: 36 HP. Velocidade máxima de 117 km/hora. Aceleração de 0-100 km em 30 segundos. Suspensão "McPherson" com molas helicoidais "extra-longas".

Todas estas qualidades juntamente com uma **distribuição de peso perfeita e baixo centro de gravidade,** tornam o ANGLIA e o PREFECT SUPERIORES em rendimento!

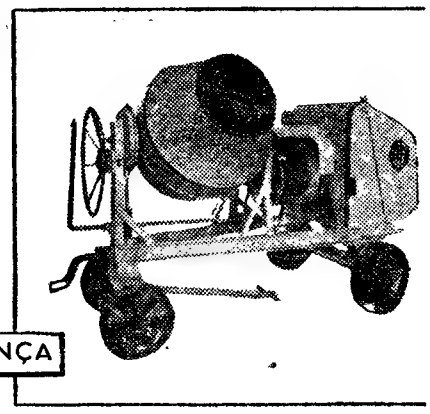
FORD EUROPA

CONCESSIONÁRIOS FORD EM TODO O PAÍS

J. MENDES COELHO, LDA. RUA ALEXANDRE HERCULANO, 6-A • TEL. 461 47-43523 ◀ LISBOA ▶ **AUTO BOAVISTA, LIMITADA** RUA DA BOA VISTA, 81-B • TEL. 669141/4

BETONEIRAS

SIMPLES OU COM
GUINCHO
DE 180 E 210 L^TS
ACCIONADAS POR MOTOR
PETTER
DIESEL OU PETRÓLEO



A MARCA DE CONFIANÇA

30 UNIDADES AO SERVIÇO DE UM SÓ CLIENTE

ALFREDO ALVES & C.ª (FILHOS)
E FÁBRICAS VULCANO E COLARES
RUA ACADEMIA DE CIÊNCIAS, 5 — LISBOA — TELEFONES: 31710/8/9
STAND DE EXPOSIÇÃO: BOQUEIRÃO DO DURO, 38 — LISBOA — TELEF. 66 47 88

LISBOA GARAGEM, L.DA

ACESSÓRIOS — Completo stock — Motos — Scooters das marcas Zundapp — Jawa — Lambretta

RUA ALEXANDRE HERCULANO 11-B
TELEF. 55536 — LISBOA

CÁLEM

VINHOS DO PORTO E BRANDY

1859 — ANO CENTENÁRIO — 1959

CAPITAL

Coloca qualquer quantia sobre prédios rusticos ou urbanos em todo o País, nas melhores condições

A FINANCIADORA
COMPANHIA NACIONAL DE CRÉDITO
S. A. R. L.

Sede em LISBOA: — Av. da Liberdade, 3-2.º
Sucursal no PORTO: — Pr. da Liberdade, 12-2.º
Dependência em COIMBRA: — R. Ferreira Borges, 15-2.º

"ITALIA"

SOCIETÀ DI NAVIGAZIONE

PARA:

AMÉRICA DO SUL

CONTE GRANDE	19 Abril	Dakar, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo, Buenos Aires
CONTE BIANCAMANO	14 Maio	

PARA:

MEDITERRÂNEO

CONTE BIANCAMANO	2 Abril	Barcelona, Génova, Nápoles, Cannes
CONTE GRANDE	26 Abril	

OS AGENTES:

Em Lisboa: AGENCIA MARITIMA TRANSATLANTICA, LDA. Rua do Alecrim, 20-A, 1.º Telefone 27264

No Porto: KENDALL, PINTO BASTO & C.ª L.da Rua Nova da Alfandega, 12 Telefone 26146

POLICLÍNICA CAMPO D'OURIQUE

Rua Francisco Metrass, 24, 1.º-Dt
Telefone 66 99 64

Dr. A. Ferreira Gomes — Doenças das crianças
Dr. Coelho Puga — Doenças dos olhos
Dr. Eduardo de Albuquerque — Doenças das senhoras — Partos
Dr. E. de Oliveira Machado — Clínica médica.
Dr. Henrique Soudo.
Dr. Coelho Lopes — Raios X
Dr. Eugénio Marques Lito — Análises clínicas

Café Coruja

RESTAURANTE TIPICO

Coruche — Telef. 114

PRATOS REGIONAIS

Caldeirada á Sorraia
Ensopado de Enguias
Lampreia c/Arroz á Moda da Casa
Filetes á Marisqueira
Lombo de Porco no Espeto
Frango de Caril á Coruja
Bifes de Vaca na Caçola
Cabrito á Moda da Casa

TODOS OS DOMINGOS RANCHOS FOLCLÓRICOS e FANDANGUISTAS DA REGIÃO

SE NÃO TEM MÁQUINA DE CALCULAR Utilize a ...
TABELA DE CÁLCULO
DE CAMPOS BEIRÃO
NAS LIVRARIAS E NO DISTRIBUIDOR: Ag. Tip. Castelo, Lda. R. Teixeira de Pascoais, 11-A-LISBOA

ATENÇÃO

Poderá V. Ex. limpar e encerar a vossa casa pela módica quantia de 20$00. Pessoal e aparelhos especializados. Telefone 59758.

O «Diário de Lisboa» é vendido em ALMADA por José Zeferino Matoso.

DIZ O MÉDICO...

(Continuação da 1.ª página)

primeiro, em escala de dinastia, foi o «606» («salvarsan» de Ehrlich), muito tóxico, dificultoso de manejo e também de aplicação. Seguiu lhe na esteira, ocasionando uma verdadeira revolução nos meios científicos, o «neosalvarsan», mais conhecido por «914», fraccionado em doses, novo raio de esperança no acidentado tratamento da lues. Passou-se a viver num clima de euforia, época dos arsenicais: «solusalvarsan», «sulfarsenol» com zinco e sem ele, «sulfarsfenamina», todos por via muscular, bem ou mal tolerados, causando, porém, sempre vítimas.

Só em 1934 apareceu o «mafarside», novo impulso e nova droga, que passou a ser empregada em quase todas as consultas hospitalares e dispensários antivenéreos. Tóxico, quando manejado sem discernimento, provocava, com frequência, distúrbios gastrintestinais e explosivas reacções de Herxheimer, isto é, recrudescimento e exaltação da afecção.

Entraram igualmente em cena os pentavalentes, entre eles, por via oral, o «stovarsol» e, por via muscular, o «acetilarsan» e o «arsaminol».

Seis anos antes (1928) Fleming observara e anotara, examinando uma placa de cultura, um facto notável: um bolor digerindo pacientemente colónias de bactérias. Pois esta descoberta, a de sir Alexander Fleming, só consumidos dez anos de estudo, levará Howard Florey e Boris Ernest Chain a isolarem o princípio activo: a «penicilina».

A guerra, a necessidade urgente de recuperar e economizar vidas, a visão e o dinheiro dos Americanos, a prévia certeza de triunfo, transformaram o sonho em realidade: a produção em massa, colocando-a ao serviço da Humanidade, do acidentado e do paciente agudo ou crónico.

Só em 1943, após hesitações de natureza vária, Mahoney introduziu a «penicilina» no tratamento da lues, demonstrando, numa comunicação que se tornou clássica, a acção treponemicida em quatro casos de sífilis recente em que tinham sido administrados a cada um dos enfermos um milhão e duzentas mil unidades em oito dias.

Sucederam-se as tentativas, os êxitos e as comunicações, mas só depois do aparecimento dos sais sódicos, potássicos e cálcicos foi possível aumentar as doses, passando-se a injectar aos doentes milhões de unidades de três em três horas (Joseph Earle Moore, «Penicillum in Syphilis», 1946).

A «penicilina», de acção retardada (óleo de amendoim, cera de abelhas, procaína, etc.) facilitou o manejo de altas doses: seis milhões em dez dias, escalonados durante uma semana, e o abandono da via venosa.

A «penicilina-procaína», misturada com o monoesterato de alumínio, permitiu o seguinte esquema: dois milhões de unidades no primeiro dia, idêntica dose no quinto, um milhão no nono dia, totalizando cinco milhões de unidades.

Com a adopção terapêutica dos antibióticos, de curto e largo espectro surgiram outras esperanças, permitindo ensaios em todas as direcções.

A «bacitracina» foi utilizada pela primeira vez em 1945: via muscular profunda, dez a vinte cinco mil unidades. Além da comprovada toxidade, ataca o rim, alterando e modificando o metabolismo renal. Os doentes reagem mal. Chegou a vez da «aureomicina» (1948), do «cloranfenicol» (1950), e da «terramicina», este mais indicado na neurossífilis.

A «eritromicina», nas doses de duzentos a quatrocentos miligramas, de seis em seis horas, durante quatro ou cinco dias, foi aplicada pela primeira vez em 1953.

A «carbomicina» (Buckinger, Hooking e Garson, 1955) foi também ensaiada por via oral no ataque á sífilis recente.

Têm-se indicado, com relativas vantagens, a «oxitetraciclina», na dose total de quatro gramas, em doses fraccionadas, e a «acromicina».

Porém, as estatísticas norte-americanas, amplas, bem organizadas, englobando diverso e abundante material de informação, referem em maior número os casos tratados com penicilina. A demonstrada e confirmada — amplamente confirmada — actividade treponemicida (fácil manejo, inocuidade, baixa ou nula toxicidade) impõem a penicilina como a droga de escolha no esquema actual de tratamento, preferida na grande maioria dos países e aconselhada pela Organização Mundial de Saúde, organismo responsável, que paralelamente chama, e muito bem, a atenção para o uso indiscriminado da droga.

A penicilina, de acção retardada, na dose de seis a oito milhões de unidades, fraccionada durante uma semana, mantém a reputação adquirida. Continua, pois, a ser empregada, tornando-se indispensável controlar a eficácia do tratamento com repetidas análises, reeditando-se o esquema se estas se mantiverem positivas.

Não se registou ainda resistência da parte do treponema pálido, e no estado actual da terapêutica não se justifica o regresso aos arsenicais, a não ser em casos muito especiais.

Todo o tratamento deve obedecer a um esquema pré estabelecido e ser exclusivamente realizado por indicação médica.

Com a penicilina «benzatina» (técnica de O'Obrien e Smith, 1952) podem injectar-se de uma só vez dois ou três milhões de unidades. Não constitui contra indicação a dor provocada no momento da picada. Esta desaparece sem deixar reacções focais.

Na lues cardiovascular convém associar a penicilina com o bismuto. Esta mistura utiliza-se e pratica-se, em grande escala, em muitos países da Europa (Vaisman e col., «Presse Médicale», Paris, 1954).

Numerosos sifilógrafos aconselham, no intervalo dos tratamentos, o uso de iodo e iodetos.

Na sífilis congénita (Hudson, «Non-Venereal Syphilis», Londres, 1957), as estatísticas confirmam que a penicilina é, ainda, o antibiótico de eleição (A. J. King, «Drugs in the Treatment of Syphilis», Londres, 1959).

Todos os tratamentos, as drogas mais inofensivas, têm, quando aplicadas a eito, os seus perigos, e a penicilina, sobretudo nos indivíduos traumatizados por pomadas, instilações nasais, supositórios, pastas e elixires dentifrícos, pode desencadear inesperadas crises de sensibilidade, alergias, choques anafilácticos, espectaculares crises de asma, tendo-se registado, entre nós e fora de Portugal, casos fatais.

A procaína tem sido responsabilizada pela maioria dos casos imprevistos. Ninguém tem dúvida de que existem indivíduos sensíveis, alérgicos á procaína. Tais reacções evitam-se desde que se faça uma intradermo injecção com um soluto de procaína a um ou dois por cento e se espere pelo resultado. No caso de se confirmar a suspeita, deve escolher-se uma outra droga.

Existe hoje uma penicilina anti-histamínica, isenta de procaína. Foi possível já encontrar um preparado que contém, além da penicilina G sódica, um complexo de penicilina anti-histamínico (PcA), muito pouco solúvel.

Injectam-se, sem inconveniente, por via muscular, oitocentas mil unidades internacionais por dia. A acção é ainda mais prolongada do que a obtida com os antigos preparados á base de penicilina-procaína.

A grande novidade, porém, é outra: os discípulos de Boris Ernst Chain, Prémio Nobel, conseguiram obter («Lancet», 7 de Março 1959) a penicilina de síntese, que destrói maior número de germes do que a natural.

Esta neo-penicilina, cuja produção em massa se prevê para um futuro muito próximo, parece não provocar qualquer espécie de alergia, nem desencadear crises de eczema ou urticária, ataques de asma e outras surpresas bem desagradáveis para o doente e também para o médico.

Que distante fica de todos nós a pobre farmácia de há meio século, pacata e inofensiva, com alteia, ruibarbo, unguentos, pomadas e xaropes!

A. d'E.

O abastecimento de leite

à população de Lisboa

(Continuação da página central)

dos entre a Avenida Almirante Reis e as Ruas da Palma e da Madalena e a Rua Nova do Almada, as Avenidas da Liberdade e António Augusto de Aguiar e a Estrada de Benfica.

O leite pasteurizado, tratado segundo os mais modernos métodos de higienização, apresenta-se em garrafas em cujas cápsulas está marcada a data do enchimento, não pode ser vendido a preços superiores aos fixados na recente portaria do Secretário de Estado do Comércio e que convém recordar:

Nos postos, para os consumidores: garrafa de litro, 3$30; de meio litro, 1$70; e de um quarto de litro, $90. Nos estabelecimentos e nos vendedores ambulantes: garrafa de litro, até 4$00; de meio litro, até 2$20, e de quarto de litro, até 1$30.

As garrafas de litro de leite pasteurizado são vendidas, nos postos, aos vendedores ambulantes, a 3$20, menos $10 que o preço de venda aos consumidores.

O leite comum, em bilhas, não passa pela Central Leiteira, continuando a ser vendido nos postos, a 2$90 aos consumidores e a 2$60 aos vendedores ambulantes que o revendem a 3$00.

Os horários dos postos

Entre outras cartas, pedindo que chamemos a atenção para a conveniência de alterar o horário de venda ao publico, dos postos da U. C. A. L., recebemos esta, do sr. Augusto Barbosa, morador na Rua Pascoal de Melo, 128, 2.º:

«Com os meus mais respeitosos cumprimentos, venho solicitar os seus bons oficios, no sentido de ser ventilado no jornal que tão dignamente dirige um assunto que me parece justo e de importancia publica.

Trata-se do horário estabelecido para a venda do leite pasteurizado nos postos da U. C. A. L., cuja abertura ás 8 horas, como está anunciado, não pode corresponder ás necessidades do publico.

Como sabe, a maior parte da população de Lisboa não possui frigorífico, razão pela qual terá de obter o leite para o pequeno almoço na própria manhã em que o toma.

Será isso possível, iniciando-se a venda a tal hora e sabendo-se que não existem postos em todas as ruas? As crianças, que devem ser as grandes beneficiárias do leite pasteurizado, dificilmente poderão tomá-lo antes da saida para as escolas e liceus.

Porque não utilizar para a venda do leite um horário semelhante ao dos talhos e das padarias? O leite é tão importante como a carne e o pão; e, se efectivamente se pretende ampliar o seu consumo, agora que se melhorou a qualidade, torna-se forçoso encarar o problema da sua distribuição em termos realistas.

Que pelo menos se faça a abertura dos postos da U. C. A. L. meia hora mais cedo, ás 7 e 30».

Achamos perfeitamente razoável esta sugestão que recomendámos á U. C. A. L. que, nos seus postos, observa o seguinte horário: ás 5 e 45, venda aos vendedores ambulantes; ás 6, venda para os estabelecimentos; e ás 8 para os consumidores.

O 50.º aniversário do falecimento do conde de Burnay

(Continuação da página central)

logo o espírito empreendedor o encaminhou para mais largos vôos, fundando com o comerciante belga Hector Guichard uma firma que tomou de exploração, para espectáculos teatrais, o Palácio de Cristal do Porto, depois da célebre Exposição Internacional ali realizada.

Em 1875 fundou Henrique Burnay, com seu cunhado Ernesto Empis, a firma Henry Burnay & C.ª. E' por essa época, já com uma primeira fortuna constituida, que se lança nas grandes operações comerciais e financeiras onde forjou, muito mais do que a riqueza transitória, a forte personalidade de homem de acção arrojado e clarividente que lhe deu singular posição na sociedade portuguesa.

Logo em 1876 o Banco de Portugal sofreu uma grave crise. Faltavam-lhe reservas metálicas para cobertura da troca de notas e, segundo as contingências da época, teve de fechar as portas. Henrique Burnay mobilizou todos os recursos de ouro e prata de que pôde lançar mão e abriu na Casa Havanesa um balcão de troca do papel-moeda circulante. A multidão afluiu á improvisada instalação cambial, o panico dissipou-se quando o publico verificou que não faltavam os metais preciosos no mercado e a calma restabeleceu-se. Por muitas vezes, posteriormente, a casa Burnay acudiu ao Tesouro publico em épocas de crise e facilitou ao Governo créditos financeiros que tornaram possíveis muitas realizações de fomento da época fontista.

Com a posição bem firmada, Henrique Burnay desdobrou as suas actividades em multiplos sentidos. Deu impulso decisivo ao Banco Nacional Ultramarino, criou em Lisboa os grandes Armazens Herminios, lançou-se na corrida aventurosa da construção de linhas férreas, chamou a si o monopólio da Companhia dos Tabacos, fez construir na antiga quinta do Marquês de Borba o Bairro Camões, que deu para muitas décadas o padrão das construções urbanas em Lisboa. São apenas exemplos, porque o Conde de Burnay — o titulo foi-lhe concedido por «carta régia» de 2 de Maio de 1888 — multiplicava-se em dezenas de iniciativas e actividades simultaneas, imprimindo á vida económica do País um ritmo de realizações que superava os seus hábitos tradicionais e talvez, em certos casos, as suas possibilidades.

Não eram apenas as ocupações do industrial e do argentário, porém, que o absorviam. Como todos os genuinos homens de acção e todas as personalidades verdadeiramente criadoras, o Conde de Burnay amava o povo e sentia-se feliz entre o povo. Nas grandes festas do centenário de Santo António, Lisboa viu-o passar a cavalo, de chapeu alto, casaca impecável e colete branco, á frente do cortejo civico para cuja contribuição concorreu largamente do seu bolso. Nos festejos publicos havia um pormenor a que o Conde de Burnay nunca faltava com o seu donativo generoso: o fogo de artificio. E havia para isso uma razão: dizia ele que era o divertimento que podia ser desfrutado gratuitamente por maior numero de pessoas.

O seu dinheiro, ganho largamente em operações audaciosas, circulava com prodigalidade singular. Financiou as comemorações do centenário de Camões, fundou a Sociedade dos Albergues Nocturnos de Lisboa, fez chegar o seu óbolo, discretamente, a muitos infelizes. E a sua paixão pelas obras de arte levou-o a coleccionar centenares de preciosas criações de todo o género, que depois de falecido se espalharam sem remédio perdendo-se muitas delas para o património artístico nacional.

Assim foi o Conde de Burnay, grande senhor da finança mas, acima de tudo, vontade criadora que o risco e a ambição estreita não detinham. Quem o conheceu lembra ainda essa figura de homem gordo, «bonhome» e irónico, de olhos vivos fulgurando sob as pálpebras semi-cerradas e a testa alta, rosto rubicundo enquadrado pela barba grisalha e densa. Tudo nele respirava confiança, solidez, domínio de personalidade que muitas lutas temperaram. Em 29 de Março de 1909, cansado de uma vida intensa e dissipada no trabalho, desiludido da acção cujos frutos nem sempre as circunstancias deixaram germinar como desejaria, o Conde de Burnay extinguia-se para sempre. Foi muito combatido, frequentes vezes atacado com dureza que nem sempre seria inteiramente injusta. Mas a verdade final, a que hoje vale a pena relembrar, é que Portugal teve nele uma das mais extraordinárias e poderosas personalidades do seu século XIX — muito menos «estupido» do que tantos dos seus detractores e capaz de produzir destas figuras de génio criador multiforme.

O Sábado Santo

foi celebrado na Sé

Entre as solenidades de Sábado Santo, celebradas com a presença de muitos fiéis em quase todos os templos de Lisboa, a efectuada na Sé Patriarcal teve, como é da tradição, grande pompa liturgica.

As cerimónias começaram ás 10 horas, sob a presidência do cónego José Amaro Teixeira, vice-reitor do Seminário Maior, dos Olivais, tendo assistido, além dos cónegos e beneficiados do Cabido, os componentes da Irmandade do Santíssimo, tendo á frente o respectivo juiz, conde de Sabugosa, e muitos fiéis. Houve matinas e laudes, desempenhando a parte coral, nos responsórios, os alunos daquele estabelecimento de ensino religioso, dirigidos na parte polifónica pelo padre dr. Manuel Luís, e na gregoriana, pelo padre José Ferreira.

Á entrada da capela-mor, via-se um grande e artístico candelabro de bronze, no qual ardiam 15 velas, correspondentes aos 14 salmos que foram cantados, sendo nove em matinas e cinco em laudes. A 15.ª vela destinava-se á cerimónia que representava a ressurreição de Cristo. As velas foram apagadas sucessivamente após o coro de cada salmo, para significar a extinção gradual da glória visível de Cristo na sua Paixão. Explicou aos fiéis as várias fases das cerimónias o cónego Gregório Neves.

A exemplo dos ultimos anos, as cerimónias da Ressurreição de Cristo celebram-se á noite, conforme o ritual seguido até ao século XIII. Na Sé Patriarcal, para este fim decorada com panejamentos de brocado franjados a ouro, os actos começarão ás 22 horas, com a solene vigília pascal, seguida da bênção do lume novo, do círio pascal e da água baptismal, da renovação das promessas do baptismo, na qual colaborarão todos os fiéis, que, para isso, empunharão velas acesas como símbolo da fé. Segue-se a missa solene da Aleluia. As cerimónias terminarão cerca da 1 hora da madrugada.

Amanhã, ás 11 e 30, na Sé Patriarcal, haverá missa de pontifical, pelo sr. cardeal-patriarca, com alocução e bênção papal, com indulgência plenária pelo eminente purpurado.

TOMOU POSSE

o novo presidente

do Municipio de Viseu

VISEU, 28. — (Pelo telefone). — O governador civil de Viseu, sr. dr. Marques Teixeira, deu hoje posse, no salão nobre do Governo Civil, ao novo presidente da Camara Municipal desta cidade, capitão Romão Loureiro, que está a fazer tirocinio para major e é delegado distrital da Mocidade Portuguesa.

O chefe do distrito teve palavras de apreço para o anterior presidente do Municipio, sr. tenente-coronel Silva Simões, e fez o elogio do sr. capitão Romão Loureiro, que agradeceu após palavras do presidente da comissão distrital da União Nacional, sr. dr. José Alberto Rodrigues. Entre muitas outras pessoas, assistiu ao acto da posse o deputado sr. dr. Abranches Soveral.

Foi louvado o director

do aeroporto de Santa Maria

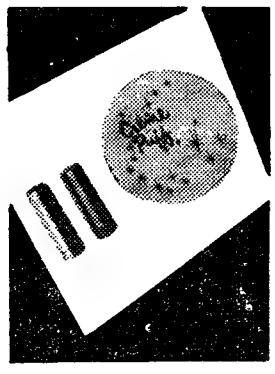
Foi oficialmente louvado pelo ministro das Comunicações o piloto aviador sr. Alexandre Nicolau Serpa Pinto de Mesquita Negrão, director do Aeroporto de Santa Maria, pela colaboração prestada no salvamento dos passageiros e da tripulação do navio «Arnel», encalhado na costa da ilha de Santa Maria, na madrugada do dia 19 de Setembro de 1958.

GRÁTIS!

A TODO O COMPRADOR DE Creme Puff

Sòmente Creme Puff lhe dá completa beleza num abrir e fechar de olhos! E sòmente Creme Puff conserva a sua pele tão bonita, porque sòmente Creme Puff, rico em creme base e creme de alimentação, vela pela sua correcta aparência a todos os instantes do dia

A sua beleza natural é realçada com a delicada luminosidade de Creme Puff.



hi-fi *conserva-se inalteravel nos seus lábios até que você queira retira-lo na favorita cor da moda* ROMAN PINK

color-fast *com lanolina o baton mais brilhante do mundo, na mais bela cor de rosa da Europa* ITALIAN TOUCH

Repare nesta extraordinária dádiva de beleza
A sua cor favorita do fabuloso Creme Puff de Max Factor — mais um baton Hi Fi grátis, e um baton Color-Fast grátis.

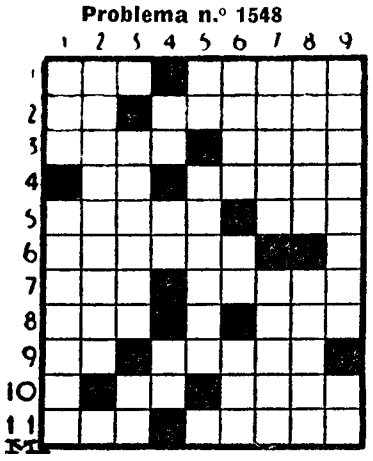
Creme Puff
de MAX FACTOR
HOLLYWOOD

BODAS DE OURO DE MAX FACTOR-HOLLYWOOD
50 ANOS DE MELHOR MAQUILHAGEM PARA MAIOR BELEZA

Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO)

Problema n.º 1548



HORIZONTAIS: 1 — Acolá. Protesta. 2 — Sexto. Maquines. 3 — Instrumento musical de sopro. Possuis. 4 — Artigo antigo. Perturbado. 5 — Ilha do Mediterraneo que tem Candia por capital.. Ruido. 6 — Abominará. 7 — Oceano. Careta. 8 — Partido. Escarneça. 9 — A ti. Motivo. 10 — Concede. Deus dos ventos. 11 — Repercussão do som. Combinas.

VERTICAIS: 1 — Fracção da unidade. Oficial que comandava os condenados ás galés. 2 — Independência. 3 — O que faz louça de barro. Compaixão. 4 — Aférese de «até». Basta! Nome que os Egípcios davam ao Sol. 5 — Símbolo químico do cromo. Sova. 6 — Amplo. Carta de jogar. Nome científico do mais. 7 — Nímia condescendência. Bagos. 8 — Queixo. Pequeno barco de pesca do Algarve. 9 — Aparecera em ponto alto. Artigo (pl.).

Resolveu completamente este problema?

Procure agora em segundo passatempo, o PROVERBIO nele inscrito.

Solução do problema n.º 1547

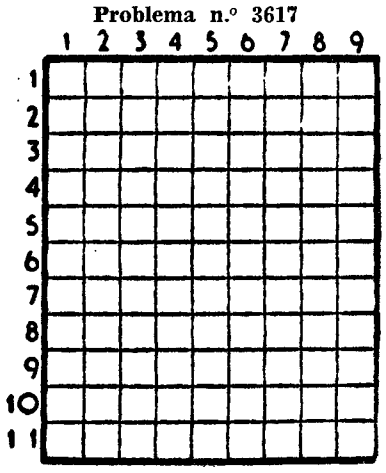
HORIZONTAIS: 1 — Cipriotas. 2 — O. Reatado. 3 — Preito. 4 — Ame. BOM. 5 — Sra. Fá. 6 — Pá. VINHO. 7 — Riste. 8 — Éreo. Tomo. 9 — Trai. 10 — Ano. Tal. 11 — Ou. ESCUSA.

VERTICAIS: 1 — Copa. PREGÃO. 2 — Sair. 3 — Prear. Seta. 4 — Reima. Torne. 5 — Iate. Vê. Aos. 6 — Oto. Fi. Ti. 7 — Tá. Banco. Tu. 8 — Adio. Moas. 9 — Só. Miolo. Lá.

(Provérbio: O BOM VINHO ESCUSA PREGÃO).

(NOVA MODALIDADE)

Problema n.º 3617



HORIZONTAIS: 1 — Actos de pisar por cada vez. 2 — Costa talhada a pique em alcantis. 3 — Froixo. 4 — Quarto. Capa de confraria. Artigo definido. 5 — Catedrais. Certa. 6 — Figura mitológica que se enamorou da sua própria figura. 7 — Progenitor. Pronome pessoal. 8 — O mais. Preposição. Nesse lugar. 9 — Estreito. 10 — Afectuoso. 11 — Corrompessem.

VERTICAIS: 1 — Rio de Portugal. Cidade de França. 2 — Ilha francesa perto de Marselha. Que se deixa peitar. Aqui. 3 — Cloreto de sódio. Parti. Colorido. 4 — Jarro (planta). Espécie de xaile usado pelas mulheres persas e cristãs da India. 5 — Digna de desprezo. 6 — Catafalco. Além disso. 7 — Atilho. Gaste. Pelos de certos animais. 8 — Em parte iguais. Afia. Vê. 9 — Pegadeira. Escudeiro.

Solução do problema n.º 3616

HORIZONTAIS: 1 — Bolota. Mó. 2 — Ao. Salgar. 3 — As. Ga. 4 — Pragana. 5 — Ara. Aos. 6 — Rega. Ante 7 — Ovo. Com. 8 — Inferis. 9 — En. Ia. 10 — Assara. AC. 11 — Sá. Sistro.

VERTICAIS: 1 — Bar. Aro. Cãs. 2 — Oó. Previ. Sã. 3 — Aragonês. 5 — Ossa. Fuas. 6 — Tá. Gó. Pé. Ri. 7 — Alga. Rias. 8 — Ganancia. 9 — Má. Aotos. Ar. 10 — Ora. Sem. Eco.

BOLETIM DO DIA

HÁ TRINTA ANOS

O «Diário de Lisboa» dava no dia 28 de Março de 1929 notícia de um jantar de jornalistas a que presidira Lourenço Caiola, ladeado por Herculano Nunes e Artur Portela, sentando-se também na mesa de honra Pedro Bordalo Pinheiro, Cristóvão Aires, Abel Moutinho, Cristiano Lima, Amadeu de Freitas, Carlos Neves, dr. José Pontes e Julio de Almeida. Lourenço Caiola falou da generosidade dos novos e evocou o maior repórter do seu tempo, Hermano Neves. Artur Portela e Mário Salgueiro fizeram afirmações sobre a vida dos jornais e dos jornalistas. Entre os telegramas recebidos, um concebido nos seguintes termos: «Um grande abraço dos vossos confrades da Associação dos Jornalistas do Porto», assinado por Lopes Vieira.

EFEMÉRIDES

No dia 28 de Março de 1515 nasceu em Avila Santa Teresa de Jesus.

PROGRAMAS DE RÁDIO

EMISSORA — A's 18, noticiário —«Que Deus se Eleve», antífona, de Haendel; 18 e 30, rádio rural, programa para os agricultores portugueses; 18 e 50, musica de tecla: «Lenda de S. Francisco de Paula, Caminhando Sobre as Ondas», de Liszt; 19, emissão infantil; 19 e 30, «Missa de Nossa Senhora», de Machault; 20, desdobramento; 21 e 30, junção dos emissores — Mensagem de S. S. o Papa João XXIII; 21 e 45, «Quarteto para cordas», de Jarnach; 22, transmissão da sé Patriarcal, da Vigilia da Ressurreição; 23 e 45, noticiário, boletim meteorológico e fecho.

Programa «A» — A's 20, jornal sonoro; 20 e 15, musica vocal; 21, noticiário; 21 e 15, musica de Dallapicolla.

Programa «B» — A's 20, «Sinfonia n.º 25», de Mozart, pela Orquestra Camerata Académica, do Mozarteum de Salzburg; 20 e 20, transmissão de Montreux, do relato do desafio de «hockey» em patins, Portugal-Suiça, para a Taça Lusitania; 21 e 20, «Redenção», poema sinfónico de Cesar Franck, pela Orquestra dos Concertos Lamoreux, sob a direcção de Jean Fournet; 21 e 30, junção dos emissores.

RADIO CLUBE — A's 17 e 30, variedades; 18, teatro de brincar; 18 e 15, jornal feminino; 18 e 45, baile; 19, diálogo do Olavo; 19 e 15, Frankie Laine; 20 e 15, apontamento do dia; 20 e 20, motivos portugueses; 20 e 30, onda desportiva; 21, imagens por musica; 21 e 30, Língua portuguesa; 21 e 45, Brasil; 21 e 50, trechos recreativos; 22, cultura espanhola; 22 e 45, cançonetas; 23 e 1, Rua Larga; 23 e 30, orquestra de André Kostelanetz; 23 e 45, agenda; 23 e 50, conjuntos, 0 e 30, noticiário; 0 e 40, baile.

Estação de Miramar — A's 18, paisagem infantil; 18 e 30, orquestras e canções; 18 e 45, recital de composições de Cruz e Sousa; 19, Palestra de língua portuguesa; 19 e 15, motivos portugueses; 19 e 30, Isto é Portugal; 20, boletim informativo; 20 e 10, conjuntos vocais e instrumentais; 20 e 30, vida desportiva; 21, noticiário; 21 e 15, Maurice Larcange; 21 e 45, Brasil; 22, uma orquestra e uma voz; 22 e 30, intermédio musical; 23 concerto; 23 e 30, variedades; 0, Baile.

RADIO RENASCENÇA — A's 18 e 30, terço e sermão por frei Jerónimo do Souto, da basilica dos Mártires. Em seguida, noticiário, boletim religioso e encerramento; 22, Cigília Pascal da Ressurreição do Senhor e missa solene, da Sé Patriarcal e encerramento.

POSTOS CENTRALIZADOS — Das 14 e 30 ás 19 e 30, Rádio Peninsular; das 19 e 30 ás 22, Voz de Lisboa; das 22 ás 2, Clube Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

21 — Abertura da emissão; 21 e 2 — Noticiário do País e do estrangeiro; 21 e 10 — Jornal de actualidades internacionais; 21 e 20 — «Juventude no Mundo» (serviço internacional de actualidades para crianças); 21 e 35 — Coro Harmonia; 21 e 55 — «Tele-desporto» (incluindo reportagens especiais dos jogos de hoquei em patins da «Taça Lusitania», em Montreux); 22 e 25 — «Na rua e na estrada» (um programa para automobilistas e peões); 22 e 45 — Actualidades nacionais e ultimas notícias; 23 — Transmissão directa da Sé Patriarcal de Lisboa, das cerimónias da vigília pascal e da missa de Aleluia; 24 — Fecho da emissão.

MARES

PREIA-MAR: hoje, ás 18 e 1 (altura 3m,99); amanhã, ás 6 e 30 (altura 3m86). BAIXA-MAR: hoje, ás 23 e 54 (altura 0m,81); amanhã, ás 12 e 10, (altura 1m,07).

FARMACIAS DE SERVIÇO

TURNO J — Benfica—Estrada de Benfica, 678-E, Tel. 782532; Vicente — Estrada de Benfica, 466-A, Tel. 782606; Alegria — Estrada de Benfica, 180-A-B, Tel. 780511; Santa Cruz—Rua n.º 15 á Avenida Gomes Pereira, 2-A, Tel. 784838; Canto — Estrada das Laranjeiras, 202-B, Tel. 780841; Prates & Mota — R. da Beneficência, ao Rego, 91, Tel. 773728; Patuleia, Herdeiros — Rua do Lumiar, 122-124, Tel. 779332; Cabrita — Campo Grande, 220-222, Tel. 772397; Zil — Avenida da Igreja, 9-D, Tel. 778380; Lusitana — Avenida de Roma, 18-A, Tel. 725443; Chinde — Rua Agostinho Lourenço, 6-B, 710331; S. Miguel — Praça Francisco de Morais, 1, Tel. 771469; Providência—Rua D. Filipa de Vilhena, 9-C (frente ao Bairro Social do Arco do Cego), Tel. 77034; Sagres—Av. Luís Bivar, 69-71 Tel. 47213; Latina Av. António Agusto de Aguiar, 17-A, Tel. 42312; Sá da deira, 36, Tel. 41961; Fonseca—Largo D. Estefania, 4-5, Tel. 54808; Ascensos, Ld.ª—Rua J, lote 48, Bairro da Encarnação, Tel. 388172; Freitas — Rua Zófimo Pedroso, 11-13, Tel. 381136; Marluz — Calçada da Picheleira, 140-B/C, Tel. P. P. C. 720703-728395; Cruz de Malta—Largo do Chafariz de Dentro, 36, Tel. 23326; Almeida Dias — Largo da Graça, 38-A-39, Tel. 862909; Dalton — Av. Mouzinho de Albuquerque, RSV, Tel. 843571; Pais — Rua Abade de Faria, 22-A/B, Tel. 723965; Antolin, Ld.ª — Avenida Almirante Reis, 88-B/C, Tel. 44173; Guerra — Rua Andrade, 32-36, Tel. 845513; Higienica — Rua Heliodoro Salgado, 20-A, Tel. 844361; Ronil — Rua Rodrigo da Fonseca, 153,ª Tel. 683438; Salutar — Rua B, 75-A-B (Bairro da Liberdade), 683694; Amoreiras (Das)—Praça das Águas Livres, 8-D, Tel. 681515; Maria Pia — Rua D. Maria Pia, 514, Tel. 687949; Linaida—Rua Ferreira Borges, 30, Tel. 660955; Micael — Rua de S. Bento, 380-382, Tel. 662162; Neves, Suc. — Rua da Bela Vista, á Lapa, 37, Tel. 661251; Higilux—Rua de Pedrouços, 50-52, Tel. 610280; Mendes Gomes — Calçada da Ajuda, 222, Tel. 638256; Botanico-Química, Ld.ª — R. da Junqueira, 38-40, Tel. 638132; Ester Nogueira — Rua de Alcantara, 5-A, Tel. 637563; Moderna — Rua Garcia da Orta, 24, Tel. 663117; Açoreana — Largo do Conde Barão, 2, Tel. 661330; Macedo — Rua do Loreto, 71, Tel. 23631; Luís Magalhães — Rua de Santa Marta, 15-A-B, Tel. 46490; Salix, Ld.ª — Rua Barata Salgueiro, 54, Tel. 730820; Formosinho — Praça dos Restauradores, 18, Tel. 30927; Normal — Rua da Prata, 220 Tel. 21342 — A —; Celta — Rua Moura Girão, 3-B, Telefone 710621.

QUEM PERDEU?

Relação dos objectos achados ontem, em Lisboa, e entregues na P. S. P. (Governo Civil): quantias em dinheiro; óculos graduados; duas camisolas usadas de senhora; os livros «Arva Latina» e «Gata Brava»; um oleado para veículo pesado; uma pedra encarnada para anel; uma pulseira de latão; um bloco de apontamentos; uma mala de cabedal preto, com um porta-moedas, um pente, chave de porta, pequeno album com fotografias, etc.; um tampão de roda de automóvel; um gorro de lã para criança; um tubo de escape de automóvel e um pára-brisas; luvas desirmanadas; um porta-chaves com chaves e diversas argolas com chaves.

— Também se encontra no Sindicato dos Motoristas de Lisboa o seguinte: duas sombrinhas; um par de luvas de homem; um saco de lona verde, com dois pares de meias e um par de calças, para criança; uma gabardina com estojo de barbear, pasta de dentes e revistas.

FESTAS ASSOCIATIVAS

Na Casa da Comarca de Arganil, efectua-se hoje, com início ás 22 horas, uma festa promovida pela Liga de Melhoramentos de Luadas, na qual actuará a Orquestra Casablanca. Serão, entregues aos jornalistas Luís Ferreira e Claudino Alves de Almeida, redactores em Lisboa dos jornais «A Comarca de Arganil» e «Jornal de Arganil», diplomas de sócios honorários da referida Liga.

— Esta noite, haverá, na Casa do Ribatejo, na Rua do Salitre, 136, o segundo serão cultural desta época.

— Além dos bailes que já anunciámos, haverá hoje, á noite, festas nas seguintes colectividades: Casa da Covilhã, na Rua do Benformoso, 150-1.º; Casa do Concelho de Idanha-a-Nova, na Avenida da Liberdade, 157, r/c; Associação de Beneficência Luís Braille, na Rua de São José, 86-1.º; e Sociedade Filarmónica Alunos de Apolo, na Rua Silva Carvalho, 225, com o conjunto «Ritmistas».

CARTAZ DO DIA

NACIONAL — A's 21,45 — «O processo de Jesus».
AVENIDA — A's 21 e 45 — «Um marido em rodagem».
MONUMENTAL — A's 21 e 45 — «Eles, elas... e os meninos».
MARIA VITORIA — A's 20 e 30 e 22 e 45 — «Encosta a cabecinha e chora...».
VARIEDADES — A's 20 e 30 e 22 e 45 — «Champanhe saloio».
COLISEU — A's 21 e 30 — «O conde de Luxemburgo».
TIVOLI — «O jogador».
S. LUIS — «Anna de Brooklin».
S. JORGE — «Os Vikings».
IMPÉRIO — «Os Dez Mandamentos».
EDEN — «Pão, amor e Andaluzia».
POLITEAMA — «Raízes do céu».
MONUMENTAL — «O pequeno polegar».
CONDES—«Jerry, ama-seca».
ODEON — «Joselito o pequeno pastor».
ROMA — «Pão, amor e Andaluzia».
CAPITOLIO — «Othelo».
AVIS — «Um solteiro em Paris».
ALVALADE—«Anna de Brooklyn».
RESTELO — «O irresistível forasteiro».
JARDIM — «Beija-me Catarina».
OLÍMPIA—«Tambores de guerra».
PROMOTORA—«Quatro raparigas».
CAMPOLIDE — «David e Betsabé».

SEMANA DO CONTRIBUINTE

DIVIDENDOS DE ACÇÕES NOMINATIVAS

Imposto sobre as sucessões e doações e selo de averbamento, a cobrar por avença

Imposto sobre as sucessões e doações:

Pagamento da avença relativa ao conjunto dos títulos da mesma natureza no mês seguinte áquele em que se *iniciar o pagamento dos dividendos.*

— Artigo 47.º, alínea a) do Decreto n.º 8719, de 17 de Março de 1923.

— Código da Sisa e do Imposto sobre as Sucessões e Doações, artigo 186.º.

Selo de averbamento:

Solicitar guias para pagamento da *avença* relativa ao conjunto dos títulos da mesma natureza *dentro de 15 dias* a contar da resolução que fixou a remuneração do capital, quando for variável, ou do primeiro dia de pagamento quando for fixa.

— Artigo 2.º do Decreto n.º 4692, de 12 de Junho de 1918. Ac. no Rec. 10445, D. G. n.º 279. II série, de 30 Nov.º 1950 *(Isenções)* e Decreto-Lei n.º 37777, de 7 de Março de 1950, artigo 3.º.

Nota — Pagamento nos *dez dias* seguintes aos 15 indicados.

Imposto sobre a aplicação de capitais — Secção B:

— Pagamento no *mês seguinte* áquele em que se iniciar o pagamento dos dividendos.

CONTRIBUIÇÕES GERAIS DO ESTADO

A pagar e sujeitos a *juros* devidos *pela mora:*

Contribuição predial:

— A totalidade, quando inferior a *100$00;* e primeira prestação quando dividida em 2 ou 4 prestações.

Imposto de capitais — Secção A:

— A totalidade dos conhecimentos.

Contribuição industrial:

— A totalidade, quando não pagas as 1.ªs prestações *em Janeiro.*

Imposto profissional:

Profissões liberais;
De conta de outrém; e
Assalariados:

— A toalidade, quando não pagas as 1.ªs prestações *em Janeiro.*

Obs. — Relaxe no dia 1 de Abril.

IMPOSTO COMPLEMENTAR:

Sociedades.

Declaração — Modelo 3.

O prazo para a sua entrega termina em *31 de Março corrente.*

NOVAS FREGUESIAS DE LISBOA

SÉ

(Sede da Junta — Rua de São João da Praça, 90-1.º — Telef. 29358)

Partindo da margem do rio Tejo, entre a doca da Marinha e a estação fluvial (junto á Estação do Sul e Sueste), segue para Norte, contornando, por Ocidente, a referida doca da Marinha, e continua, na mesma direcção, pelo eixo da Rua do Instituto Virgílio Machado, até á Rua dos Bacalhoeiros; inflectindo para Oeste, acompanha o eixo desta rua, até ao seu cruzamento com a Rua da Padaria; desvia-se para Norte subindo pelo eixo desta rua, e prossegue, para Nordeste, pelo da Calçada do Correio Velho; toma a direcção Sueste, segue pelo eixo da Rua de São Mamede, passando, depois, no sentido Leste, pelo meio do Largo de São Martinho e pelo eixo da Rua do Limoeiro, até ao fim do muro da Cadeia do Limoeiro; abandona o eixo desta rua para contornar, pelo Nascente, todas as instalações da citada cadeia, até á extremidade mais meridional; atinge a Rua de São oJão da Praça, por um beco que nela se abre, entre os prédios com os numeros de polícia, respectivamente, 26 e 28 (beco que fica quase em frente da Travessa do Chafariz de El-Rei); inflecte para Nordeste, continuando, pelo eixo da Rua de São João da Praça, até ao Largo de São Rafael; prossegue, para Sudoeste, pelo eixo da Rua da Judiaria, até ao Largo do Terreiro do Trigo; desvia-se para Sudoeste, avançando pelo eixo da Rua do Cais de Santarém; ao chegar ao Campo das Cebolas inflecte, para Sueste, em direcção ao rio Tejo, de forma a incluir nesta freguesia a doca da Marinha, a qual contorna, pela margem do rio, até ao ponto de partida.

BATAS HOSPITALARES — PIJAMAS E CUECAS

CAMISAS

POR MODELO OU POR MEDIDA

TECIDOS A ESCOLHA OU DO CLIENTE

13 modelos em exposição

Consertos e transformações por pessoal especializado

ROVIL

Rua Arco Marquês do Alegrete, 50, 1.º — Telef. 862402

Envio á cobrança pelo correio

Vinho do Dão

FEDERAÇÃO

VENDE:

Oliveira e Torroais, Lda.

Rua do Salitre, 123

Telefones: 54614 - 57852 — Lisboa

Em MOURA é o «Diário de Lisboa» vendido pelo sr. José Jorge Benites.

A TARDE DESPORTIVA

Portugal venceu a Holanda (5-1)

na sua melhor exibição no torneio de Montreux

MONTREUX, 28. — Prosseguiu hoje o torneio internacional de hóquei em patins, dotado com a «Taça Lusitania».

As partidas, efectuadas na sessão da tarde, forneceram os seguintes resultados:

Espanha-Alemanha ... 6-2(4-1)
Inglaterra-França... ... 5-0(1-0)

Para o desafio Portugal-Holanda as equipas alinharam:

PORTUGAL — Moreira, Souto, Adrião, Virgilio, Vitor Rodrigues, Valente, Rui Faria e Carrelo.

HOLANDA — R. Pikar, J. Pikar, H. Jansen, J. Jansen, Ekering, Van Dinter e Kover.

A' partida assistiu um grupo de quarenta excursionistas portugueses, que recebeu a equipa nacional com calorosa ovação.

O encontro começou com os dois «cincos» em toada de ataque e, aos 5 minutos, Souto logrou abrir o activo.

Os holandeses reagiram e Moreira foi chamado a boas intervenções devidas a remates de Ekering e Van Dinter.

A meio da primeira parte o jogo adquiriu velocidade. Os Portugueses, usando o sistema de aguardarem o adversário no seu terreno, para permitir o contra-ataque mais fácil.

Todavia, a táctica não deu o resultado desejado, pois os Holandeses, compreendendo a intenção, não descuravam a defesa o que dificultava a acção do binário dianteiro.

Cerca do quarto de hora, Vitor Rodrigues e Virgilio, cederam o lugar a Carrelo e Rui Faria, mas o intervalo chegou sem alteração no marcador, pelo que Portugal, 1-Holanda, 0.

O segundo trecho do desafio começou com os Portugueses na ofensiva, mas um «bonito» de Adrião não deu resultado e o perigo para os Holandeses passou.

Todavia, os Lusitanos continuaram ao ataque e quando era decorrido um minuto de jogo, Vitor Rodrigues elevou a conta para 2-0, fazendo passar o esférico sobre a cabeça de R. Pikar, que saira ao encontro do avançado português.

Os Holanreses não desanimaram e, 2 minutos depois, conseguiram reduzir a desvantagem, mercê de um remate de J. Jansen.

Os Portugueses reagiram bem e aos 5 minutos, Vitor Rodrigues repôs a diferença, fazendo 3-1.

Aos 7 minutos, Carrelo substituiu Virgilio e a toada ofensiva da equipa portuguesa prosseguiu, agora mais á vontade, mas com a pecha do mau remate.

Entretanto, aos 10 minutos, Vitor Rodrigues desperdiçou uma grande penalidade, atirando ao poste.

Dois minutos depois, R. Pikard provocou novo «penalty», que Vitor Rodrigues converteu no quarto tento do seu grupo.

Ao quarto de hora, os Portugueses aumentaram a vantagem para 5-1, mercê de um golo de Carrelo.

E o fim do encontro chegou com a vitória de Portugal por 5-1.

CLASSIFICAÇÕES

	J.	V.	E.	D.	G.	P.
Suíça	3	3	—	—	20- 5	6
Espanha	3	3	—	—	24- 6	6
Itália	3	3	—	—	13- 7	6
Portugal	3	2	1	—	11- 4	5
Inglaterra ...	4	1	1	2	12-17	3
Alemanha ...	2	—	—	2	5-15	0
França	4	—	—	4	3-20	0
Holanda	4	—	—	4	7-21	0

A prova ciclista

desta tarde

(Continuação da página central)

até, aumentar a sua vantagem ficando com uma vantagem de 3 m. 2 s. sobre o 2.º classificado.

A classificação até ao 10.º está assim ordenada:

		H.	M.	S.
1.º	A. Barbosa (Sang.)	10	45	36
2.º	A. Coelho (F. C. P.)	10	48	38
3.º	A. Santos (Sang.)...	10	48	51
4.º	Agost. Brás (Porto)	10	49	21
5.º	J. da Costa (Belen.)	10	49	41
6.º	Man. Simões (Benf.)	10	50	01
7.º	A. Baptista (Sang.)	10	50	13
8.º	S. Santos (F. C. P.)	10	50	22
9.º	L. Fernandes (Alp.)	10	50	35
10.º	J. Marcelino (Benf.)	10	50	44

A última tirada só principiou cerca das 16 horas

A derradeira tirada da prova, entre o Guincho e o Estádio de Alvalade, com passagem por Alcabideche, Malveira da Serra, Colares, Sintra, Ericeira, Mafra, Malveira, Loures e Calçada do Carriche devia iniciar-se ás 14 e 30, mas a caravana foi desagradávelmente surpreendida com a proibição da corrida, porquanto do alvará concedido, apenas constava autorização para fazer a prova da parte da manhã.

Os dirigentes Ivo Neves e Fernando Sousa tentaram, então, remover as dificuldades surgidas e, cerca das 16 horas, obtinha-se, então a necessária autorização transmitida do comando-geral da Polícia de Segurança Publica.

Foi, por fim, dada a partida ás 16 horas, não sem que tivesse sido deliberado alterar o percurso na sua fase inicial, com o fim de o reduzir. Os corredores seguiram para Alcabideche, Ramalhão, Estefania (Sintra) e Lourel, a caminho da Ericeira, para completarem depois o percurso.

Os estradistas mostravam-se muito animados. Alves Barbosa não escondia as suas esperanças de vir a ser o vencedor e José da Costa exteriorizava o seu contentamento por ter sido o 2.º no contra-relógio.

O festival em Alvalade

Antecedendo a chegada dos corredores que disputaram a ultima etapa da competição «Gazcidla», realizou-se esta tarde, em Alvalade, perante reduzíssima assistência o festival de ciclismo reservada a «amadores» e «iniciados».

O programa incluia corridas de várias características, tendo como concorrentes, apenas, corredores do Sporting e do Arroios. A primeira prova — uma «australiana», para amadores-juniores, em 10 voltas — foi ganha por Manuel da Costa Carmo, do Sporting, que alcançou o seu colega de equipa, Jaime Valente, á 7.ª volta, com o tempo de 4 m. 49 s.

A 2.ª prova foi um «Criterium» para «iniciados», em 25 voltas, com «sprints» de 5 em 5. Depois de luta bem sustentada, a classificação ordenou-se assim:

1.º, José Manuel M. Nunes, do Sporting, 11 p.; em 20 m. 47 s.; 2.º, Francisco Maurício, do Sporting, 10 p.; 3.º, António Lopes Luz, do Spt., 8 p.; 4.º, Carlos Silvestre, do Spt., 7 p.; 5.º, António Guedes Martins, do Arroios.

O festival prossegue á hora a que fechamos esta notícia.

As inundações em Madagascar

(Continuação da 1.ª página)

devem ferver a água antes de ser utilizada a fim de se evitar uma epidemia. As reservas de carne fresca deverão ficar hoje esgotadas.

Ontem, á noite, encontrava-se interrompido todo o tráfego ferroviário em Madagascar. De manhã, ao descarrilar, devido ás inundações, o ultimo comboio para Tamatava, causou a morte de um homem — (R.).

PORTUGAL PERDEU com a Bélgica (3-5) em ténis de mesa

DORTMUND, 28. — Em continuação dos campeonatos mundiais de ténis de mesa (equipas masculinas), Portugal defrontou hoje a Bélgica, tendo sido vencido por 3-5. — (A. N. I.).

Os Tibetanos preparam-se para a luta de guerrilhas contra os comunistas chineses

(Continuação da 1.ª página)

Lama, Dantzen-Jaltso, presidente da Comissão Preparatória da Região Autónoma do Tibet, se encontrar em poder dos rebeldes» — prossegue o comunicado. — «o Panchen Erdeni Chuji-Geltseng, vice-presidente da Comissão Preparatória, desempenhará funções de presidente»

O documento diz ainda que «foram destituidos dos seus cargos de membros daquela comissão e de todos os postos que ocupavam, dezoito elementos que serão punidos individualmente segundo a lei».

Assinado por Chu En-Lai e datado de hoje, o manifesto termina com a imposição de que «a Comissão Preparatória da Região Autónoma do Tibet dirija todo o povo do Tibet, eclesiástico e secular.

Simultaneamente, a agência noticiosa Nova China (N. C. N. A), voz oficial do Governo de Pequim, publicou «novo comunicado oficial» sobre «a rebelião no Tibet», em que afirma revelar pormenores completos sobre o levantamento popular tibetano contra a China Continental.

Informa que o movimento «foi totalmente dominado» em Lhassa e que as tropas comunistas chinesas se entregam agora «á limpeza dos rebeldes em outros pontos do país».

O Panchen Lama é um dirigente religioso cujos adeptos contestam a autoridade do Dalai Lama Panchen tem sido defensor da ocupação comunista do país e passou muitos meses em Pequim «como hóspede» do regime. Quanto á «Comissão Preparatória da Região Autónoma do Tibet» constitui um organismo estabelecido há alguns anos pelos comunistas, com o objectivo de orientarem a absorção do Tibet pela China Continental. Enquanto a Comissão procedia a esses «preparativos», o Governo do Dalai Lama tinha o domínio nominal da política interna.—(A. N. I.)

O prometido auxílio da Formosa

TAIPEH, 28. — A agência noticiosa oficial central anunciou hoje nesta capital que representantes nacionalistas chineses vão avistar-se com chefes anti-comunistas do Tibet, em local não revelado, para organizarem a resistência contra as forças comunistas chinesas no Tibet.

A agência disse ainda que os chefes tibetanos chegaram ao local do encontro em 16 de Março e pediram imediatamente ás autoridades nacionalistas na Formosa para entrarem em contacto com eles. Segundo a noticia, o grupo tibetano foi identificado como uma fusão de facções anti-comunistas, que se comprometeram a lutar contra os comunistas, sob a direcção do Governo da Formosa.

Por outro lado, o presidente Chang Kai Chek voltou a convocar urgentemente, esta manhã, uma conferência para estudar a questão tibetana, dado o prometido anteontem, pelo próprio generalissimo, de «reconhecer ao povo tibetano o direito de dispor dele mesmo, quando o poder comunista tiver sido derrubado na China Continental». — (R. e F. P.).

O romance de Soraya

(Continuação da 1.ª página)

ex-esposa com o jovem príncipe romano. O imperador teria recordado á princesa que, embora divorciada, continua a ter certos «deveres» para com o xá, sendo um desses deveres o de não provocar em torno do seu nome e vida privada nenhuma «sensação» capaz de atentar contra a dignidade do trono.

E' por tudo isto, diz-se, que Soraya voltou a ser a «princesa dos olhos tristes» que o Mundo conheceu durante tanto tempo. A implacável razão de Estado impediria uma vez mais a felicidade de Soraya. Mas não seria esta a unica razão. Aos obstáculos oficiais juntar-se-iam agora as objecções do Vaticano. Pouco favorável aos casamentos «mistos», a Igreja oporse-ia decididamente a que semelhante união se fizesse entre um membro de uma das mais importantes famílias da «nobreza negra». Há ainda a questão do divórcio de Soraya. Com efeito, a Igreja reconhece a validade dos casamentos celebrados noutro culto, e considera-os também indissoluveis. Por conseguinte, o príncipe Orsini não poderia desposar uma divorciada. Resta a solução da conversão de Soraya, que anularia o seu casamento anterior. Tem-se falado muito nisso, e, a apoiar as suas afirmações, os que crêem na possibilidade de tal solução dizem que a princesa «devora» neste momento os livros de Paul Claudel, François Mauriac, Giovanni Papini e outros escritores católicos. De qualquer modo, ás raras pessoas que conseguem fazer-lhe perguntas, Soraya responde sempre a mesma coisa: «Quero viver em paz. Considerem-me uma simples turista. Nada tenho a dizer».

Embora se refiram á «tristeza» da princesa, os jornais romanos aludem á possibilidade desta passar um «fim-de-semana» de Páscoa em Capri. Ali poderia encontrar-se com Orsini, em casa de amigos comuns.—(France Presse).

CASA XÊNU

No anuncio da casa Xênu Av. Elias Garcia, 48-B, ontem publicado no «Diário de Lisboa», saiu, por lapso, confecções Tiryleur em vez de Tirylène, do que pedimos desculpa ao nosso prezado anunciante.

RIBATEJANO

Salvaterra de Magos Telef. 14

DOMINGO DE PÁSCOA

Almoço com Ementa Especial

2 — Conjuntos Acordeons — 4 — Ranchos Folclóricos — e a grande atracção BARTOLO VALENÇA e os seus «RAPAZES DO RITMO»

Informações e Reserva em Lisboa Tel. 770320

TODOS OS DIAS — Aos Almoços —Chás e Jantares—exibições dos Ranchos Folclóricos — (6 anos)

A gerência informa que devido ás solenidades das próximas 5.ª e 6.ª feiras não apresenta os seus habituais ranchos folclóricos.

HOTEL MUNDIAL

No seu Restaurante sobre o típico casario de Lisboa

DOMINGO DE PASCOA

Dinner à La Bougie

Pianista — Beatriz Souza Santos

Bar Chinês Bar Americano

PARA TRATAMENTO DOS CABELOS PREFIRA OS PRODUTOS COM ESTE EMBLEMA

Agora tambem a venda em Portugal os seguintes produtos:

GLEMO — Shampôo com ovo (almofadas)
GLEMO — Shampôo com ovo (frascos)
GLEMO — Shampôo anticaspa (almofadas)
GLEMO — Shampôo anticaspa (frasco)
SHAMPÔO — Seco para lavagem rápida sem água
VLOT — Creme para o cabelo de senhoras
FIT — Creme para o cabelo de homens

Produtos da Fábrica Hans Schwarzkopf Hamburgo-Alemanha

Silueta

RUA DOS SAPATEIROS, 39-3. TELEF. 3 11 01

V. Ex.ª deve preferir os famosos Aspiradores

RUTON

Uma preciosidade no lar

Restaurante Montes Claros

AMANHÃ DOMINGO DE PÁSCOA

Jantar com ementa especial

Reserve a sua mesa pelo Telefone 636566

Restaurante Negresco

PÁSCOA

Este afamado restaurante serve amanhã o tradicional jantar de PÁSCOA.

Lembramos aos nossos estimados clientes a conveniencia de fazerem quanto antes a reserva de mesa pelo Telefone 31727.

magazine

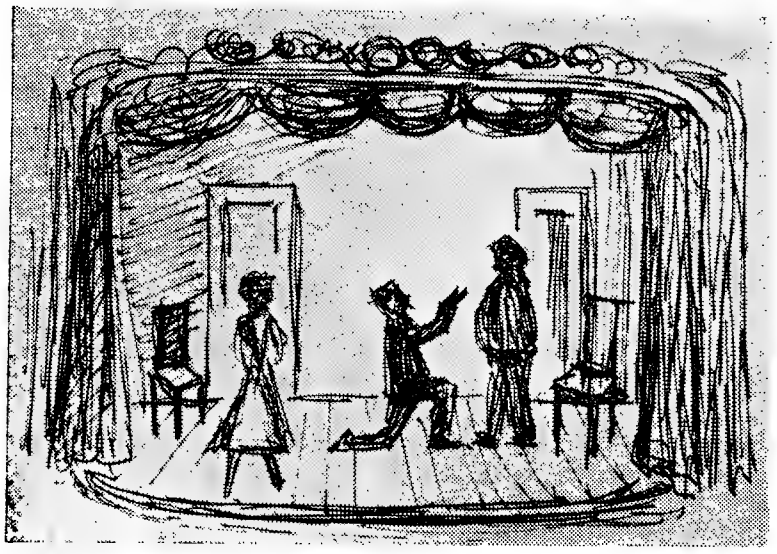
Crónica da Rua Humilde

A manhã apresenta-se escura e desconfortável como um vidro embaciado. O vapor de água que a locomotiva, lá em baixo, transpira, forma pequenas nuvens que se formam rés-vés da Rua Humilde, junto da casa onde morou o nosso João Caldeiro, ou se enrodilham na penugem rara dos arbustos na encosta.

A encosta... Não tive ainda tempo de explorá-la á minha vontade. Morador há pouco ainda na Rua Humilde, todo o meu vagar empregado em conhecer as pessoas que nela habitam comigo, companheiros do mesmo barco arremessado ás furias da procela. Mas não é apenas esse o motivo. Ao fundo, nas abas da serra, dizem-me que mora gente metida por furnas e lapas. O meu amigo estivador, vizinho com quem gosto de dar-me (os da Rua dizem, referindo-se a ele, «estivador, o político»...) conta-me a esse respeito histórias pavorosas que levo á con-

(Continua na 3.ª página)

Ensaio na Academia

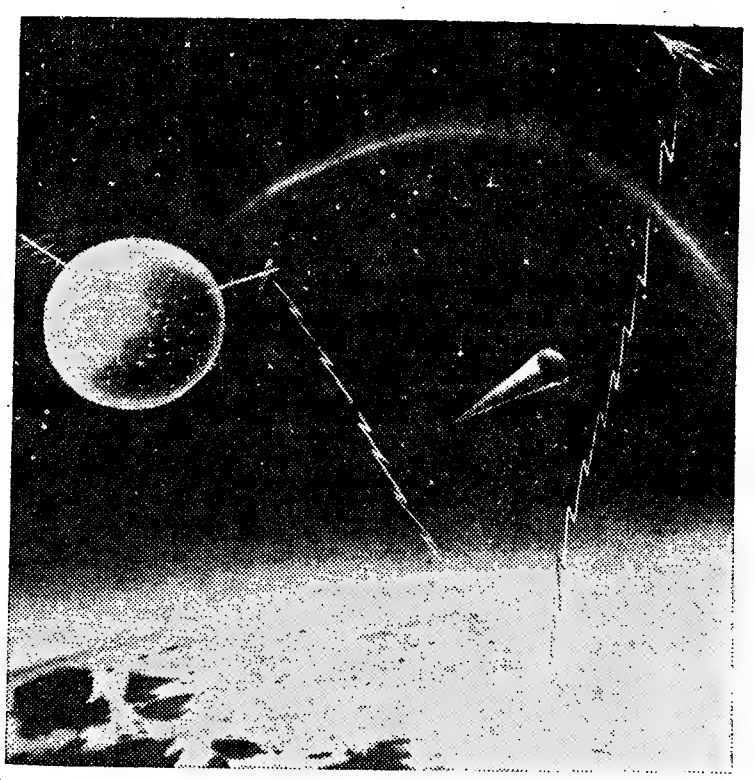


Diario de Lisbôa

N.º 31

SUMARIO

O problema das comunicações siderais
DR. I. M. LEVITT
Falam os sábios
ALFREDO BRAS
Luzes da cidade
DULCE REBELO
Crónica de Londres
LUÍS DE SOUSA REBELO
Desventuras de um Flamengo nos reinos de Portugal
AUGUSTO DA COSTA DIAS
Fim de semana feliz
Cicerone
Crónica da Rua Humilde
MARIO CASTRIM
Isabel I de Inglaterra
JACQUES CHASTENET
Apontamentos para os tempos futuros
DIÓGENES
Postal ilustrado
MANUEL AGRA
Saiba comer
MARIA CAROLINA FREITAS
Histórias de mineiros
MANUEL DO NASCIMENTO
Ganhe cem escudos com um sorriso nos lábios



A possibilidade dos veículos siderais comunicarem uns com os outros é bastante remota. Provávelmente, o melhor sistema será usar uma estação terrestre para receber as mensagens e retransmiti-las ao destinatário

MARAVILHAS DO UNIVERSO — (1)

O PROBLEMA DAS COMUNICAÇÕES SIDERAIS

por I. M. LEVITT (Director do Planetário Fels, de Filadélfia)

(Um exclusivo para Magazine)

Muitos homens de ciência têm especulado sobre como se estabelecerão as comunicações regulares entre os planetas, na altura em que os voos siderais sejam uma realidade. Os actuais sistemas de comunicação — inclusivé o radiofónico— já então serão antiquados, dispendiosos e ineficazes. Alguns mesmo nem sequer terão viabilidade prática. Compreende-se porquê: para enviar mensagens a grandes distancias tornam-se indispensáveis enormes potenciais de energia eléctrica. As comunicações orais exigem quase vinte e cinco vezes mais potência que, por exemplo, as telegrafadas.

Um problema a resolver

Este problema das telecomunicações está, porém, por resolver. Um dia virá em que será necessário comunicar-se com os veículos siderais e com os seus tripulantes recém-chegados a qualquer outro planeta. E então?

Sabe-se que os sábios norte-americanos já lograram enviar á Lua sinais de radar e receber a respectiva «resposta». Eles estão convencidos de que as ondas radiofónicas de três centímetros podem ser usadas para as comunicações siderais, visto serem curtas o bastante para permitir uma fácil penetração das camadas ionizadas da atmosfera superior, e, ao mesmo tempo, suficientemente longas para escapar á acção das camadas ionizadas da atmosfera superior, e, ao mesmo tempo, suficientemente longas para escapar á acção das camadas de absorção do vapor de água. Eles usa-

(Continua na 3.ª página)

CRONICA DE LONDRES

Nos ultimos anos tornou-se mais ou menos um lugar-comum o lamentar a ausência de valores novos, de talentos criadores na dramaturgia britanica. A tradição gloriosa do teatro inglês, servido por belíssimas companhias, perdia-se num marasmo de banalidades irritantes, que, apesar da sua evidente mediocridade, encontravam um publico tolerante e atento.

Mas este amor do teatro, profundamente arreigado no grande publico, oferecia a salvação do género, cujo crepusculo iminente se atribuía a causas diversas e, aparentemente, desconexas. Por um lado a severa respeitabilidade do Lord Chamberlain — *que tem aqui*

NOVOS RUMOS NO TEATRO

as funções de censor — impedia a apresentação na cena de temas mais ousados, por outro o imposto cobrado nas entradas tendia a limitar a afluência dos espectadores, particularmente, se a qualidade da obra representada não estava acima da mediania corrente.

Como medida de emergência constituíram-se vários teatros ex-

POR

LUIZ DE SOUSA REBELO

Leitor da Universidade de Londres

perimentais, arrolaram-se novos sócios para os agrupamentos existentes, empreenderam-se até campanhas de auxilio publico para sanear as finanças abaladas de alguns elencos independentes. Ao mesmo tempo perante o êxito alcançado por peças como «Uma vista da ponte», de A. Miller e «Cat on a Hot Tin Roof», de Tennessee Williams, a rigidez censória começou a abrandar, e o Tesouro, movido pelo queixume nacional, reduziu, em período de eleições suplementares, o imposto sobre os bilhetes.

É evidente que um tal esforço de boa vontade não bastava só por si para estimular de um dia para o outro as eventuais possibilidades criadoras de talentos ignorados. Mas existiam agora condições materiais mais fáceis que poderiam encorajar os jovens autores. Sucedia ainda que parte do véu, que tem coberto a grande ilusão da Inglaterra do após-guerra, começava a esgarçar, revelando sintomas de uma desordem social que se julgara completamente extinta com o passado. A economia britanica viu de repente o afrouxamento do ritmo de produção e sentiu-se assombrada por um fantasma que supunha ter esconjurado de vez: o desemprego. A sua recente exclusão do Mercado Comum, constantes embaraços coloniais, uma demorada política de austeridade interna e uma situação de menor importancia na actividade diplomática internacional vieram a ter repercussões diversas nas várias camadas da população.

Bruscamente dos quatro cantos da Ilha moços coléricos e enfurecidos vieram gritar-nos o seu desencanto, contestar as afirmações

(Continua na 7.ª página)

FALAM OS SÁBIOS

Mal o mais insignificante dos políticos acaba de fazer a mais desinteressante das declarações, logo as agências a espalham aos quatro ventos; mas pode dar-se uma reunião de sábios eminentes, como a que recentemente se realizou na Grande Sala de Conferências da Unesco, sem que a Imprensa diária, o cinema, a rádio e a televisão lhe dediquem uma breve nota. Pelo menos comigo sucedeu só dela ter tido conhecimento por intermédio da revista «O Correio da Unesco», talvez porque a notícia tenha aparecido nos nossos jornais escondida entre a informação sensacional de um novo «record» de «hula-hoop» e o relato de um importantíssimo desafio de futebol. E no entanto, tomaram parte nesse memorável encontro oito dos mais ilustres nomes da ciência moderna e nela se disseram coisas de grande importancia que devem ser conhecidas por toda a gente.

Cinco dos sábios reunidos na Unesco (os ingleses John Boyd Orr e P. M. S. Blackett, o italiano Daniel Bovet, o argentino Bernardo Alberto Houssay e o russo Nicolas Semenov) já foram galardoados com o Prémio Nobel. Os três restantes (o francês Gaston Berger, o norte-americano William Albert Noyes e o indiano Homi Jehangir Bhabha) figuram entre os mais notáveis investigadores do nosso tempo.

O tema tratado nesta reunião foi «O homem ante o progresso científico e técnico», cabendo a lord John Boyd Orr — médico e agrónomo, antigo director da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação, Prémio Nobel da Paz de 1949 — a honra de presidir á conferência e tendo o sábio inglês iniciado o seu discurso de abertura com a seguinte declaração: «Os homens de ciência aqui reunidos não representam os seus Governos. Encontram-se entre nós como cientistas, e o cientista inclina-se só ante a verdade».

Seria possível a um homem «político», tomando parte numa reunião internacional como representante do governo do seu respectivo país, fazer sinceramente idêntica afirmação? E' justamente essa reconhecida independência dos oito sábios, aliada a uma indiscutível superioridade intelectual e moral, que confere ás suas palavras tão grande peso. E foi justamente isso que outro dos congregados, o filósofo Gaston Berger, pretendeu exprimir quando, por sua vez, disse: «Há coisas cuja importancia conhecemos, mas que tomam um relevo particular quando são ditas por certos homens».

O mesmo Gaston Berger — presidente do Instituto Internacional de Filosofia e actual director do Ensino Superior do seu país — deu plena afirmação ás suas palavras, dizendo coisas cuja importancia é geralmente conhecida mas que corroboradas pela sua indis-

POR

ALFREDO BRAZ

(Continua na página seguinte)

GANHE 100$00 com um sorriso nos lábios

Uma definição nacionalista de UNHA decidiu o prémio desta semana. Muitos aproveitaram o pretexto para tecer altos elogios ao sexo fragil, assim transformado em SEXO COM UNHAS. Que parentesco pode haver entre UNHAS e padrinho? Eis o que esta semana se revela.

A vitória desta semana coube efectivamente ao sr. Hernani Dinis Nunes (Rua 9 de Abril, 39-r/c., Queluz) que produziu uma afirmação de vibrante fé nacionalista. Depois de a lermos não ficámos com qualquer duvida sobre a importancia das unhas para a vida do nosso País. Ora vejam pelos vossos próprios olhos:

A unha é o elemento essencial da vida portuguesa: sem ela não existiria a guitarra, sem a guitarra não haveria fado, sem fado não haveria Amália — e sem Amália o que seria de nós?

E' a história do macaco que de rabo fez navalha, de navalha fez sardinha, de sardinha fez farinha, de farinha fez menina, de menina fez camisa, de camisa fez viola — runfunfun que vou para Angola.

O sr. Alvaro Manuel Machado, do Porto, soube muito bem acompanhar a toada. Lá diz:

Unhas: aquilo de que se necessita para melhor se dedilhar o «Fado da Vida».

E' de facto um processo; mas nem todos os leitores de MAGAZINE estão de acordo com a receita. Diz, por exemplo, o sr. José Maria Coutinho, de Moscavide.

Unhas — garras que foram superadas pelo poder do padrinho.

Quer dizer: aonde chegam os padrinhos, encolham-se as unhas, pois de nada servem. Enfim, o padrinho é que, com toda a propriedade, se pode chamar um «cara unhaca». E' isto mesmo o que afirma o sr. António Malta, de Lisboa:

As unhas são cunhas sem padrinhos.

O sr. João Lourenço, também de Lisboa, é ainda mais peremptório:

Unha: vocábulo que, antecedido de C, reduzia em... MÉRITO ABSOLUTO.

Claro que ainda existem iludidos. O sr. Manuel de Sousa, de Coimbra, considera honestamente que:

Unha é a garantia dos empregos.

Donde se concluiria — e suponho com toda a lógica — que os desempregados não têm unhas, possívelmente por se terem... desunhado a trabalhar.

A sr.ª Dona Elizabeth Fernandes, de Viseu, também entende que as unhas são um factor indispensável para se vencer na vida. A razão que invoca, é, porém, bastante diferente:

Unha é a forma de muita gente se governar — metendo a unha.

Na realidade, como muito bem observa o sr. Francisco Suzano, de Benfica:

Há sempre «unhas de fome» em todas as «mãos largas».

Pelo menos quando se trata de dinheiros...

Este mesmo nosso leitor habitual confessou-nos um passo amargo da sua vida, sempre a propósito de Unhas, claro está. Lembra ele que:

As unhas «vêem-se negras»... quando o prego não entra a direito.

Ou quando o martelo entra... a torto.

De certo que até para isso é preciso ter unhas. O sr. M. Pinto, do Porto, chama a atenção dos nossos leitores para tal facto:

Unhas — quem nas tem, toca viola, quem não as tem... chucha no dedo.

A sr.ª D. Ana L. Gonçalves, de Lisboa descobriu que as unhas fazem muita falta aos maridos. Não sabiam? Pois vejam:

Unhas — é o que o meu marido precisa de ter para não cair da lambretta.

Como página de memórias não se poderia esperar melhor. Mal sabe, no entanto, esta concorrente o montão de cartas ou de postais que aqui tenho ao lado e que se dedicam solidáriamente a relacionar unhas com o sexo frágil... Como não sou para intrigas, vou revelar o que dizem.

Comecemos pelo sr. Eurico Baptista, de Lisboa:

Unhas — afirma — são coisas com que «elas» arranham e «eles» roem — ao olhar para «elas».

E o sr. Lino Ribeiro, também de Lisboa:

Unhas são um adorno e uma advertência na mulher.

E o sr. Mário Duarte, do Porto:

Unhas — são as armas de combate do «bicho mulher».

E a sr.ª D. Marília de Sousa, do Porto:

Unhas são o principal ponto de semelhança que existe entre a mulher e o gato.

Mas a mulher mia muito mais que o gato. Nem se compara.

O sr. Francisco Mateus Ribeiro, de Lisboa, manda-nos, ainda dentro da mesma inspiração, um pensamento altamente mineralógico e químico:

Unhas — ensina — são uma tela calcárea de origem organica onde os representantes do Belo Sexo experimentam o matiz dos vernizes.

Custa um bocado a dizer, é um nadinha arrevezado, mas tem a grande vantagem de ser profundo e até filosófico.

Mas nem as mulheres se poupam a si próprias! A sr.ª D. Maria Manuela Rosado diz com uma franqueza digna do maior louvor:

Unhas são a arma ideal da mulher.

O sr. Mário Melo, de Santo Amaro de Oeiras, conseguiu, baseando-se apenas nas unhas, distinguir a mulher do homem:

As unhas são aquilo que faz com que os homens se pareçam com os ratos e as mulheres com os gatos.

Analogia perigosa. Até porque para caçar ratos o gato não necessita de ratoeira — instrumento muitas vezes utilizado pela Costela de Adão para caçar Adão por inteiro.

De resto, em matéria de comer unhas não parece provado, até agora, que o homem tenha o exclusivo. O homem quando muito, pode preferir chuchar no dedo quando não tem, etc.

O sr. E. Lass, de Coimbra, (a quem escreveremos ainda esta semana, queira tomar nota!) mostra que o roer das unhas não é uma questão de sexo, é uma questão de ocasião. Diz isso até muito bem:

Unhas — são o aperitivo usado pelo que espera alguém para uma entrevista e desta maneira vai fazendo tempo.

Aperitivo: tal e qual. Ou, para aproveitar a designação altamente científica do leitor atrás citado: uma batata frita de «origem organica» usada pelos que têm já o cérebro frito.

Mas nem tudo são tristezas, neste mundo. As unhas também têm utilidade. Afirma o sr. Mário Senna, de Lisboa, que:

As unhas são um dos melhores remédios para a comichão.

E barato. E não provoca alergias. Só tem o defeito de criar vícios.

Eu ia terminar, porque há sempre uma altura na vida em que a gente tem de terminar. Não o faço, porém, sem citar o nosso prezado leitor de Unhais da Serra (desta vez não poderia faltar...).

As unhas — sustenta ele com grande vigor teológico — são as extremidades do corpo e da alma.

Para a semana fica a concurso a palavra:

CÁGADO

As respostas devem estar em MAGAZINE, Rua Luz Soriano, 44 a 48, até ao dia 4 de Abril.

DISCO DA SEMANA

SÃO REMO 1959 — LORIS VELLI

Piove — Conoscerti — Columbia 45 ML 228
Io Sono il Vento
De degrau em degrau
Colúmbia 45 ML 229

Com prazer registamos a atenção que no nosso País se começa a dedicar ás grandes realizações internacionais que visam a divulgação da musica ligeira. Há um mês realizou-se em São Remo, paradisíaca estancia do turismo italiano um dos mais prestigiosos festivais da canção e já em Portugal vimos publicada uma versão aqui gravada com os primeiros prémios. Se bem que haja por parte do publico uma certa tendência para descrer dos «festivais», o de São Remo tem universalmente um tal prestígio que garante o êxito internacional das canções ali votadas. «Volare», «Vola colomba», «Bongiorno tristezza» ficaram como marcos do prestígio mundial da canção italiana, graças ao Festival de São Remo.

O primeiro prémio de 1959 (Piove), o 2.º (Io sono il vento) e o 3.º (Conoscerti) têm em Loris Velli, o popular cantor italiano, um intérprete perfeito que, inteligentemente, dá a cada canção o adequado clima.

A quarta canção interpretada por Loris Velli agora publicada pela Columbia merece uma referência especial. «De degrau em degrau» é mais um produto da notável dupla de compositores Jerónimo Bragança—Nobrega e Sousa. A seguir ao seu extraordinário «Vocês sabem lá», uma composição com o interesse de «De degrau em degrau», firma estes incansáveis na vanguarda dos compositores ligeiros do momento actual do nosso País. Loris Velli é admirável de calor e expressão mesmo cantando num idioma que não é o seu. Uma canção que vai fazer sensação.

Disco publicado pelos Estabelecimentos Valentim de Carvalho, R. Nova do Almada, 97.

Falam os sábios

(Continuação da página anterior)

cutível autoridade tomam, de facto, um especial relevo.

Não constitui realmente uma novidade a afirmação de que «existem actualmente duas classes de povos no Mundo: os que vivem na indigência, mas que alimentam a chama íntima da sua esperança, e aqueles que gozam de grande prosperidade, embora olhem com temor o futuro». Trata-se realmente da mera constatação objectiva de um facto por todos conhecido. Mas quando Gaston Berger acrescenta que o pensamento dessa profunda desigualdade «deveria ser para nós como uma ferida aberta, pois não poderemos sem remorso desfrutar da cultura mais refinada sabendo que há milhões de homens no Mundo acossados pelas torturas da fome», já então o célebre filósofo está expressando um juizo moral a que o grande prestígio do seu nome confere enorme importancia.

Também outra afirmação do mesmo filósofo, a de que os gastos militares dos Estados Membros das Nações Unidas excedem 150 biliões de dólares por ano, seria bastante banal se G. Berger não lhe tivesse acrescentado este sugestivo comentário: «Se fosse possível consagrar-se um por cento de somas tão consideráveis á ciência, á educação, á cultura, á alimentação dos homens, haveria cada ano á disposição de tais empresas de paz e de construção, um bilião e meio de dólares».

Outro dos sábios presentes, o professor indiano H. J. Bhabha, presidente da Comissão de Energia Atómica do seu país e que também presidiu á Primeira Conferência Internacional sobre a organização pacífica da Energia Atómica, falou do espantoso poder destruidor dos projécteis atómicos e de hidrogénio e para conseguir dar ao homem comum uma ideia exacta da verdadeira capacidade de destruição dessas armas forneceu o seguinte exemplo: «A quantidade total de explosivos empregados por ambos os adversários na ultima guerra mundial atingiu dois ou três milhões de toneladas de TNT. Uma bomba de hidrogénio pode ter uma potência de explosão várias vezes superior a essa quantidade».

Depois, procurando reduzir a termos concretos o que significa tal potência explosiva, o professor Bhabha acrescentou: «A zona de destruição total produzida por um projéctil de hidrogénio — digamos uma bomba de 15 megatons de hidrogénio — atinge aproximadamente 8 quilómetros. Como afirma um especialista, as casas desta zona seriam destroçadas, pulverizadas e se «evaporariam». Dentro de um raio de 12 quilómetros, as casas sofreriam danos irreparáveis, enquanto os edifícios situados num raio de 20 quilómetros teriam de ser evacuados para a reparação de sérias avarias. Isto sem contar o efeito radioactivo da queda da bomba. Segundo a direcção e a velocidade do vento, cerca de 50 % da população receberia uma dose letal, num sector de terreno de 40 quilómetros de largura e 300 quilómetros de profundidade. Apliquemos estas cifras ás grandes cidades do nosso tempo — Paris, Londres, Nova York, Moscovo ou Bombaim — e veremos com espanto as proporções de semelhante destruição».

Outros temas, talvez não menos interessantes, foram tratados pelos restantes sábios que tomaram parte nessa importante reunião. P. M. S. Blackett, por exemplo, destacou a má repartição dos benefícios da ciência entre os povos do Globo, pondo em contraste a renda anual de mil dólares por indivíduo desfrutada pela quarta parte da população mundial com a renda inferior a cem dólares que cabe ás restantes três quartas partes da humanidade.

Foi sem duvida este encontro de cientistas mais uma óptima realização da Unesco. Assim os políticos e os homens comuns se resolvam a meditar nas palavras de todos estes sábios e principalmente não se esqueçam de que, segundo afirmou G. Berger no discurso de encerramento, «cada vez que olvidamos o homem a civilização está em perigo».

ALFREDO BRÁS

Fim de semana feliz

Para onde vai amanhã?

Poucas datas terão deixado no meu espírito impressão mais duradoura do que esta que vivemos agora.

Começou já no domingo de Ramos. Lá vamos nós, todos os familiares, direitos á agra. É manhã, quase madrugada. Faz frio, mas o ar está leve, ouve-se longínquamente, a voz do mar num murmurio apenas. Cada qual trata de organizar seu ramo o melhor que sabe e pode. Um galho de oliveira, meia duzia de malmequeres cortados rente ao chão, alecrim, um palmito, dois miosótis quase a não se verem, alguns fios de erva macia que cresce na sombra do muro. O meu está pronto. Daí a nada levá-lo-ei á benção. Guardá-lo-ei depois, em cima do armário, na cozinha nova, onde já se encontra, comido pelo tempo e pelo pó, o do ano passado.

Toda a semana foi passada a desejar que andasse veloz, que trouxesse rápidamente o domingo de Páscoa. E porquê, o domingo de Páscoa?

Nesse dia iria ao beija-mão da madrinha. O beija-mão também não interessava muito, verdade seja. O que interessava e muito era o folar. O meu tinha, geralmente, doze ovos. Mal podia com ele. Trazia-o para casa num braçado como se fosse nas oferendas dos Santos Mártires.

Hoje já os rapazinhos da minha igualha se tratam melhor. Mas naquele tempo, o pão de trigo só pelo café e apenas meio pão de coroa de Vale de Ilhavo. Bolos — só pela primeira comunhão, nossa ou dos primos. Fora disso, era sonhar com eles e aguardar que viesse a Páscoa da Ressurreição. Aí, com os pães de trigo que mandávamos cozer de propósito e com o *folar* doce, era um tirar barrigas de misérias...

Esta quadra não parece gozar em Lisboa de muito prestígio, se abstrairmos das amendoas que essas, sim, são doces e valem a pena. Mas as famílias, aqui, ainda não conquistaram a Páscoa, ainda não fizeram dela sua festa de reunião, de convívio, de dar satisfação ás raizes que mergulham longe.

Muito pobre há-de ser a casa na minha terra que pela Páscoa não mate seu borrego ou não compre um pouco dele para assar. É da tradição, a venda do borrego ao domicilio. O vendedor anda de casa em casa, com sua balança de mola angular, e já nem pergunta se quer, mas quanto quer...

Esta tradição mergulha longe, nos hebreus se não erro. O regime de vida cristão não conseguiu abolí-la, mas separou-a do significado que assumia na religião velha. A família junta-se á volta do cabrito assado e depois fica na boa charla até ao vir da noite...

Vou eu aconselhar-te para amanhã passeios longe ou perto? Sinceramente, não. Haverá muitas ocasiões disso, acredita. O reinado do bom tempo está a chegar e então é que vai ser! Para amanhã, a tarefa é outra: em casa, com a família, apertando laços que não deviam afrouxar nunca. Se tiveres posses, oferece uma lembrança a cada membro da tribo. Se não puder ser a todos, ao menos ás crianças. Aqui para nós, não há para dar brilho aos olhos infantis como uma amendoa doce!

O problema da paz e da guerra encontra-se na ordem do dia. Já foi tempo em que se resolvia, exclusivamente, nas chancelarias, conforme o desejo dos magnates, disto ou daquilo. Hoje, cada um de nós, homem simples, homem da rua, como também no chamam, tem voto na matéria. O convívio familiar reforça essa certeza e dá mais importancia ao voto. Mostra-nos como devemos, persistentemente, defender a união e o bem da nossa, de todas as famílias. Afinal, hoje, uma das maneiras de conhecer quem ama a sua pátria, acima de tudo, é ver como preza a paz e a união entre as famílias e o que faz para preservá-las acima de quaisquer outras considerações.

E seguindo a tradição da santa terrinha, estás convidado, leitor, para o meu borrego assado de amanhã.

(Continuação da 1.ª página)

riam um sistema de «frequência de modulação» — como o da rádio vulgar — pois já se demonstrou que pode atingir a Lua com uma potência de apenas três décimos de volte, o mesmo de que necessita uma lanterna de algibeira de três baterias.

E' curioso assinalar como um sinal radiofónico de tão baixa potência possa percorrer 240 milhas e ser perfeitamente reconhecido! Imagine-se alguém a usar, na Lua, um foco eléctrico desta categoria: não poderíamos vê-lo, pois seria tão impossível como ver um pirilampo a milhas de distancia. No entanto, as mensagens radiofónicas emitidas com esse mesmo foco seriam recebidas e devidamente interpretadas.

As grandes dificuldades começarão, porém, quando quisermos atingir outros planetas mais distantes que a Lua... No caso de Marte, por exemplo, teríamos que dispor de transmissores com sete mil voltes. Visto que os tele-sinais se debilitam na razão do quadrado da distancia, para comunicarmos com Plutão precisaríamos de um transmissor com uma potência de setenta e cinco milhões de voltes! Mas mesmo com tal aparelhagem, as comunicações com os planetas não seriam nada fáceis. Os sinais teriam que ser transmitidos no máximo potencial e dirigidos não para a posição em que, no momento, estava o planeta destinatário, mas para aquela em que estará quando os sinais lá chegarem... O leitor já por aqui imagina as grandes dificuldades com que se depara.

O sistema de disseminação

Para atingir Marte quando este, digamos, se encontre a uns quarenta milhões de milhas de distancia, um sinal radiofónico levaria duzentos e quinze segundos. Neste lapso de tempo o planeta já teria percorrido três mil milhas! Todavia, quando Marte se achar no outro lado do Sol, a duzentos e trinta e cinco milhões de milhas da Terra — o sinal já necessitaria de mil duzentos e cinquenta segundos para lá chegar, período em que o planeta rodaria dezoito mil milhas, na sua órbita.

E' muito provável que o método de dirigir o sinal directamente seja substituído por um novo sistema de «disseminação» de tal sinal; infelizmente este sistema exige maior potência eléctrica do que o outro e o seu uso dependerá portanto do desenvolvimento de métodos de transmissão duma força hoje ainda inconcebível.

A possibilidade dos veículos siderais comunicarem uns com os outros é bastante remota, até porque, para captar os sinais, terão que se construir antenas parabólicas, difíceis de instalar em foguetões, por exemplo, de modo que o melhor sistema será, porventura, utilizar uma «central» na terra para transmitir sinais de um veículo sideral a outro.

Aqui tornar-se-ia altamente eficaz a transmissão de teletipo de alta velocidade, visto que se poderia enviar uma mensagem e simultaneamente comprovar a sua exactidão com o original enviado do veículo sideral.

OUVIR BATER O CORAÇÃO DO MUNDO

A FELICIDADE E O INFERNO

Aos domingos as portas do cárcere abrem-se para dar passagem a uma multidão triste, pesada, carregada de fantasmas, de medos, de recordações penosas. De dramas, em suma.

Não é agradável visitar reclusos quase sem esperança de regressar ao mundo dos vivos. E' como se visitássemos cadáveres que adiassem, por algum tempo, a partida definitiva para o nada, para o esquecimento...

Nestas visitas, os mais tristes não parecem ser os presos. A presença de amigos, a presença física, em hora momentanea, da liberdade, do ar livre, da «sua» cidade, da «sua» aldeia, acende-lhes um brilho mais intenso nos olhos sofredores, difunde outra realidade nas faces magras e lívidas da falta de Sol e de alegria...

Jean Raul recebia com frequência a visita do seu velho pai. O ancião, de cabelos totalmente brancos, chegava como uma sombra, partia como uma sombra. Cada visita que fazia ao filho era como nova machadada nos poucos anos que lhe restavam. Recriminava-se duramente. Tinha dificuldade em fitar os olhos daquele homem, ainda novo e já velho, daquela sombra que era seu filho, carne da sua carne... «Fui eu o culpado, fui eu o culpado!» — dizia para consigo.

Naquele domingo, em lugar da visita do velho, Jean Raul foi visitado por uma rapariga alta, vestida de preto, que lhe levara um ramo de flores e um embrulho de pequenos bolos.

—São feitos por mim. — disse com um sorriso triste, como se se desculpasse.

—Conhece-me? — perguntou ele.

—Bem—e a sua voz hesitou, na procura de termos exactos. — O seu pai «falava-me muito de você... «Eramos» vizinhos...».

Jean Raul compreendeu tudo. Nada perguntou. O resto da visita passaram-na em silêncio, chegados àquele ponto em que as palavras não atravessam as fronteiras.

«Agora, sim. Estou morto e bem morto. Acabou-se». Só então se lhe representou o que valia para ele aquele homem que, todavia, não amava, mas de quem já se lembrava com uma pungente saudade. Porque do que ele tinha saudades era de si mesmo, da sua liberdade, saudades de refazer a sua vida, saudades de, enfim, começar a ser ele...

A vizinha do velho pai, Antonieta, voltou no domingo seguinte. E no outro. E no outro... Era sempre a primeira a chegar; era sempre a ultima a partir.

—Não venha mais.— disse-lhe um dia Jean Raul.

—Porquê? Não me quer ver?

—Antonieta! Mas não repara que sou um velho, e mais que um velho, sou um cadáver, que não posso dar-lhe nada...

—E já lhe pedi alguma coisa? Alguma coisa mais do que um pouco de amizade? Eu era infeliz, Raul. Acredite que existe alguma coisa pior do que viver sem liberdade — é viver sem amor...

Casaram na prisão. Os jornais trouxeram a notícia, publicaram a fotografia, contaram a história. Criou-se um movimento de simpatia em volta do casal que descera ao inferno e aí, por milagre, encontrara a felicidade. Antonieta dá mostras de uma actividade que não conhece repouso, de maneira a abreviar a pena do homem que ama. Consegui-lo-á. Tarefas bem mais difíceis pode o amor cumprir...

... ...

Trecho de uma carta de Jean Raul para sua noiva:

«Vou dizer-te uma coisa e peço-te que não rias das minhas palavras. Reconheço que elas são estranhas. Mas nada quero esconder-te do que se passa em mim... No primeiro dia em que me visitaste, sabes com quem tu me pareceste? Com a minha mãe. Sobretudo na voz mansa, nos olhos, na calma que soubeste, pela primeira vez na vida, comunicar-me. E o que há de estranho neste caso, é que não cheguei a conhecê-la...».

Crónica da Rua Humilde

(Continuação da 1.ª página)

ta de certo zelo proselítico... «Mas tem boa maneira de se informar pelos seus próprios olhos — acrescenta ele diante da minha expressão reticente — Desce o carreirinho ao pé da casa do João Caldeiro, vai andando sempre e não precisa de andar muito...

—Mas... e essa gente nunca aparece por aqui? — quero eu saber.

Raramente. Fazem caminho por baixo, pela linha férrea, depois metem á direita, sobem o talude e estão onde querem. Senão teriam de subir isto tudo... Mas passe por lá um dia, passe. Verá que não lhe minto. E' preciso ajudar essa gente, sabe? Provar-lhes que não andam esquecidos...

No próximo sábado, dia 28 de Março, realiza-se na Academia uma festa de benefício da «gente da encosta». Organiza-a Marcos, o estivador, que também é presidente da Academia. O produto destina-se a comprar petróleo e mantimentos a distribuir depois pelos «desterrados».

—Isto não resolve — declara-me o estivador na sua maneira calma de falar, que se torna mais calma ainda quando se excita na defesa dos seus pontos de vista. Sendo um tudo nada gago, precisa de se dominar para que as palavras saiam inteiras — Eu sei que isto não resolve. Eles continuam pobres, o petróleo que lhes mandamos esgota-se numa semana, duas semanas o máximo, o comer idem. Mas que quer? Eles já contam com isto, — é todos os anos... Desde que se fundou a Academia, em 1910, não passou um unico Natal, uma unica Páscoa, um unico Cineo de Outubro, sem lhes mandarmos a parte deles. Já encontrei as coisas assim quando entrei para a Academia e hei-de manter a tradição.

As senhoras da Junta, que guardam dinheiro e vestuário para os pobres da freguesia, não visitam o nucleo desta banda. Por dois motivos principais: não é muito numeroso e está muito escondido.

—Deixá-lo — diz o Marcos — prefiro assim, fica tudo entre nós, entre família... Somos nós que nos devemos ajudar uns aos outros...

A festa de benefício consta de teatro. Nos princípios de Fevereiro vieram a minha casa o Joaquim tipógrafo e o marido da Mariana galinheira, vogais da Academia. Vinham trazer-me uma peça de teatro para eu dar a minha opinião.

Era uma coisa pavorosa. Deixou-me os nervos em franja. Prometi arranjar outra em sua substituição...

Mas o tempo foi correndo e nunca mais me lembrei do assunto. Duas semanas depois, torna o Joaquim a minha casa pela peça. Caí das nuvens, gaguejei uma desculpa.

—Bem — atalhou ele — Não tem mal. Levamos agora esta para remediar e depois como é só para Outubro, já há tempo suficiente para se pensar melhor.

Ontem á noite fui assistir a um dos ensaios. Quando entrei a sala estava mergulhada na escuridão, para não gastar electricidade. As duas primeiras filas, cheias. O Marcos foi adiante a dizer onde devia sentar-me. «Por aqui, por aqui!» dizia numa voz ciciada como se estivessemos na missa.

Em cena estão um rapaz e uma rapariga. Ela pergunta-lhe se é justo que ele a deixe assim, desprotegida, e com um filhinho quase a nascer. O rapaz, de cara virada para onde deve ser uma janela, atira uma enormidade, algo como «sei lá se o filho é meu...»

—Canalha! — ouço exclamar á minha beira.

O ensaiador não gostou da entoação. Acha que deve pôr mais cinismo na voz. Assim... E exemplifica.

—O ensaiador é bom — digo para o Marcos — Quem é?

—Um rapaz muito jeitoso da Guilherme Cossoul. Se o ouvisse recitar!

E assobia. Com um «chut» autoritário a espectadora da frente volta-se para nós. E' a Mariana, a galinheira. Ao ver-me, amacia o gesto duro, sorrindo.

—E' a minha filha! — exclama, apontando com o queixo para o palco — Quem havia de dizer, hem?, a sonsa?...

—Vai muito bem — confirma o estivador — O da Guilherme Cossoul diz que é uma revelação, até já fala em levá-la para o grupo.

—Arreda! — diz o da galinheira, sacudindo a mão cabeluda.—Não pensem nisso senão a gente entorna-se! Quero que ela case...

—Escutem agora! — avisa a Mariana, apontando o palco e quebrando a discussão.

A peça vai ser falada. E' a opinião geral.

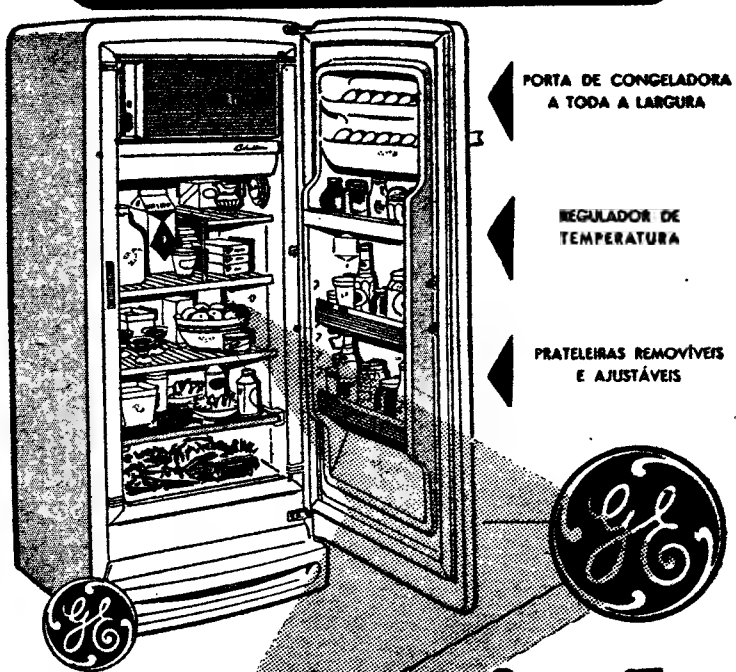
Surrealista do seculo XVII!

(VIRAR DE LADO)

Eis um curioso quadro de um mestre holandês desconhecido. O leitor está a ver um estranho sujeito de grande pera ramalhada. Mas ainda não viu tudo! Volte de lado, com a margem do jornal para baixo. Já está? Que nos diz? Saiu uma paisagem, onde menos esperava encontrá-la? E' isso mesmo. E aqui tem um pintor surrealista do século XVII.

GENERAL ELECTRIC

O FRIGORÍFICO PARA TODA A VIDA



aspirador

GENERAL ELECTRIC

MOBILIDADE COMPLETA
EFICIÊNCIA ABSOLUTA
GRANDE SUCÇÃO
1 ANO DE GARANTIA E...
QUE LINHAS MODERNAS!

À VENDA NOS AGENTES DA

GENERAL ELECTRIC PORTUGUESA

Isabel

O escandalo da morte da mulher, dá a Isabel a certeza de que o seu casamento com Dudley é impossível. Astuta, por natureza, ela resolve casá-lo com sua prima Maria, rainha da Escócia. Esta proposta deixa a corte boquiaberta; os rumores não cessam, mas apaziguam-se um pouco. Isabel declara que, antes de enviar Dudley á Escócia, quer dar-lhe um testemunho do seu favor e vai fazê-lo conde de Leicester. Se alguma vez Isabel teve, verdadeiramente, intenção de fazer desposar Dudley por Maria, não tarda a descobrir que tem de renunciar a este projecto. Abstem-se de o confessar, mas o espírito fértil forneceu-lhe já um plano para substituição daquele: sem o deixar transparecer, vai favorecer a união da rainha escocesa com «lord» Darnley — um rapagão de 19 anos, muito alto e muito louro, um pouco descorado e de espírito acanhado.

Mal Darnley, em Fevereiro de 1565, chegou a Edimburgo, a rainha da Escócia sente-se violentamente atraída para ele. A sua decisão está tomada: quer este bonito varão, tê-lo-á. Casada com ele, tendo liquidado a rebelião protestante, pareceria que Maria Stuart, a escocesa, devia viver em paz e alegria. Nada disso. Não só ela adivinha que o descontentamento dos subditos apenas só muito superficialmente está apaziguado, como ainda seu marido lhe causa decepções cada vez maiores. Decididamente, o jovem é um tolo e um fátuo. E nada é tão cruel para uma mulher altiva como descobrir que o homem que ama é indigno do seu amor. Furiosa, contra ele e contra si própria, Maria cai no abatimento. Além disso está grávida, o que quer dizer que o foco dos seus interesses femininos se desloca, cai-lhe a venda dos olhos. Quase tão subitamente como se prendeu a Darnley, desprende-se dele. Não só já o não ama, como o despreza.

...Isabel sabe, uma noite, que a rainha da Escócia, a sua odiada rival, deu á luz um formoso rapaz. Sob a pintura, as suas faces empalideceram, as mãos carregadas de anéis começam a tremer, o olhar torna-se-lhe fixo, parece prestes a desfalecer e as aias, que se precipitam para a ajudar a sentar, ouvem-na murmurar:

— A rainha da Escócia deu á luz um belo rapaz. E eu nunca serei mais que um tronco estéril!...

Mas a existência de Maria está longe de ser feliz. Afastada voluntáriamente do marido que aborrece mortalmente, encontra Bothwell. Segundo os rumores que então circulam, Maria tem por este nobre uma paixão devoradora, que lhe queima as veias. Não se pode fixar, exactamente, a data da queda; mas parece certo que Bothwell deixou de ser o conselheiro poderoso e escutado; parece ter-se tornado o seu senhor. Para o seguir, a rainha entrega o filho a uma dama da corte. Segundo o que corre, a criança teria sido trocada, pelo filho desta nobre dama, cuja semelhança com o príncipe era perturbadora. Nunca se provou o facto; mas o certo é que Jaime não parece ter herdado nenhuma das qualidades ou defeitos dos pais. Saiu inteiramente aos pais adoptivos.

ISABEL I

Entretanto, Maria vive presa da sua desmedida paixão. Levada por Bothwell, atrai o marido a uma cilada, onde o desgraçado perde a vida. Saberia ela o que fazia? Estaria cega? Seria apenas um instrumento inocente de uma criatura diabólica?

Com esta criatura diabólica contrai Maria segundas nupcias, apesar do descontentamento do povo. Volta-se contra a rainha. Reclama a sua morte, como assassina e outras acusações igualmente graves para uma soberana e uma mulher decente. Encerram-na no prebostado, mas o povo, furioso, vem bater contra as paredes e redobra de injurias.

...A palavra pertence agora a Isabel. Que fazer de Maria? O melhor seria, evidentemente que ela abdicasse em favor do filho, em nome do qual governaria uma regência protestante. Ou que se divorciasse de Bothwell e concordasse em retomar o poder apenas nominalmente Mas ela recusa-se obstinamente a uma e outra coisa. Todos se voltam para Isabel, na esperança de que ela encontre uma solução. Mas a solução parece difícil. Contudo, as coisas complicam-se. Maria tem um parto prematuro, na prisão. E no principio de Maio desse ano, disfarçada de criada, consegue fugir. Nos meados do mesmo mês, escreve a Isabel, pedindo para a ver. Nela deposita a esperança de uma solução para os seus intrincados negócios. Depois parte de barco para solo inglês, perto do porto de Carlisle. Aí o machado, dezoito anos mais tarde, porá fim á sua atribulada existência. Mas a sua vida terminara, quando ela tinha apenas 26 anos.

A chegada de Maria a Inglaterra lança Isabel num terrível embaraço. Deverá propor á Escócia a restauração de Maria? Ou acolhê-la como rainha e deixar-lhe os movimentos livres? Ou ainda mantê-la prisioneira?

Durante dezoito anos, errará de castelo em castelo, de prisão em prisão, sempre sedutora, sempre conspiradora, jamais domada. Entretanto, Isabel, aranha diligente, exercerá laboriosamente, vigorosamente, engenhosamente, o seu ofício de soberana até ao dia em que as servidões desse ofício a levarão, «volentem nolentem», a sacrificar a prima, a quem inveja, detesta, lamenta e admira, ao mesmo tempo.

*

No ano de 1580, Isabel, ameaçada por todos os lados pelas fulminações da Contra-Reforma, tem justos motivos de angustia. A guerra parece espreitar a Inglaterra; um casamento católico, apenas esfumado, descontenta o povo. Mas a Espanha hesita, tanto como a Inglaterra, perante um conflito armado. Apesar das longas hesitações dos dois adversários, o espectro da verdadeira guerra ergue-se no horizonte. Uma tragédia lhe vai dar corpo: a execução de Maria Stuart.

Nos portos de Espanha e Portugal, constroi-se a «invencível armada», com a qual Filipe II sonha fazer um instrumento da vingança divina...

MARIA STUART

Segunda parte da condensação da excelente biografia de Jacques Chastenet — «A vida de Isabel I de Inglaterra» — que a editorial Estudios Cor acaba de publicar na sua grande colecção «DESTINOS». A esta pertencem, também, «A VIDA DE VAN GOGH», «A VIDA DE DOSTOIEWSKY», «A VIDA DE NIJINSKY», «A VIDA DE TOULOUSE-LAUTREC».

E' um livro seleccionado e recomendado por MAGAZINE.

VIDA QUOTIDIANA EM PORTUGA

Desventuras dum flamengo

Por AUGUSTO DA COSTA DIAS

Em 31 de Dezembro de 1533 já o célebre humanista Nicolau Clenardo se encontrava em Portugal. Era um flamengo de Diest, da melhor cepa burguesa e magistral cultor das linguas universais que tanto agradavam á sua classe — o grego e o latim. O burguês, a quem as alfandegas e portagens repugnavam — obstáculos ao comércio, fronteiras entre homens — sentia-se liberto ao falar e ensinar idiomas universais que dispensavam cicerones e passaportes.

Muito novo ainda, fora Clenardo despachado para Lovaina, com destino ao sacerdócio; aprendeu teologia, na qual se licenciou em 1527, quando teria os seus trinta e três anos; no meio do curso, porém, não resistiu ás tentações filológicas: e ao mesmo tempo que aprofundava o conhecimento das coisas divinas, ia praticando com entusiasmo as mais significativas das criações humanas — as linguas, por meio das quais os homens se entendiam, se amavam e mutuamente trocavam conhecimentos, dores e alegrias.

Mas não uma lingua apenas! Clenardo será um distinto poliglota, maneira de satisfazer como tantos outros humanistas) um insaciável e também teórico anseio de univer-

salismo
o latim
mestre
por tal
da ára
«sua d
versida
de ren
de uma
onde e
familia
monios

fessor e
velho a
Rescende
cia-lhe,
lugar d
bispo d
Henriqu
cem mi
tença d
com mo
tade) —
a vida
do uma
régio in
Clenard
com a
Evora (
um mes

Dois
ra foi
rainha.
go, mos
famoso
gar cinc
presente
rigiu-se
D. Henr
cumprin
te.

As p
extrema
vendo a
ãa:

«Há
rões dou
como na
na próp
rá quem
te».

Vive
uma exi
gosto:
bons co
poliglóti
um para
to divor
sua rodo
lectual p
marfim
que do
nos, nã
Mesmo
económi
de tal f
pode dei
bom
bante. V
rava a ge

TRADO

por MANUEL AGRA

Os moços daquela turma não estudam. Cábulas. As notas negativas chovem. Os mestres afligem-se. Que fazer?

Resposta dificil. Que fazer? Limitarem-se a registar os setes e os oitos? É pouco. As classificações são já uma consequência. De quê? Da falta de estudo. Da falta de aplicação. O mais grave: da falta de interesse. Para a esquerda ou para a direita, tanto faz. Não sabem consultar os livros de estudo. Chinês, aquilo.

— Uns tabefes bem dados! — oiço dizer.

Tolice. Em pedagogia, como em política, a violência significa sempre a falta de argumentos válidos. E ainda por cima, não resolve. A cadeira eléctrica não suprimiu o crime. Outra vida, portanto.

Mas o quê? A aproximação dos alunos, conhecer as suas dificuldades, seus dramas, sua maneira de ser, o ambiente familiar, as condições de trabalho? Bonito em teoria. Em teoria aconselhável. Como ser um bom educador sem isso!

Mas quem fala aqui em educador? Dar a matéria, impingir da melhor maneira fórmulas, noções, isso sim. Encher o saco, isso sim. E não pensar mais no assunto mal a campainha dá sinal. Não há tempo. Preparar as lições, descobrir processos de dourar a pílula, tornar fácil quanto possível a aprendizagem. Fazer ginástica sueca dentro dos programas.

— Talvez os pais, em casa! — dizem aqui ao lado.

Os pais... Os pais sabem lá nada mais que sofrer com aquela chuva de setes e noves! Verem-se livres dos moços aquelas horas todas ao mesmo tempo que lhes estão dando um futuro, um ganha-pão. O resto não é com eles. Com eles vem depois a ser rapar do cinto e xingar o valdevinos, o cábula que não quer saber dos sacrificios do pai, etc. Isso porque também é o mais fácil. Já tem tanto em que pensar, o pobre homem!

Uma tendência de fechar os olhos á realidade... Foge-se a ela. Buscam-se soluções truncadas da realidade — e não admira que se malogrem. Falta de interesse? de aplicação? de trabalho? Evidentemente. Para que serve o estudo? Digam lá. Para que serve queimar as pestanas? Senão para dar prazer, ao menos para ganhar a vida? Ora, ora! Quanto mais bruto mais peixe. Ao menos para dar fama, a que a juventude é tão sensível? Muito menos. Perguntem o nome de um sábio aos alunos e aos pais dos alunos e — Deus me perdoe! — aos professores dos alunos. Dobrado contra singelo que dificilmente encontrarão resposta. Isso não conta.

Rebusquemos na mala deste amigo. Uma revista ilustrada com uma biografia de Elvis Prestley, o do «rock and roll». As moças bonitas á volta dele são assim. E milhões de dólares! Analfabeto, ou quase. Agora outro folheto. Um futebolista. Super-homem. A Pátria rendida a seus pés. Toda a gente fala dele. Desses de cujo pé esquerdo, como diz Alfredo Brás no ultimo numero do «Magazine», se fala com o mesmo entusiasmo com que outrora se falava das mãos de Rodin ou de Rubinstein».

Estudar para quê, não me dirão? Lançar-se cada qual em comércio de artigos sem mercado? Este barateamento, este desprezo pelos valores do espirito reflecte-se nos mocinhos, sensiveis muito mais do que julgamos.

E práticos muito mais do que julgamos.

A PORTUGAL NO RENASCIMENTO — (1)

...ngo no reino de Portugal

DIAS

em 1527, ...ta e três ...rém, não ...ojicas: e ...ofundava ...s divinas, ...iasmo as ...ações hu... meio das ...ndiam, se ...trocavam ...egrias. ...enas! Cle... poliglota, ...no tantos ...insacível ...de univer-

DO

GRA

...e xingar ...não quer ...ai, etc. Is... ...nais fácil. ...sar, o po-

...r os olhos ...Buscam... realidade ...malogrem. ...dcação? de ...Para que ...Para que ...as? Senão ...s para ga... ...anto mais ...enos para ...tude é tão ...Perguntem ...s alunos e ...Deus me ...es dos alu... ...elo que di... ...esposta. Is-

...deste ami... ...com uma ...ley, o do ...as bonitas ...E milhões ...ou quase. ...futebolis... ...a rendida ...fala dele. ...rdo, como ...numero ...m o mes... ...utrora se ...ou de Ru-

...me dirão? ...comércio

Este bara... ...pelos valo... ...nos moci... ...ais do que

...do que jul-

salismo. Primeiro aprende o grego, o latim e o hebreu — em que seria mestre consagrado; depois deixa-se por tal forma enlear nos encantos da árabe que aceita abandonar «sua doce Lovaina», em cuja universidade sustentava uma cátedra de renome europeu, pela aventura de uma viagem á pátria do Quixote onde esperava encontrar quem o familiarizasse por completo na harmoniosa língua de Mafona. Era professor em Salamanca quando o seu velho amigo de Lovaina, André de Resende, o foi desencantar: oferecia-lhe, em nome de D. João III, o lugar de professor do então arcebispo de Braga e futuro cardeal D. Henrique. Embora o ordenado — cem mil reis (Camões receberá a tença de quinze mil reis por ano com moeda valendo menos de metade) — seja tentador, e sobretudo a vida remançosa que levaria, dando uma lição diária de uma hora ao régio infante, o fundamental para Clenardo é que Resende lhe acenou com a notícia da existência, em Evora (onde a corte demorava) de um mestre em arábico.

Dois dias depois de chegar a Evora foi beijar as mãos do rei e da rainha. O soberano quis, desde logo, mostrar-se magnifico com tão famoso Mestre: mandou-lhe entregar cinquenta ducados «a titulo de presente de boas vindas». *Depois dirigiu-se á apresentadoria do infante D. Henrique, onde lhe apresentou cumprimentos, em latim certamente.*

As primeiras impressões eram extremamente agradáveis. Escrevendo ao seu amigo Vaseu, confessa:

«Há nela (na corte) muitos varões doutos, tanto na língua grega como na latina a ponto que nem na própria Salamanca se encontrará quem as fale tão correntemente».

Vive com o seu amigo Resende uma existência inteiramente a seu gosto: ócios fartos para meditar, bons companheiros para conversas poliglóticas, leitura dos antigos — um paraíso! Não se podia entretanto divorciar do que se passava á sua roda. Quem disse que um intelectual pode construir uma torre de marfim e nela se encafuar, estanque do Mundo? Clenardo, pelo menos, não consegue tal prodígio. Mesmo que quisesse, o ambiente económico e social que o rodeia é de tal forma estranho que não se pode deixar de observar com o forte bom senso do burguês do Brabante. Vinha de terras onde imperava a gente positiva dos negócios, onde o trabalho era uma lei natural, e deparava com uma camada de parasitas presos ao queixaço da corte, a sugar-lhe o sangue, quer dizer os reais, os vintens, os ceitis... Com espanto verifica que, de todos os países que percorrera, Portugal é aquele onde a preguiça tem mais consumo. O humanista teórico, olhando o que se passa especialmente e de maneira bastante restrita nos circulos cortesãos, generaliza o que observa a toda a nação. Está crente do que afirma: «Quae vidimus, testamur» — dou testemunho de coisas que tenho visto com os meus próprios olhos; *mes nem de longe suspeita de que os defeitos que encontra na gente com quem lida são produtos e subprodutos da maneira de ser das classes dirigentes — o clero e a nobreza.*

«Em Portugal todos somos nobres — *desabafa Clenardo* — e tem-se como grande desonra exercer qualquer profissão».

O bom do humanista apreciava a cara bem escanhoada, mas quase desespera de o conseguir! Manda o criado implorar ao barbeiro que venha a casa. Espera. Ah, como o tempo é lento em Portugal! Como tudo demora a acontecer! Então esse barbeiro não vem? Que raio de comerciante é ele que não sabe apressar-se a servir os clientes? Não precisará de ganhar dinheiro?

Clenardo deve passear por toda a casa, a ver se assim espairece a sua cólera. A experiência, todavia, vai dizer-lhe que as coisas se passam em Portugal de maneira muito diferente do que acontece no Brabante. Aqui todos vivem á custa das sinecuras da India, ou das respectivas migalhas. Todos — *é sempre o mesmo luxo de expressão generalizada; mas enfim, ele tem razão* — quae vidimus, testamur — *a fauna da corte e seus arredores não morre de amores pelo severo trabalho a que se dedicam os brabantinos. E Clenardo ainda lá está á espera do barbeiro.*

Finalmente, lá vem ele! Clenardo semicerra os olhos: custa-lhe a acreditar no que vê. Na sua terra, os barbeiros azafamam-se a servir o freguês e trazem um criado com a competente bacia e gomil; aqui, não: o barbeiro que ali palmilha com solene cabecear, não traz criado: serve-se do do freguês: é o próprio criado de Clenardo que transporta os apetrechos para a tosquia e será ele que terá de os levar a casa, no fim da obra feita. Clenardo está espantado. Forte graça, ein?

(CONTINUA)

APONTAMENTOS PARA OS TEMPOS FUTUROS

OS POÇOS DE DON HERNANDO

Don Hernando Cabeza de Vaca, grande de Espanha, foi governador de Nova Caledónia. Conhecendo os seus méritos profundos, Pizarro nomeou-o para cargo tão espinhoso. Porque convém não esquecer o seguinte facto: Nova Caledónia tinha imensa falta de água e de vinho. Acerca do vinho providenciavam os homens mandando-o vir de Espanha; o problema da água é que era mais sério. Don Hernando tornou-se calvo de tanto escogitar no assunto e fez-se, ainda por cima, de feitio avinagrado. Acabou por perder o apetite, não obstante fosse homem que muito apreciava a boa vianda, a boa lasca de peixe, os perfumados e picantes temperos, os doces finos — enfim, um gastrónomo de categoria.

Mas porque perdeu o apetite? Por môr das preocupações? Não era bem este o caso. Quase todos os dias Don Hernando aguçava o apetite, mas logo que assim acontecia crescia-lhe água na boca e o pobre do fidalgo castelhano, lembrando-se de água, perdia a cabeça. Ora está provado que uma pessoa sem cabeça não consegue ter apetite, nem comer, nem coisíssima nenhuma.

Um dia frei Ascênsio de Leon lembrou-lhe que fizesse uma campanha de poços, que entusiasmasse todos os bons crentes a abrir um poço. Claro que esburacar a terra não é tão fácil como se diz: exige trabalho, sacrifícios e até devoção. Ora a propósito de devoção deve acrescentar-se que, naqueles tempos, havia bastantes fedores heréticos em Nova Caledónia. Sobretudo entre os burgueses —gente de negócios ou de industria ou de profissões liberais. Don Hernando fora por via disso obrigado a lançar uma cruel campanha em defesa da virgindade da fé e a luta mostrava-se séria.

Pensando nisso, frei Ascênsio, pessoa de espírito aberto, começou a matutar numa hipótese que lhe escorria do cérebro, e um dia, batendo nervosamente com as grossas sandálias a caminho do palácio do governador, o nosso santo homem ria com a mais sã das alegrias. Ele não gostava de perseguições: quando se sentava na cerca do convento debaixo de um abrunheiro de rico fruto, nas tardes calmas da Primavera ou do Verão — frei Ascênsio pensava na brutalidade humana que, para comer coisas doces, torna, antes de tudo, a vida amarga. Ao subir os degraus do palácio de Don Hernando assim mesmo ia cogitando.

Alvíssaras! — proclamou com generosa alegria ao cravar a cabeça na sala do trono — Alvíssaras! Descobri o remédio para arranjardes águinha com abundancia!» — O governador que estava sentado no trono, ergueu-se, dependurou toda a sua majestade e desceu ás coisas comezinhas: «Agua? Agua! Dizei lá como arranjais isso?» E logo o bondoso do frade explicou tudo: que Don Hernando prometesse a quem abrisse um poço uma trégua por cem anos em matéria de ortodoxia. «Podeis estar certo — concluiu — que não haverá menos cristãos, mesmo que sejam luteranos, mas haverá mais água».

Don Hernando quis resistir com argumentos de grandes autores, mas a questão é que se tratava de água. Água! Pois bem: prometia a trégua em troco de muitos poços. Ao outro dia saiu para a rua um corneteiro que barregava como um perdido a boa-nova. E os resultados foram brilhantes: dentro em pouco a terra de Nova Caledónia tornou-se um autêntico queijo Gruyere: por toda a parte uma riqueza de buracos que era um louvar a Deus! Até Mendizabal, o rico mercador que morava á ilharga do palácio do Governo, e era protestante por uma figa, resolveu cavar um poço no pomar.

«A surpresa é o melhor — pensou. — Vou mandar cavar o poço sem que ninguém saiba!». E como o segredo era a alma do negócio e ele tinha uma grande alma para o negócio, se bem o pensou melhor o fez. Chamou os escravos, mandou-os escarafunchar num maninho mesmo pegado com as propriedades de Don Hernando e esperou que a água aparecesse. Metro após metro foram os escravos abrindo a grande lura — e já estavam nos dez, e já estavam nos vinte metros e de água nem cheiro. Tinha de desistir! Mas desistir era, pela certa, ser perseguido como herético. O governador considerava-o, aliás, um dos maiores heréticos, pois tinha muito dinheiro, muitos barcos, muitas mercadorias — coisas que, naqueles tempos, tornavam os homens altamente suspeitos em matéria de fé.

Viu então que não podia desistir se quisesse salvar a pele e os cabedais. Tornou-se taciturno, que é a forma de uma pessoa pensar sem que ninguém a incomode. E quando já nada esperava, conseguiu espremer uma ideia extraordinária. Veio á janela do solar abriu-a como quem abre os braços, cravou os olhos no palácio de Don Hernando e explorou com vagares de sibarita um riso saborosíssimo.

No outro dia mandou um criado grave ao palácio a comunicar a Sua Mercê que tinham poço. Sua Mercê mandou esperar o famulo e sem muita demora mandou declarar que aceitava ir inaugurar o poço. Tal qual o burguês esperava! Três dias antes da soleníssima cerimónia Mendizabal reuniu os escravos e mandou-lhes buscar água em barricas — aonde havia de ser? — ao nutrido poço do Governador. Os pobres gastaram todas as santíssimas noites desses três dias a carregar com as pesadas barricas de água. Despejavam-nas no poço do burguês, cujo fundo assentava na rocha firme.

E a água ia subindo, subindo — já luzia e límpida que era um gosto. No fim da terceira noite ficou a obra esmerada. Que formosura de poço! Que linfa! E veio o Governador com grande pompa, em cortejo, á sombra de um docel, com moleques a abaná-lo — a Majestade em pessoa. Mirou-se na água límpida do poço — um belo espelho que lhe devolveu a imponente e ortodoxa figura — e felicitou o burguês.

Mais um poço! — Ia escrever sem tardança a sua Majestade Filipe II a contar-lhe a sua grande vitória sobre o ganado do Mendizabal! Mendizabal cavara um poço! Estava tão alegre que outorgou ao burguês o Tosão de Ouro, uma das espécies auríferas que ele ainda não tinha. E outorgou-lhe também a liberdade de orar á sua vontade, sem meio da ortodoxia. Ao retirar-se Don Hernando Cabeza de Vaca ia feliz, feliz! Até luzia! Rezemos um Padre Nosso por intenção de Don Hernando. Amen.

DIOGENES

DON HERNANDO CABEZA DE VACA
sentado no trono

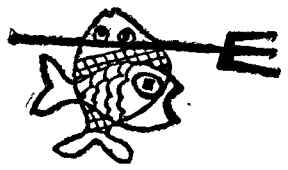
A saude no tempo de Quaresma

Agora que estamos em plena Páscoa, o peixe consome-se muito mais que a carne. Mas nesta quadra do ano, o peixe é, felizmente, abundante. Aproveitemos a Quaresma, pois, para uma dieta de peixe, excelente alimento, rico em calorias,

de fácil digestão (claro está se o não encher de molhos indigestos). A pescada, muito procurada nesta quadra, pode prepara-se de milhentas formas, de preferência em filetes, que podem já comprar-se cortados, o que facilita a tarefa da dona de casa. Acompanhe os filetes com cogumelos ou salada verde.

Depois de um Inverno chuvoso,

os legumes não nos trazem novidade alguma. Poderá servir-se das pastas ou massas, desde que não abuse. Coza-as em bastante água, para que o efeito seja mais agradável. Aproveite também as muitas receitas de crepes, cuja massa poderá preparar antes de sair para o emprego. Se quer, neste capítulo, apresentar uma novidade, não en-



role os crepes. Recheie-os e junte dois a dois, formando uma espécie de sanduíches. Para o recheio aproveite qualquer resto de peixe. Coma-os quentes — a massa quente é menos indigesta — e com salada verde.

Não esqueça o cordeiro da Páscoa, no Domingo já tradicional entre nós. Mas não o escolha demasiado novo, porque a carne será menos firme e saborosa. Acompanhe-o com ervilhas salteadas, em montinhos entremeados com pequeninas batatas fritas e grandes molhos verdes de salsa. Sirva o molho á parte, para quem não possa comer gorduras. Decore a travessa com redoelas de ovos cozidos e verá contentes os seus convivas, com um tão fácil ar de festa.

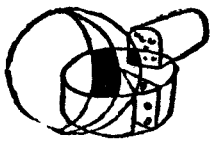
A propósito de festa de Páscoa, comece o almoço com o também tradicional «folar» uma espécie de pão, recheado e carne e ovos cozi-

dos. Encomende em qualquer pastelaria, se não tem tempo para os fazer ou não sabe.

Sirva queijos variados, porque estamos na sua altura e todos são agora bons. Deixe para a sobremesa os queijos em creme, com ou sem açucar, com ou sem compota ou frutas cristalizadas. Se quiser pôr-lhe rodelas de ananás, então, não lhe digo nada! Mas se não entrar em despesas, caminhamos já para o fim do mês, escolha frutas mais económicas. Pode servir o

queijo branco em salada de alface. Se comprou frango e o acha seco, ponha dentro um pouco de queijo. Ficará espantada com o resultado!

Se quer utilizar o arroz, coza-o em bastante água salgada e sirva com um molho á parte, feito de manteiga derretida (sem ferver), sumo de limão e salsa picadinha.



Mas repare que o arroz fica com o grão bem solto.

Apesar da pobreza do mês de Março, pode ver como lhe é fácil passar por uma «boa cozinheira»...

SABER COMER

A CARNE DE VACA

servar a carbonização. As gorduras derretem, e se não quer comer muita gordura, não aproveite. Tempere, apenas, com salsa picada e sumo de limão.

Para os assados, *no espeto a ma-*

neira mais corrente, por dar menos trabalho, a carne deve ser já magra. Se a assar no forno, cubra-a com papel pardo, espesso. Assim a preservará de um calor demasiado que a possa queimar.

Para os assados no tacho, *escolha a carne magra. Substitua a manteiga pelo azeite, ou utilize a própria gordura do animal. Volte o assado, de modo a alourar de todos os lados, igualmente. Se se trata de carne de porco, deixe cozer bem—para isso, deite um pouco de água com vinagre ou vinho, depois de a ter alourado um pouco.*

Para a carne frita, *na frigideira*

— a menos aconselhável — não deixe fritar em manteiga; esta nunca

As proteinas são a defesa da nossa saude e da juventude — já o disse alguém entendido. Preservam-nos das doenças e curam muitos males. Entre as carnes, a de vaca, chamada carne vermelha é incontestavelmente, a carne por excelência. Nela as proteinas — elementos que também encontramos no leite, nos ovos, nos germes de plantas, no estado natural — são especialmente abundantes e benéficas.

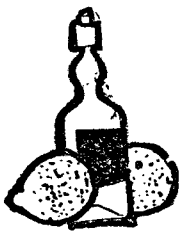
Mas entre o que chamamos «carne» devemos distinguir a «boa carne». Saber comprar e saber cozinhar.

Entre as muitas maneiras de preparar a carne, podemos distinguir:

Para grelhados, *as peças grossas. Pode a carne ser gorda, para pre-*

deverá ser ingerida depois de cozida. Sirva com manteiga fresca, sumo de limão em abundancia. Não esqueça o que se tem dito sobre o colesterol, em cuja formação as gorduras têm tanta culpa...

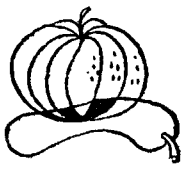
Para os grelhados, *é ideal o uso*



do lume de carvão ou de lenha, embora o gás e a electricidade possam ser utilizados. Usar as carnes magras, untadas com um pouco de gordura, antes de as pôr na grelha. Untar também esta.

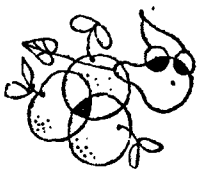
Para os cozidos, *escolher as carnes magras. Ponha ao lume em água fria—darão um melhor caldo.*

Para as carnes estufadas, *como*



para as cozidas, é no caldo, que se encontram os princípios da carne. Mas é uma forma indicada, para quem mastiga mal, pois a cozedura sendo lenta, torna-a tenra.

...Em todas as carnes grelhadas, assadas no espeto ou nas brasas e ainda nas fritas não salgue antes de as preparar. Só depois de prontas



o deverá fazer e sempre ligeiramente. A carne é, naturalmente, salgada. Será melhor para a saude, se apenas a polvilhar com um pouco de pimenta.

As carnes de boa qualidade e frescas devem apresentar uma cor viva, de consistência firme e elástica (para o verificar, carregue com o dedo e veja se volta ao seu lugar). Os animais novos apresentam uma carne mais vermelha e de grão mais grosso.

Se a carne que lhe querem vender, está acastanhada, ou vermelho-escura, flácida, rejeite-a, por imprópria.

Quando ela pensa em malhas...

claro que é na

BUSCH

simples ou super-automática que está pensando.

Como todas as Donas de Casa portuguesas, também ela ficou rendida com as passagens de modelos executados na máquina de tricotar BUSCH.

Que beleza e que economia!

Consulte os Representantes

AGENCIA COMERCIAL SUECA, Lda.

Avenida Fontes Pereira de Melo, 45

ESCALOPES SURPRESA

Cortar os escalopes de modo a conseguir maior grossura deu m só lado, deixando o outro bastante fino. Na metade larga, cortar cuidadosamente, de forma a fazer uma espécie de bolso. Dentro, ponha um pouco de «foi-gras» ou de toucinho

gordo. Temperar com sal e pimenta. No momento de servir, grelhar de um lado e outro. Servir com um pouco de manteiga e sumo de limão. Acompanhe com bolinhas de puré de batata, ou salada verde variada.

BOLAS DE BATATA

Fazer um puré espesso, no qual não deitará leite. Ponha um pouco de farinha, de modo a conseguir

maior consistência e não se desmanchar na fritura. Passe por farinha e ovo. Frite em óleo bem quente. Não faça bolas demasiado grandes.

AVOS À NICE

Coza ovos. Tire-lhes, de uma extremidade, uma tampa, apenas suficiente para retirar a gema, sem estragar a clara. Abra uma lata de

atum Nice, esmague com um garfo, junte o azeite da lata e leve ao lume para aquecer bem. Encha os ovos e coloque num tabuleiro, com a abertura para baixo, ficando muito direitinhos. Faz-se molho branco a que se junta queijo ralado. Cobrir os ovos com este molho. Polvilhar tudo com as gemas raladas e queijo. Também pode passar as gemas pela máquina do puré de batata, e cobrir todo o prato. Acompanhar com salada de alface e rabanetes.

OVOS DOCES

Faça um creme espesso, sem ovos, para ficar branco. Deite numa travessa. Faça uns buracos e deite

um pouco de ovos moles, de maneira a conseguir o efeito das gemas estreladas. Polvilhe com canela. Se quer conseguir um efeito mais bonito, sirva individualmente, em pratinhos de vidro.

Crónica de Londres

por LUÍS DE SOUSA REBELO

(Continuação da 1.ª página)

dos estadistas de que tudo corria o melhor possível no pior dos mundos, e, movidos de uma esplendida ira juvenil, decidiram sacudir do seu torpor, da sua absurda ilusão, dos seus sonhos vitorianos a consciência adormecida do país.

John Osborne foi o primeiro a abrir fogo, conquistando numa noite um largo público que se lhe mantém fiel, mas, na sua peugada surgiu logo uma hoste vigorosa e rebelde.

Parece até que nada mais se esperava do que o seu gesto para que estes jovens descobrissem o drama como o meio adequado para a expressão da sua revolta. Já não é a sólida educação de um bom colégio que desperta o gosto de escrever, mas antes a ausência dela perante uma dura experiência humana, que pesa mais do que tudo o resto. À excepção de Errol John e Ann Jellicoe, que conheceram o teatro «de dentro», os outros raramente entraram numa sala de espectáculos, e derivam todo o vigor da primeira obra das circunstancias particulares do seu modo de vida.

Bernard Kops, autor do «Hamlet de Stepney Green», foi vendedor ambulante; Brendan Beham, um irlandês turbulento, aclamado pelo êxito d'«O Refém», passou por uma casa de correcção, e Frank Norman de cara arrepanhada por uma cicatriz medonha, com uma revista em cena — «As coisas não são o que eram» — acaba de sair da Penitenciária. Shelagh Delaney, cuja estreia teve as honras do West End e é de momento um dos nomes mais festejados, trabalhou numa fábrica, e, com folha limpa no Registo Criminal, faz entre estes moços figura de anjo.

O seu drama — «A Taste of Honey» —, que poderíamos traduzir livremente por «Um raio de felicidade», deve parte da sua novidade á encenação de Joan Littlewood, directora do «Theater Workshop», que luta há mais de vinte anos pela criação de um teatro do povo. Inimiga confessa da «comédia de salão», tipo classe média, que monopoliza o West End, Miss Littlewood, só devidamente reconhecida em Inglaterra em 1955, depois do aplauso da crítica francesa no Festival Internacional do Drama em Paris, serve-se bem desta oportunidade para apresentar uma obra escrita por uma adolescente a esse mesmo publico que ela considera na infancia da autentica apreciação dramática.

O enredo de «A Taste of Honey» é simples e linear. Uma rapariga de dezassete anos, filha de uma mundana que a abandona por um idílio serôdio, arranja um emprego modesto e enamora-se de um marinheiro. O desconforto do quarto alugado e o seu isolamento moral desaparecem ao calor deste raio de felicidade que por bem pouco brilha.

Um dia o marujo parte e ela descobre com horror que está grávida. Geoff vem preencher a sua solidão e compartilhar do seu segredo. Mas Geoff é uma natureza feminina de quem se contam histórias escabrosas. Nas suas relações com Jo ele assume o papel de uma irmã mais velha, que procura pôr ordem na vida dela e prepará-la para o acontecimento próximo. Porém, falha, trágicamente, pois aqui só uma mulher tem a finura e o tacto para compreender a situação.

O conflito estala em toda a sua intensidade com o regresso da mãe de Jo, desfeita a nuvem de aventura que a levara. Geoff é obrigado a partir, enquanto Helen se decide a auxiliar a filha. Jo tem, no entanto, uma ultima revelação a fazer para a qual lhe falece a coragem. Num momento de desespero confessa tudo: o marujo era um negro, um preto! Helen, atónita, insulta a filha, indo buscar consolação á taberna da esquina.

O problema central da peça — a solidão de Jo, que ocupa toda a cena com uma crueza monolítica — é analisado com subtileza e fina percepção por Shelagh Delaney. Por outro lado o traço das personagens é seguro e sólido, fiel á realidade observada. O diálogo reproduz com uma fresca naturalidade o padrão e o ritmo da língua falada, o que constitui a grande sedução das peças escritas por estes dramaturgos incipientes.

A Imprensa levantou um alto escarcéu em torno de «A Taste of Honey». Miss Delaney foi absurdamente comparada a Françoise Sagan, os seus gostos, os seus prazeres, as suas manias, os seus tiques foram meticulosamente devassados para gáudio das massas, e ficámos até a saber — pormenor capital! — que sua mãe comprara um casaco por dez libras para assistir á estreia da peça.

Os críticos dividiram-se em duas falanges acérrimas, ressuscitando a querela antiga de Romanticos e Naturalistas. As sensibilidades apuradas tiveram que sacar do frasquinho de sais, aterradas com o cheiro do «esgoto», e verteram numa prosa atrabiliária acusações velhas de há meio século. Os defensores de Miss Delaney, entre os quais se conta o ilustre Graham Greene, manifestaram o seu sublime desprezo por estes plumitivos acéfalos e fanáticos da Velha Ordem, lamentando o estado de espírito de Fleet Street.

Osborne, que aliás Miss Delaney não admira, sentiu-se na obrigação moral de corrigir as afirmações do crítico teatral do «News Chronicle». As suas palavras têm interesse, porque definem, de certo modo, a atitude dos jovens escritores em relação ao teatro. Para Osborne a desgraça está em que «há ainda muitos beatos que vão a uma sala de espectáculos não para ver e ouvir, mas para terem as suas confortáveis imagens privadas da vida acariciadas pela lisonja eficaz do entretenimento».

Ora a verdade é que a peça de Shelagh Delaney não é uma obra-prima de arte dramática, nem tal pretenderam os seus admiradores. Trata-se de uma primeira criação, cheia de qualidades, ainda vizinha dos métodos do naturalismo e com as deficiências inerentes ao género. Mas na atmosfera de pelucia e de cetim, que se tornou o teatro do West End, esta rajada de realismo teve o efeito de uma bomba, ou de uma garrafinha de mau cheiro quebrada num sarau aristocrático. E de tudo isto fica que algo de novo e vivamente interessante se está a passar no teatro inglês...

LUÍS DE SOUSA REBELO

VERSO E REVERSO DA SEMANA

I

A noite veio. Acende o lampião
no tosco peitoril de uma janela.
Roucas, sonham guitarras na viela
passa um moiro do cais, alto e gingão.

Na Travessa da Bica falta o pão
Rareia o ar. E até, chegando nela,
o Sol a clara luz dos olhos vela
e recusa-lhe um gesto de perdão.

A viela não sei aonde fica.
Nunca desci nem visitei a Bica
nem do fulvo lampião a luz secreta

sobre a minha cabeça a mão desceu.
Tudo, certo e mesquinho, aconteceu
na longa voz de António Boto, poeta.

II

Não encontrou aqui o pão da boca
À voz nada valeu lhe ser divina.
Triste de quem na estrela peregrina
distingue só a lama que lhe toca!

A bússola girou perdida e louca.
Vai descendo colina após colina...
Talvez mudando a terra mude a sina
e de versos a paz receba em troca.

Foge. Mal a distância o surpreende
Já piedosa mão lhe ao peito acende
novas estrofes para um novo fado...

Ò meu Brasil, Brasil de tanta esperança!
Outra vez nos pertences, pois descansa
um poeta nosso no teu chão sagrado.

ALFA

XII

DIA terrível o de hoje. Quando alguma coisa de mau acontece num dia luminoso de Primavera, a alma fica-nos mais escura, mais amarfanhada. Sentimos uma raiva pesada ao Sol, ás plantas cujas folhas verdes são um grito de força e de seiva, revoltam-nos os sorrisos, queriamos ver tudo tão negro como a nossa vida.

Pode-se bem com toda a trajédia de uma mina, numa noite escura, ficamos como as toupoeiras que não conseguem encarar a luz do dia. E que somos mais do que toupeiras?

Pensamentos de noite. Ontem, quando ia para casa, dei uma volta enorme. Precisava de alongar o caminho. Uma noite fechada. Nem sequer uma estrela no céu. Atravessei o souto e meti-me á estrada. Fazia vento. Um vento impertinente de Março frio. Fustigava-me a cara, zumbia nos fios do telégrafo, dizia-me: «acorda». Voltei-me para a mina. Só assim conseguiria acender o cigarro. As janelas das oficinas eram quadrados de luz pendurados na noite.

—Estou farto disto tudo!

Falei alto como se quisesse encetar, com alguém um diálogo.

—Consigo não se pode manter um diálogo.

Esta frase, que ouvi há dias, lembrei-a, no escuro da noite. Pareceu-me mesmo vê-la escrita a «neon» em frente dos olhos. «Neon»... Anda a perseguir-me o espectro da cidade. Diálogo... Sorri. Um sorriso irónico, que senti. Há pessoas que são capazes de levar a vida inteira a falar dos seus próprios interesses.t E querem manter um diálogo... Sentem-se eixos do mundo... Mas de um mundo tão restrito que os outros não o vêem. Sorri, estou farto disto tudo.

A Janette esperava-me. Sentada junto ao fogão emendava umas notas do meu relatório do primeiro trimestre. Tinha posto o «rádio» em surdina. Sentei-me a seu lado. Espreitei o bloco. Muitos sinais vermelhos.

—Pelo que vejo não gostas da minha prosa.

—Esqueces sempre as vírgulas...

duas ou três vezes a frase como se a mim próprio desse uma ordem. Comprado em segunda mão. Mr. Skalton voltou a encher-me o copo. A Janette fitou-nos. Os seus olhos diziam: «não deves beber mais». Tinham razão os olhos da Janette. Não devia beber mais. Um dos administradores interessou-se pelo tempo de duração dos filões. Skalton acalmou-o.

—Cerca de vinte anos.

A seguir, o Seabra, pretendeu pôr á prova os seus conhecimentos sobre sondagens. «Colegial empertigado», pensei.

—Quando eu estive na Escola F. — disse o administrador interrogara Skalton, a propósito de não sei o quê.

A Escola. Fitei-o. Deve ter quase cinquenta anos. Impossível sermos do mesmo tempo.

Seabra voltou-se para o administrador:

—Também lá andei.

—Mas você é uma criança, não é do meu tempo.

Seabra para demonstrar em pormenor a sua vida no colégio citou factos, citou as suas proezas de aluno fora do vulgar.

Loiro. Alto. Fiz um esforço de memória. A fala... Sim, eu conheço esta fala.

—Que idade tem você? — perguntei-lhe.

—Trinta e quatro.

A boca fina e fria como uma faca.

Trinta e quatro anos... Os meus companheiros de curso. O Nunes? Morreu. O Pira... Morreu também. O «Charlot»... foi para medicina. O Hidalgo... Moçambique. O Preta... Marinha, primeiro-tenente. A Cora? Moreno; este não pode ser. O Trinta e Sete ...Alto e loiro; outro que morreu. O Caldeira? Não sei onde para. O Noventa e Sete? Loiro também... Miopia em ultimo grau... Esperem: o Noventa e Sete chamava-se Fonseca.

De vez em quando olhava o Seabra de soslaio. Decididamente, não me lembrava dele. O Cabeças? Andava ainda há dois anos a curtir o «spleen» de filho-família, numa quinta da Beira.

Alguém contou uma anedota. Não me lembro quem foi. O Seabra sorriu. Sorriso sem lábios, só dentes. A voz, outra vez a voz.

Skalton escandalizou as senhoras ao contar a sua vida nos cais do Tamisa.

—Sim, tenho costas de...

Puxou-me pela manga do casaco. Precisava da minha ajuda.

—De estivador — disse-lhe em voz baixa.

—Sim, tenho costas de estivador.

Alto, loiro, um sorriso sem lábios. Barra. Barra-bandeira. Lá estava ele a correr com o testemunho na mão. Umas pernas demasiadamente compridas e sem flexão.

—Eu também estive na Escola F.

Senti esta informação um tanto deslocada. Tardia pelo menos. O Seabra voltou-se para mim. Talvez tivesse sido ele a unica pessoa a ouvir as minhas palavras. Olhou-me fixamente. Olhos frios, sem expressão. Aguentei-lhe o olhar e atirei dando ás palavras uma entoação caustica:

—Não te lembras de mim?

O rosto tingiu-se-lhe. Vermelho. Vermelho como um menino mentiroso.

—Não, não me lembro.

—Não me admira. Também fiz um esforço enorme para me lembrar

LUZES DA CIDADE

OS JOVENS DE HOJE

A juventude dos nossos dias pode dividir-se em duas camadas diferentes: a dos que procuram viver o dia que passa e dos que se debruçam sobre os problemas da sua época, numa tentativa louvável de os compreender e de encontrar uma solução favorável para eles.

Não parece acertada a opinião daqueles que lamentam a todo o instante o modo de ser e proceder dos jovens, fazendo comparações com outras juventudes passadas onde tudo corria como oiro sobre azul. É bom não esquecer que se a nossa juventude apresenta contradições, desvios, sentimentais, inutilidade, ausência do sentido das responsabilidades, tudo isso não é proveniente duma atitude deliberada de arreliar os outros, mas que as causas são bem mais profundas e correspondem ao meio ambiente em que se desenvolvem as suas vidas.

E' na verdade lamentável que certos meninos ocupem o seu tempo a jogar, a correr para os desafios de futebol, a frequentar festas dançantes das meninas «bem», onde o estilo adoptado para a interpretação da musica, «a perna de pau», lembra o matraquear de ossos de esqueletos reunidos em qualquer rito macabro. Estes meninos e estas meninas são doidos pelos «rocks», os «calypsos», a moderníssima «hula-hoop» e todos os ritmos que os deixem de cara á banda, de olhos revirados, de cabelos em desalinho e de corpo cansado. A agitação física, frenética, deixa-os aturdidos por dentro, esquecidos de si mesmos e do vazio que permanentemente os acompanha. Foi um grupo destes rapazes também que há dias correu á Rua Nova do Almada para aclamar o actor Luís Mariano, levá-lo em triunfo aos ombros e quase esmagá-lo com os seus abraços demasiado afectuosos. As admiradoras já se encontravam dentro da casa Valentim de Carvalho, pedindo autógrafos, pendurando-se-lhe nos braços e no pescoço. São assim: perdem a cabeça com as figuras da tela, do desporto e da rádio — este porque tem voz melodiosa ou sensual e ajuda a entorpecer a sensibilidade; aquele porque é o herói dos sonhos das raparigas com a sua figura, os beijos que dá nos filmes, ou o símbolo das aspirações dos rapazes com a força na extremidade dos punhos (para os mais duros) ou com a atitude dubia do galã amaneirado, ondulado e perfumado, que leva todas as pequenas num abrir e fechar de olhos. Também são ídolos os que metem mais golos, os que esmurraram 100 vezes o nariz a um desgraçado num combate de boxe, os que em corridas vertiginosas de automóveis alcançaram o 1.º prémio, depois de galgarem uma barreira, matarem uma série de pessoas e jazerem numa cama de hospital com algumas ligaduras na cabeça. Entre nós os heróis mais palpáveis são os do futebol, mas não deixam de se entusiasmar pelos outros através dos jornais, da rádio e do cinema.

Quando a idade lhes permite uma escolha, estes rapazes e estas raparigas vão ver um filme porque entram os actores e as actrizes preferidos, porque é um filme cómico, porque é musical, porque serve para distrair de qualquer maneira. O realizador, o conteudo da obra é coisa que não os preocupa.

A filosofia adoptada por esta juventude é também muito curiosa: a vida é uma «chatice», não se sabe para que se vive, e então o melhor é esquecer que se veio a este Mundo. Nunca se sabe o que pode suceder amanhã, os dias hão-de ser sempre piores, de modo que é necessário preencher o tempo, afogá-lo numa onda de coisas absolutamente inuteis que se transformam em hábitos: as bebidas a todo o momento — para abrir o apetite, para abafar contrariedades, para levantar o moral—, as reuniões com amigos e amigas, os jogos de sociedade a dinheiro para estimular o interesse, os namoricos de ocasião, os passeios, as noites perdidas a ouvir fados e, por fim, uns vagos estudos para dar tom, com muitas reprovações, muito desinteresse e algumas «cunhas».

Estes meninos possuem nomes incríveis: Bebé, Vitó, Chichi, Cuca, Memé, Tatá, Chuchu, para as raparigas e Nucha, Pitó, Bobó, Licá, Zuca, Jojó, Necas, para os rapazes. Na sua conversação (se ao que dizem se pode chamar conversa) metem a torto e a direito a plavra «pá» — que entre rapazes e raparigas significa muita camaradagem, e no fim de cada frase perguntam insistentemente com uma entoação especial «percebes?», como se os interlocutores não fossem capazes de perceber assuntos tão terra-á-terra e evidentes. Nas reuniões para celebrarem qualquer aniversário—anos da Tatá, fim do curso do Jojó, bodas de prata dos avós da Bebé — os meninos contam anedotas picantes, desprovidas de humor e terrivelmente grosseiras, que fazem delirar de gozo as meninas de quem as mamãs dizem ás outras mamãs «a minha filha é duma inocência e ingenuidade tocantes!». Replica logo outra mãe: «E a minha Fifi? é um anjo sem malícia nenhuma, acreditem!».

Ambos os sexos ambicionam ter grande desenvoltura de maneiras, como se quisessem convencer os outros da imensa liberdade moral e física de que dispõem, mas eles também sabem que isso é apenas aparência, porque essa liberdade para nada lhes serve, uma vez que o coração está empedernido pelo egoísmo, que o cérebro é incapaz de pensar, que a consciência do valor da vida não existe, que não têm coragem para assumir qualquer atitude digna. E' lamentável uma juventude assim, sem duvida, mas as culpas não caem só sobre eles. Há poderosos elementos familiares e externos que transformam as crianças da imensa promessa que são na ruína que vêm a ser. Se a vida familiar não é sã, se um pai ou uma mãe vivem como indiferentes, cada um fechado no seu mundo, se os actos deles para com os filhos revelam que na vida é preciso manter uma constante luta para dominar, ter uma posição, e se excluem toda a ternura, todo o conteudo humano das suas relações, como é possível ver desabrochar o carácter desses jovens? Depois há também as influências exteriores: o cinema com histórias fantasistas, de fundo cor-de-rosa, ou cenas de violência que vão dos «gangsters» aos polícias; os livros para a imaginação versando temas semelhantes ou outros carregados de sensualidade, as notícias despistadoras dos jornais onde a ameaça de morte parece pairar constantemente sobre todos e cada um.

Rapazes e raparigas convencem-se de que habitam um mundo condenado e que é sòmente necessário subsistir, seja de que maneira for. Dão-lhe exemplo os mais velhos com o seu respeito pelas convenções, a sua moral hipócrita, o seu egoísmo. Nem todos têm coragem para lutar contra uma muralha tão forte, nem todos sabem que, transposta a muralha, pode raiar uma outra vida.

Convém recordar neste momento a admirável peça de Luís Francisco Rebelo «Os pássaros de asas cortadas», em cena no Teatro da Trindade. As personagens em cena, com os seus aspectos característicos, as suas limitações, o vazio dos seus dias, as suas aspirações falhadas, são a representação de muitas outras que se encontram na realidade. O autor, no entanto, não se limitou a retratar os factos, pois a crítica á desumanidade destes seres surge no próprio meio, representada numa jovem cuja honestidade de ideias e sentimentos é considerada na sua família, por uma inversão de valores, como uma aberração.

A consciência acorda a pouco e pouco em Elsa, devido aos choques com o seu círculo familiar, e quando a peça termina, nós sabemos que ela vai renunciar de vez a todo um passado comezinho para refazer a sua personalidade e criar uma nova vida. — Podem conhecer-se, assim, algumas das causas alarmantes porque os jovens nada respeitam, porque está destruída a sua sensibilidade, porque sofrem desvios dum caminho são.

O conhecimento de que uma parte da juventude anda á deriva ajudará a descobrir o meio de melhorar as circunstancias presentes.

DULCE REBELO

ÚLTIMAS NOVIDADES DE LIVROS DO BRASIL

O PAÍS INATINGIVEL
por ANDRÉ DHÔTEL

O ENCONTRO MARCADO
por FERNANDO SABINO

leia

Próximamente, prepare-se para a novidade:
A VIDA QUOTIDIANA NO TEMPO DE JOANA D'ARC
por MARCELIN DE FOURNEAUX

de ti. Vi-te, ainda há momentos. Jogávamos á barra. Tinhas a mania de atar as pontas do bibe.

—Não, não me lembro.

—Eras o Quinze.

O Seabra sofria. Nunca foi meu hábito prolongar o sofrimento dos outros. Contudo sabia-me bem fazê-lo sofrer.

—Foste meu companheiro de turma no quarto ano. Lembras-te do Charlot? Do Cabeça de Porco? Tu andavas sempre com o cento e onze. Um que era brasileiro...

Uma badalada no relógio da aldeia. O grupo três parara. Um motor cansado... Skalton levantou-se. Levantei-me também. Fomos acompanhar o Inglês a casa. Frio. Um frio de agulhas espetadas.

Deitei-me. Não conseguia dormir. Dava um balanço á vida. A escola, novamente... O Seabra... O tempo em que corriamos eu e a Janette, pelos campos, de mãos dadas.

—Então não dormes?

—Não tenho sono.

—Também não tenho. Não estou habituada a estas noitadas.

Beijei-a na boca. Janette passou-me a mão pelos cabelos e disse ternamente:

—Vá, dorme. Daqui a pouco é dia.

—Quero dizer-te uma coisa.

—Diz.

Não encontrava as palavras. O Seabra outra vez na minha frente... O Salvador...

—Sinto que vou deixar...

Calei-me. Ia dizer «a mina» mas rodeei o termo.

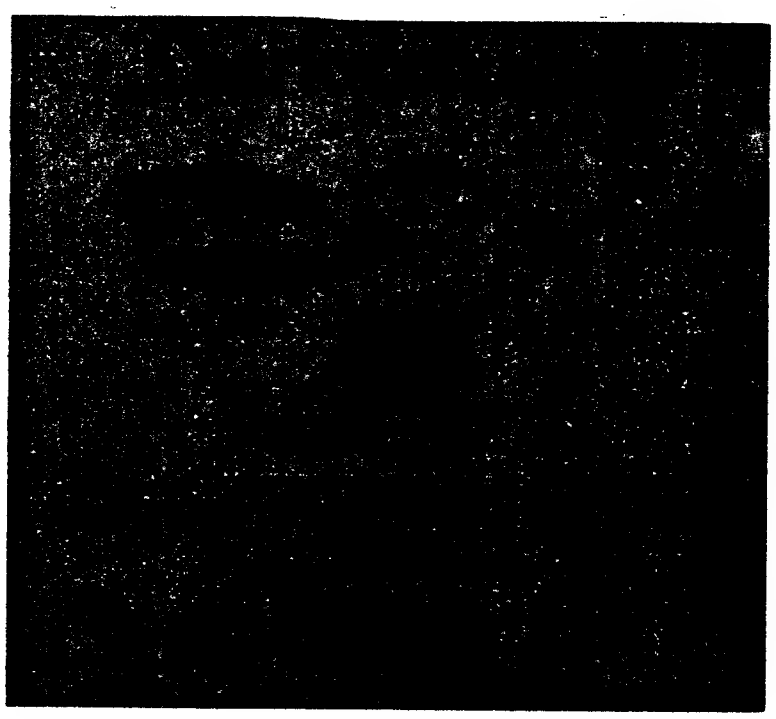
—Sinto que vou deixar isto. Importas-te?

—Não. Gostava de ir para a cidade, gostava de fazer qualquer coisa de util.

O SANTO DE PEDRA

PERGUNTE
PERGUNTE

A VIDA NA PRÉ-HISTÓRIA (2)



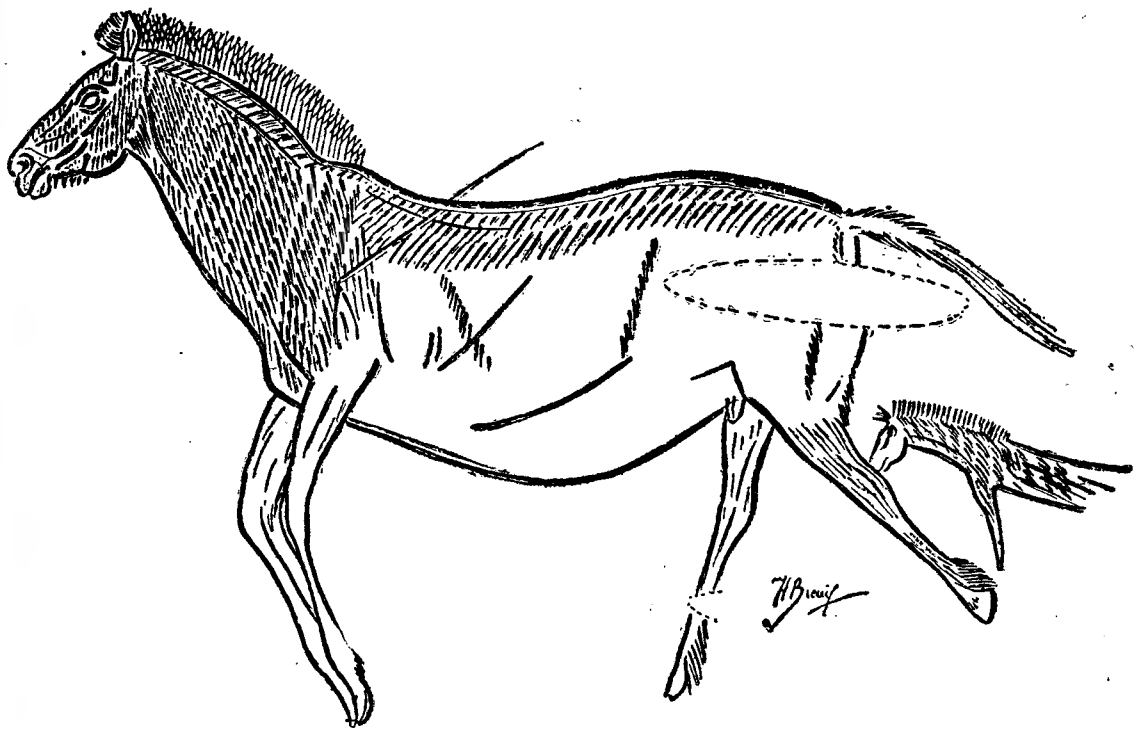
ao Amigo N.º 222
Jorge Mário Horta

2. — ONDE SE FALA DO CLIMA E DA SOCIEDADE

Tu já deves ter escorregado em frente deste enorme palavrão: «determinismo geográfico». Por ele entendem os autores que tens lido, o seguinte: que as condições geográficas, ou seja «o ambiente físico que rodeia o homem», (estamos a falar do homem) exerce profunda influência neste, «determina» a vida deste.

Que pensas sobre o assunto, amigo Jorge? Talvez ainda seja cedo para pensares no problema, não é assim? Está certo. De resto tu queres saber o que penso sobre o caso.

Não vou, claro, negar uma coisa que se mete pelos olhos a dentro: o ambiente transforma os seres vivos e o homem foi transformado pelo ambiente geográfico. Mas aqui é necessário acrescentar qualquer coisa de muito importante, qualquer coisa tão importante — vê lá tu! — que nos diferencia dos animais. O homem não é apenas rodeado pelas condições geográficas; o homem é rodeado por condições sociais. Que quer isto dizer que tu não entendas? Nada. Basta lembrares-te que o homem vive em sociedade, que o homem vive a toda a hora em contacto com os seus semelhantes e que não pode viver sem eles. Ora este facto tem profundas repercussões na vida humana, «determina» profundamente a vida humana. Daí o ser verdade a seguinte afirmação: que o homem se distingue dos animais, entre outras razões, por haver criado um determinismo que lhe é próprio — «o determinismo humano ou determinismo social».



Talvez neste momento, embora concordando comigo, tu estejas a dizer com os teus botões: mas para o homem pré-histórico teve muito maior importancia o «determinismo geográfico». Não foi nessa altura que se deram grandes transformações climáticas — idades glaciares, onde a Europa (por exemplo) estava encasacada num branco emplastro de gelo, seguidas de épocas bastante quentes e chuvosas? Não era também nessa altura que, dado o atraso da ciência e da técnica, o homem mais vivia á mercê das condições naturais?

Sim e não.

Sim, no que pensas acerca do clima e da fraqueza humana ante a natureza.

Não, no que respeita á tirania do tal «determinismo geográfico».

O ser humano não é o produto das condições geográficas; ele transformou-se, tornou-se um ser maravilhosamente distinto dos restantes animais em virtude do trabalho, em virtude de uma actividade intensa que, ao fim de milhares de anos, deu origem á mão. A mão é um produto do trabalho e o homem é um produto da mão.

Olha bem para a tua mão! Vê que extraordinário instrumento: agil, capaz de todos os movimentos, capaz de pegar em coisas, capaz de, com elas, «fabricar» coisas que não existiam na natureza, desde as mais grosseiras ás mais delicadas e engenhosas. Não exagero quando falo em objectos delicados que o homem produziu nos mais recuados tempos da sua História. Tu mesmo o podes comprovar se fores ao Museu dr. Leite de Vasconcelos, nos Jeróni-

(Continua na ultima página)

FLASH

A recordação

Na rua larga onde moro, não. Nem nas avenidas, onde a indumentária deles ficaria mal. Os pobres de pedir reunem-se num largo junto á Cozinha Económica. Aí comem as buchas que receberam ás portas e trocam por «tinto» ou «branco», na taberna mal amanhada do sítio, os cobres que lhe pingaram na concha da mão.

Gosto de passar por ali. Ao sábado, especialmente, quando tenho a tarde livre. Sento-me entre as sombras que teimam em chamarem-se homens, a ouvi-los contar, na língua de trapos, as suas andanças pelo mundo de Cristo.

Eu gostava de lhes apresentar o «Lobo». Já que não é possível, de lhes dizer ao menos a figura dele. A boina ás três pancadas, a barba de estopa, grossa e brilhante como doce de gila. Quase não tem dentes, custa a perceber o que diz. Parte o pão em pequeninos bocados, que deixa ficar no mármore do tampo e come depois, lentamente, amolecendo-os na boca antes de os mastigar.

Há quem diga que ele não regula.

Ignoro porque dizem isso. Fala tão a propósito! Eu podia escrever um livro com as histórias que ele desencanta do passado. A's vezes penso, atendendo ás expressões que usa e aos gestos: eis um bom espectáculo de televisão!

Parvoice no caso. Se ele aparecesse na televisão, os burgueses alfacinhoides trancavam logo os receptores. Porque do que eles gostam é de cantorias e piadas.

No ultimo sábado, estive com ele. Arfava, com a bronquite. Mas não se queixava.

—Estou muito contente, sabe?

—Sim. E porquê?

—Por causa de uma recordação.

E contou. Vindo de Queluz para Lisboa, a fazer aqueles chalés ricos que há por ali, abeirou-se de uma cancela. Ia rezar a ladainha quando reparou numa menina. Eu nem sei explicar. Olhe, um céu aberto! O cabelo aos caracois, uma sainha azul, uns sapatinhos. Fiquei a olhar para ela sem poder arredar pé, até me esqueci da esmola.

E com a voz entrecortada:

—Lembrava-me a minha netinha.

Foi lá dentro aviar uma sardinha frita para acompanhar o trigo. Eu, silencioso a ver o homem diante da cancela, paralisado, de olhos postos no anjo.

—O velho está chalupa — segredou-me um companheiro dele. — Se nunca teve filhos, como pode ser aquilo da neta?

—Pode, sim senhor.

Perfeitamente.

Pode ter-se uma neta sem nunca se ter tido uma neta. Olhe, não. Até saber-se as feições dela e tudo. Basta ser perseguido e ladrado pelos cães, basta a solidão e a fome, para se ver como são azuis os olhos e como para nós estende os braços a neta que não temos.

O Diário de Lisboa Juvenil publica-se para ti, aos sábados!

AVENTURAS DO DETECTIVE PARARRAIOS

O mistério da bengala de bambu (XVII)

Sum Wi em maus lençois

Mal foi conhecido o telegrama do detective Pararraios publicado no último número do «Juvenil», grupo numeroso de seus fieis leitores se dispôs a dar caça ao misterioso Japonês Sum Wi. Os mais entusiastas eram o Aníbal Mendes, amigo desde a primeira hora, o Rodolfo, seu companheiro de liceu, a Maria da Graça, vencedora em um dos concursos literários e que, embora morando no Barreiro, não quis deixar de vir prestar o auxílio devido a Pararraios. O João Martins, de Coimbra, também quis participar na embrulhada para o que pediu autorização ao pai.

—Se quiseres, vai — respondeu este. — Não quero impedir-te de fazeres aquilo que achas ser tão necessário. Mas a minha opinião é que esse tal detective não passa de um louco.

— Um louco bom...

— Mas um louco. Os livros policiais deram-lhe volta ao miolo, acaba por ver crimes e criminosos em todo o lado. E também afastado das realidades. Senão repara: O Mundo hoje, encontra-se, na verdade, metido em grande perigo. Descobriram-se meios de o destruir num abrir e fechar de olhos... Tu imaginas o que seria uma guerra com armas nucleares?

—Tenho penssado muito nisso.

— Já podes ver. Pois o que faz o teu detective? Escreve aos seus amigos incitando-os a interessarem-se pelo problema, a porem ao serviço da humanidade a sua força juvenil, para conjugar o perigo? Não, senhor. Incita-os, sim, a perseguir uma «bengala de bambu» da qual depende a sorte do Mundo...

— Pode bem ser. Tu já ouviste falar na máquina de fazer parar o tempo?

— Uma utopia.

— Mas, pai, todas as coisas são utopias até ao dia em que deixam de o ser. A electricidade foi uma utopia, a rádio foi uma utopia, a desintegração atómica, as viagens interplanetárias, certas conquistas na Medicina, na biologia, tudo isso já foram utopias. E no entanto ou já aconteceram ou não tarda que aconteçam...

— Mas que relação existe entre uma bengala de bambu e essa tal máquina de fazer parar o tempo?

— Pararraios ainda não se explicou claramente, mas ele sabe que existe. Julgo compreender que *quem tiver a bengala em seu poder poderá decidir da ultilização de tão perigosa arma.*

Incrédulo, embora, o pai consentiu que se dirigisse a Lisboa. Estávamos em plenas férias da Páscoa e os estudos do filho não sofreriam com a história...

A primeira reunião efectuou-se em casa do Aníbal Mendes, ali a Campo de Ourique. Trataram de ver, antes de mais nada, quais os efectivos de que poderiam dispor em caso de necessidade. Por aí ficaram tranquilizados. Um telefonema para a Companhia de Navegação, esclareceu-os que o paquete «Flor de Lotus», entraria a barra de Lisboa no sábado seguinte, isto é, dois dias depois. Para a vigilância inicial foram destacados o Aníbal Mendes, a Maria da Graça e o José de Lótus» atracava ao cais da Ro-Martins. Era suficiente. Grupos numerosos poderiam despertar suspeitas ao astucioso Sum Wi... Resolveu-se mais que, enquanto durasse a permanência de Sum Wi na captail, os telefonemas dos amigos consideravam-se mobilizados, não podendo as chamadas estranhas á acção demorar mais que 3 minutos.

A hora marcada e porque o «Flor cha, os três amigos achavam-se a postos num dos patamares da escadaria real que leva ao Jardim 9 de Abril. Foi daí que avistaram a chegada do barco imponente. Aníbal Mendes, indicado para comparecer á chegada do barco, despediu-se dos seus amigos:

— Até logo...

E piscando o olho:

— O Japonês está bem aviado connosco...

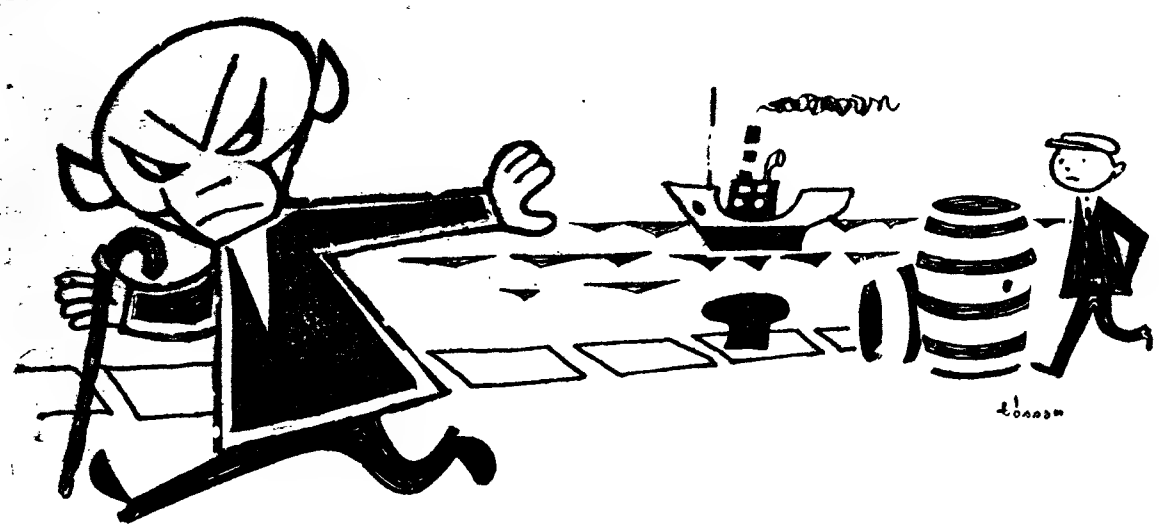
Do «Flor de Lotus» desembarcaram passageiros, desejosos de pisar terra. De Sum Wi nem recado nem mandado. «E se ele não desembarca?» — pensou Aníbal. Tinham-se esquecido dessa hipótese. Que fazer num caso desses?...

Escoaram-se duas longas horas. Aníbal começou a inquietar-se. Dirigiu-se a uma cabina telefónica para conferenciar com os amigos. De subito, estacou. O Nipão, revolteando a bengalinha de bambu, dava um pulinho ágil para o cais.

— Cá está ele! — exclamou Aníbal Mendes com alegria.

E foi-lhe no encalço.

(Continua)



Concurso da semana

Levanta o foguete
acende o morrão
e a terra estremece
ao som do trovão.

Ao som do trovão
corre a garotada
que ele não é não
não é trovoada.

Não é trovoada
nem chuva ou granizo
nem semente estragada
nem é prejuizo.

É sim o juizo
perdido (o que resta...)
pois foguete é aviso
que vai haver festa.

Fogueteiro assesta
rompe a bomba o véu.
Festa, festa é festa!
Grita o escarcéu.

Baila o povoléu
do Gorgo ao Sabor
e o céu é mais céu
e a cor é mais cor.

Para ter direito aos prémios do nosso concurso da semana, basta responder, em carta, ou postal, á seguinte pergunta:

Qual a província portuguesa sa a que pertence a gravura que hoje publicamos?

As respostas devem estar na redação até ao próximo sábado, 4 de Abril.

SOLUÇÕES DOS CONCURSOS DO SUPLEMENTO N.º 99 — I — CONCURSO GENTE NOSSA: Estremadura; II — CONCURSO GIGANTES DA HUMANIDADE: Blaise Pascal.

Vencedores

1. — Amigo n.º 325 — Elsa Dulce Ferreira (Lisboa).
2. — Amigo n.º 369 — Maria José Gonçalves Isabelinha (Santarém).
3. — Amigo n. 1344—Maria Amélia Vítor (Lisboa).
4. — Amigo n.º 1111 — Fernanda Noémia (Lisboa).
5. — Amigo n.º 21 — José Joaquim Isabelinha (Santarém).
6. — Amigo n.º 197 — Gastão Alexandre Pessoa Guerreiro (Faro).
7. — Amigo n.º 1565 — Benjamim Margaride (Lisboa).
8. — Amigo n. 972 — Luís Ribeiro de Carvalho (Lisboa).
9. — Amigo n.º 355 — Maria Clara Osóro e Cruz (Coimbra).
10. — Amigo n.º 1420 — Célia de Matos Raposo (Barreiro).
11. — Amigo n.º 1428 — António Maurício (Sintra).
12. — Amigo n.º 1442 — Maria Isabel Boavida (Lisboa).
13. — Amigo n.º 1522 — Maria Teresa Proença (Lisboa).

Prémios

1 a 3: «O MUSICO CEGO», por Korolenko — Colecção «OS LIVROS DAS TRES ABELHAS» — Publicações Europa-América.

4. — «PASTEUR E OS MICROBIOS», por Albert Delaunay — Col. SABER — Publ. Europa-América.

5. — «SCARAMOUCHE», por Rafael Sabatini — Portugália Editora.

6. — «SCARAMOUCHE», por Rafael Sabatini — Portugália Editora.

7. — «O OCULTISMO PERANTE A CIENCIA», por Marcel Bell — Col. SABER.

8. — «A POLICIA CIENTIFICA», por Léon Lérich — Colecção SABER.

9. — «O EXILIO E O REINO», por Albert Camus — Colecção MINIATURA — Livros do Brasil.

10. — «UM CRIME», por Georges Bernanos — Colecção MINIATURA — Livros do Brasil.

11. — «GENITRIX», por François Mauriac — Colecção MINIATURA— Livros do Brasil.

12. — «A PORTA ESTREITA», por André Gide — Colecção MINIATURA — Livros do Brasil.

13. — «O ESTRANGEIRO», por Albert Camus — Colecção MINIATURA — Livros do Brasil.

PRÉMIO ESPECIAL PARA O MELHOR TRABALHO SOBRE BLAISE PASCAL

14. — Amigo n.º 1505 — Carlos Joaquim Simões Mateus (Lisboa).

14. — «O PODER E A GLÓRIA», ser Graham Greene e «O PAIS INATINGIVEL», por André Dhôtel — Edições de Livros do Brasil.

O saber não ocupa lugar

Este é, como os leitores sabem, o distintivo da Colecção SABER, editada por Publicações Europa-América.

São de excepcional interesse os ultimos volumes publicados: referimo-nos, antes de mais, a «Mãos na Medicina e na Psicologia», por Joseph Ranald. Além de nos fornecer muitos conhecimentos, a sua leitura é, na verdade, empolgante. Qual será o leitor que, linha a linha, página a página, não estará sempre a abrir a mão, a fim de comparar o que acabou de ler?

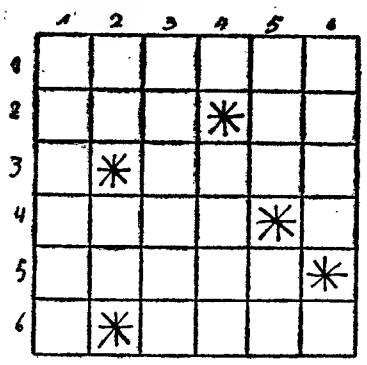
Outro livro, de Maurice Krit-chik, que merece ser assinalado com todas as honras é «A Matemática dos Jogos». Eis um belo guia para as vossas distracções!

Mas muitas outras obras convém sempre relembrar, nesta colecção: «Fernão Mendes Pinto», e «Fernão Lopes», por António J. Saraiva; «O embrião e a evolução dos vertebrados», por G. F. Sacarrão; «O mundo dos ultrassons», por V. Koudriatsev; «O voo no espaço cósmico», por A. Sterfeld, etc.

A Colecção SABER tem já 47 volumes.

PALAVRAS CRUZADAS

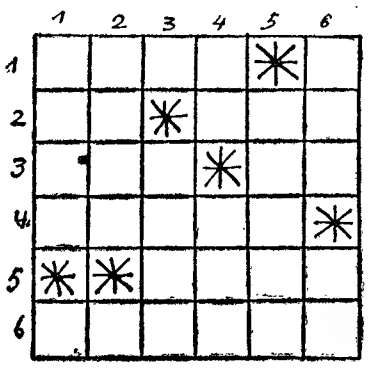
Francês



HORIZONTAIS: 1 — Dormir. 2 — Burro. Isso, aquilo. 3 — Ver. 4 — Grosso, gardo. 5 — Pronome pessoal, sujeito do plural. 6 — Urna.

VERTICAIS: 1 — Perigo. 2 — Pronome indefinido. As primeiras consoantes de «lágrima». 3 — Resolvido. 4 — Ousar. 5 — Aqui. Sociedade Nacional. 6 — Raro.

Inglês



HORIZONTAIS 1 — Telhador, sem a consoante inicial. 2 — Representação fonética de «tudo». Você. 3 — Seu (dela). Consoante repetida. 4 — Enriquecer (sem a vogal inicial). 5 — Terceira pessoa do presente do indicativo do verbo mais importante da língua inglesa. 6 — Cereja.

VERTICAIS: 1 — Quatro letras de «ferrujento». 2 — As ultimas letras de «viajante». 3 — Passeio a cavalo. 4 — Raia, fronteira. Palavra portuguesa que traduz «colour». 5 — Outro. 6 — Palavra indicativa do movimento de dentro para fora. As duas primeiras letras de «sintoma».

SOLUÇÕES

Francês

HORIZONTAIS: 1—Dormir. 2—Ane. Ça. 3 — Voir. 4 — Gros. 5 — Elles. 6 — Urne.

VERTICAIS: 1 — Danger. 2 — RL. 3 — Revolu. 4 — Oser. 5 — Ici. SN. 6 — Rare.

Inglês

HORIZONTAIS: 1 — Ller. 2 — Ol. You. 3 — Her. TT. 4 — Nrich. 5 — Does. 6 — Cherry.

VERTICAIS: 1 — Iohn. 2 — Lier. 3 — Ride. 4 — Ry. Cor. 5 — Other. 6 — Out. Sy.

ZOOLÓGICA

A minhoca encontra no jardim a sua amiga centopeia e corre a dar-lhe um abraço.

— Há quanto tempo não nos viamos! Onde estiveste durante as ultimas semanas? — pergunta-lhe.

— Sabes? — responde-lhe a centopeia. — Estive na pedicura.

ELOGIO

Convidaram o regente de orquestra para um jantar de Páscoa, no fim do qual a filha dos donos da casa exibiu as suas «gracinhas» ao piano.

— Que tal acha? — perguntou o pai ao ilustre visitante.

— Simplesmente excepcional! — foi a resposta.

— Sim?

— Sem duvida. Resolve as passagens mais fáceis com uma incrível dificuldade!

História surrealista

Outra história do Periquitão (é um nunca acabar, vocês nem queiram saber!).

Entrou na loja de modas masculinas e comprou duas gravatas. Chegado a casa, guardou as gravatas no roupeiro e deitou-se. Dormiu. Altas horas da noite, porém, acordou estremunhado com o barulho que vinha do roupeiro.

— Ora bolas! — disse com os seus botões. — Para que fui eu comprar gravatas «berrantes»?

Conheces as estações?

Quem mora em Lisboa aposto que foi já várias vezes a Cascais, de comboio elNvtrico. Pois bem, estarão vocês lembrados dos nomes de todas as estações por onde passamos? E' o que vamos ver, preenchendo os traços da gravura por letras.

O «Diário de Lisboa Juvenil» publica-se para ti, aos sábados!

Os Cavaleiros da Tavola Redonda

O segredo do Cavaleiro Verde

por Trote

TIVE noutros tempos um grande amigo — começou o Cavaleiro Verde, depois de se ter sentado debaixo duma azinheira, na companhia do jovem Galvão de Chamalote e queria-lhe tanto, tanto, tanto, que sempre lhe perdoava coisas que noutro homem não perdoaria. Quando me vinham contar — «Gotrun fez, Gotrun aconteceu» — nunca a minha boca se abriu para condenar os desvarios do meu amigo. Eu sabia que Gotrun era um coração de ouro; que o seu maior defeito era ser fraco e arrebatado. E como muito o amava, eu dizia para o meu coração: se não estiver a seu lado, se lhe faltar o calor da minha fraternidade, Gotrun deixar-se-á levar pelos maus conselheiros, pois os maus conselheiros insinuam-se sempre onde falta o amor.

Mas diziam-me muitas vezes:

— Senhor, que vos enganais! Ah, senhor, que nem sabeis o mal que estais fazendo a Gotrun! No dia em que não puderdes perdoar-lhe qualquer das suas loucuras é que sentireis quanto era errado adiar para amanhã e para depois uma censura, por muito amiga que fosse. Já nessa altura o vosso coração estará empeçonhado por todas as faltas de Gotrun; e quando abrirdes a boca, a amargura far-vos-á severo de mais. Gritareis dama vez só e com violência o que poderíeis ter censurado amavelmente, hoje uma vez, amanhã outra. Sabeis então o que vos acontecerá? Deixareis murchar a mais bela das flores — a flor do Perdão. E ficareis mouco para todos os rogos. E castigareis com os olhos cegos.

Todos me aconselhavam desta maneira que vos disse. Mas eu sentia-me incapaz de contar a Gotrun — já nem digo censurar — quanto me desgostavam os seus erros, as companhias tão ébrias como ele, queimou a minha seara!

— Senhor, Gotrun fez isto! Senhor, Gotrun fez aquilo!

Sempre Gotrun.

Ora, eu ouvia tudo isto e sentia o coração engrossar-se-me de dor; mas calava e levava Gotrun comigo para longas viagens. Gotrun curava-se e então resplandecia o seu coração de ouro. E eu julgava-me compensado.

Assim ia, sem querer, murchando, dia a dia, a mais bela de todas as flores — a flor do Perdão. Porque eu estava a envenená-la. Ora, uma tarde, chegou ao meu castelo vosso pai — sim, vosso pai, ó cavaleiro Galvão de Chamalote. Feliz por receber tão grande paladino, eu fiz grandes festas, torneios, e, nestes, sempre vosso pai Edwin mostrou ser o mais completo homem de armas que até então vira — forte, dextro, leal e destemido. Também ele me derrubou e eu estendi-lhe a mão por me sentir honrado em ter cruzado o ferro com ele. Mas Gotrun sentia inveja. Os companheiros diziam-lhe:

— Vede como Godofredo deixou de ser o vosos amigo! Vede como todas as festas vão para o estrangeiro!

E o meu pobre Gotrun deixava-se enredar pelas perfídias! Ora, também o acaso quis... não! não foi o acaso: o próprio Gotrun é que desejou combater com Edwin, num torneio. Claro que vosso pai o venceu e então nunca mais Gotrun se curou do espinho da inveja. Sucedeu, por essa altura, que as fronteiras dos meus Estados começaram a ser invadidas pelos cavaleiros-ladrões do Reno. Organizei uma expedição contra eles, e vosso pai logo se ofereceu para me acompanhar, pois nunca falecia com o seu apoio onde se defendesse uma causa justa.

Parti com um formoso exército e, finalmente, deparámos com as tropas de Torismundo — rei dos cavaleiros-ladrões. Feroz e dolorosa foi a luta. De todas as vezes que via cair um dos meus cavaleiros era como se me depenassem o coração. Já, porém, os nossos levavam de vencida o inimigo quando — que vejo eu? — vejo Gotrun partir como um raio sobre a ala esquerda do meu exército. Parei, estupefacto: por que abandonava Gotrun o seu lugar, onde era tão preciso, tanto mais que aquela ala esquerda, comandada por vosso pai, punha em debandada os adversários? Por que deixava ele o seu lugar de comando, justamente o unico em que o inimigo melhor resistia?

Depressa o soube. Gotrun continuou a cavalgar como um raio e, ao acercar-se de Edwin, eu senti um estranho frio apoderar-se do meu corpo, que ardia na febre do combate. Por que não corri também atrás da traição, para a imploraram-me:

— Senhor Godofredo, valei-nos que vosso amigo Gotrun matou meu velho pai, só porque este lhe disse que umas barbas brancas deviam merecer-lhe maior respeito!

— Senhor Godofredo, vosso amigo Gotrun, instigado por ruins loucuras que fazia, roubando os camponeses, embriagando-se até perder toda a vergonha. Quando Gotrun se embebedava e eu não estava próximo para o levar para sítio em que não pudesse fazer disturbios — certo era que ia pelos campos desafiar a gente boa e simples. Algumas vezes manchou as suas mãos com crimes e os camponeses, que me tinham como protector, chegavam junto a mim e

pedir de perpretar um crime? Mas eu estava gelado e quieto como uma pedra. Então vi que a espada de Gotrun descia como um relampago pelas costas de vosso pai. Na confusão da batalha ninguém deu fé daquela miserável traição. Só eu vi Edwin rolar do cavalo, como que ferido de morte. Ah! como a espada inerte se me tornou subitamente pesada! Senti uma chama á frente dos olhos. Esporeei o cavalo com tanta força que o animal rachou os ares com um relincho de dor. Parti, cego de mágoa. Ao passar junto de Gotrun quis dizer uma palavra, mas não pude; quis gritar a minha revolta, mas não pude: tinha os dentes soldados uns aos outros. Só meus braços estavam livres. E tinham uma força capaz de mudar uma montanha. Segurando ao alto a espada com as duas mãos, disparei-a com quanto desespero tinha. Dei um grito que assustou o meu cavalo.

Nesta altura, Godofredo sepultou acara entre as mãos e calou-se por uns momentos. Depois, voltou a fitar o jovem Galvão, com os olhos á tona das lágrimas, e disse:

— A espada da justiça armou os meus braços... Aqui tendes a história por que a cicatriz de vosso pai se chamou a cicatriz da traição. Com o meu golpe cego, a cabeça de Gotrun rolou pelo solo. E eu, de cabeça perdida, desapareci no meio dos inimigos. Queria morrer! Queria morrer!

ANIMAIS, ESSES DESCONHECIDOS

Uma adopção imprevista

por MARIA HELENA DA COSTA DIAS

Como acontece, mesmo com que há de melhor na nossa vida, o gatinho inteligente e amigo do dr. Virgolino morreu. Dos sentimentos do nosso velho colono não vem a propósito aqui relatar. Escusado é dizer que sentiu profundo desgosto.

Dias decorreram; o bichano fazia falta, era um vazio no vazio do nosso dr. E não apenas na vida dele, mas na dos dois companheiros dedicados — os dois cachorros — que vagueavam pela casa, em busca de qualquer coisa de indefinido que faltava. Não sabertam dizer o quê; mas havia uma falta, sem duvida alguma. Sentia-se no ar quente das tardes tropicais, em que o dr. Virgolino voltava do trabalho e era esperado pelos dois cachorros amigos. E mal lhe saltavam ao peito e lhe lambiam o rosto, deitavam-se a farejar pelos cantos e ganiam, garanto-lhes que ganiam de desgosto e saudade...

Dias decorreram — disse eu. Muitos dias. A esplanada estava movimentada, gente sequiosa, gente sem ter que fazer na tarde quente, gente que queria apenas cavaquear um pouquinho. O dr. Virgolino lá estava também. Pensava no bichano que morreu; os dois cachorros dormiam-lhe aos pés. O dr., ao olhá-los, lembrava-se das vezes que não sabendo o paradeiro do gato, dizia. «Camelo, vai buscar o gato!» ou «Bimbo», procura o gato». E um deles lá o trazia preso pela cabeça, com um cuidado que nunca o molestava. Isto repetia-se muitas vezes e quase diàriamente. Repetiu-se...

Na arde abafante ouviram-se latidos furiosos, corridas, saltos. Todos olharam. «Bimbo» e «Camelo» puseram-se de pé, as orelhas espetadas. Lá mais longe, alguns cães tentavam apanhar um pequeno gato eriçado, medroso, indefeso, que se refugiara num velho muro. Os cães saltavam, para lhe chegar. O gato bufava, feito num novelo de ira e receio.

Ouviram-se vozes de donos que chamavam. E risos. E corridas de rapazio, gritos de mulheres. O dr. Virgolino saltou da cadeira em socorro

ladridos e umas bengaladas no ar... os assaltantes deram ás de vila-diogo e o pobre gatinho assustado lá ficou, ainda de pêlo eriçado, a Diogo e o pobre gatinho assustado lá ficou, ainda de pelo eriçado, a espinha dobrada, a pequena boca arreganhada.

...O dr. Virgolino recolheu a casa, para jantar. Mas, porém, sentou-se um pouco na já usada cadeira de repouso, na varanda aberta para a noite que descera subitamente sobre a terra abrasado. Ouviam-se já, em redor, os milhentos chilreios das aves nocturnas; morcegos enormes voltejam já, em curvas rápidas; centenas e centenas de andorinhas vergavam os fios telefónicos, ansiosas por arranjar cama para a noite; insectos noctivagos desciam, á procura das luzes familiares, onde muitos deles encontravam a morte. Era uma nova vida que principiava a vida intensa dos animais das noites quentes dos trópicos.

O dr. Virgolino pensava ou dormitava, talvez. Perto dele ouviu-se um leve queixume, muito débil. Bimbo saltava, de contentamento. Camelo dava á cauda, parado, de focinho erguido para o doutor. Na boca trazia, pendurado pela cabeça, o gatinho que havia pouco fora salvo do ataque dos cães. Ao primeiro susto, sucedeu a surpresa e logo depois a satisfação, o gato estava são e salvo. Apenas um pouco assustado, talvez pela sorte de ser adoptado por gente que não conhecia...

DIARIO DE BORDO

AMIGO N.º 325 — Elsa Dulce Ferreira: Por motivos alheios á nossa vontade, os prémios estão em atraso. Disso pedimos imensa desculpa. Dentro de poucos dias os receberás.

AMIGO N.º 1566 — Luís de Jesus Ferreira (Lisboa): Não deves confundir o «Juvenil» com o «Magazine», como fizeste desta vez. Respondeste bem ao concurso, sim.

AMIGO N.º 1440 — Maria Teresa Melo Barreto (Lisboa): Podes mandar as respostas na carta para mim. Será preciso dizer-te que gostei imenso da tua carta? Ela vem tão cheia de amizade, de compreensão, de sinceridade! E como tens razão, quando dizes que «o sonho da juventude é sempre grande»! E' verdade; e se não fosse, haveria ainda jovens como tu, para lutar por algo de belo, com todo o entusiasmo que a tua carta demonstra. Obrigado, Amiga. Recebemos o teu trabalho.

TROTE

Intercambio juvenil

Não temos ainda correspondentes em França, mas estamos a tratar disso. Aos amigos que nos têm pedido correspondentes, vamos mandar as moradas. Há novos estudantes brasileiros que querem corresponder-se com Portugal. Se estão interessados, deverão indicá-lo o mais depressa possível.

A VIDA AVENTUROSA DAS PALAVRAS

POR
NATALIA DA FONSECA

Amanhã é Domingo de Páscoa. Para a grande maioria das pessoas a Páscoa é o dia em que se comem amendoas e se recebem prendas e folares. São poucas as que sabem de onde vem esta palavra *Páscoa* e o que significa.

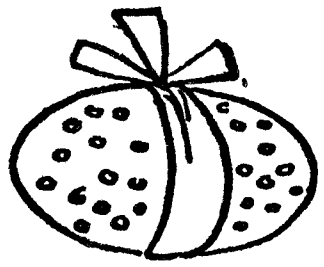
Sobre ela vai ser a nossa pequena crónica de hoje.

A palavra *Páscoa* vem do hebraico *pesakk* que deu em grego *Pascha*.

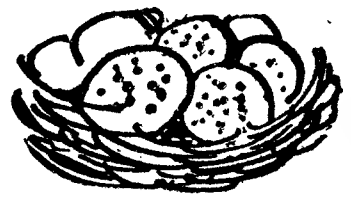
Significa *passagem*. Em inglês, á festa israelita ainda hoje se chama *passover*, passagem.

Em hebreu, a *passagem* significava, por um lado, a passagem do Anjo Exterminador que, no cativeiro do Egipto matava os filhos dos Egipcios e poupava os dos Hebreus, e por outro lado a passagem de Israel do cativeiro para a liberdade. Foi Moisés quem para comemorar este facto, instituiu a festa dos Israelitas.

Moisés mandou que se sacrificasse um cordeiro na tarde do 14.° dia do primeiro mês de primavera. Vejamos o que se diz no «Exodo» capitulo XII: «O cordeiro será sem defeito, será macho, e será de um ano. E tomareis do seu sangue, e poreis este sangue nas ombreiras das portas. Essa mesma noite comereis a carne do cardeiro assada no



forno e pães asmos com alfaces bravas. Não comereis dele nada que seja cru ou cozido em água. Não ficará nada dele até de manhã. Se não bastar gente da casa para o comeres, chamareis gente das casas vizinhas. Se ainda restar algu-



ma coisa queimá-la-ás ao fogo. Comê-lo-ás á pressa, porque é Páscoa — a passagem do Senhor».

A festa cristã da Páscoa comemora a Ressurreição de Jesus e por isso, para diferenciar da páscoa hebraica, se lhe chama *Páscoa de Ressurreição*.

Não foi nada fácil determinar a data do seu festejo. No ano de 325, pelo concílio de Niceia, foi determinado que o Domingo de Pásoca deveria estar relacionado com o equinócio da Primavera.

Em inglês é ainda evidente esta relação *Easter* (Páscoa) vem do nome da Deusa pagã *Ester* que simboliza a Primavera. Essa deusa é, em alemão, *Ospara*, e por isso Páscoa se diz *Ostern*.

E não há duvida que em cada ano, em cada Primavera assistimos a uma ressurreição.

PERGUNTE PERGUNTE

(Continuação da 1.ª página)

mos. Lá verás com os teus próprios olhos, instrumentos de pedra — machados de mão (coup. de poing), laminas, pontas de seta, etc. — de uma perfeição soberana.

Ora ao mesmo tempo que por meio do trabalho, ao fim de milhares de anos, surgiu a «mão» tal qual nós hoje a possuimos — esse mesmo hábito social do trabalho criou uma visão binocular. Para que a mão se dirija, «com segurança», para qualquer objecto é preciso que os olhos «colaborem» com ela: os olhos «guiam-na» e não só guiam como fazem outra coisa tão importante como isso: «corrigem-na». Obrigados a essa «aliança de amizade e coexistência pacífica» com as mãos — os olhos foram-se igualmente aperfeiçoando e tornaram-se estes surpreendentes orgãos dos sentidos que nós hoje possuimos.

Mas há mais. Como deves ter reparado, nos animais inferiores, a boca não serve apenas para comer: serve para pegar nas coisas, serve como arma de defesa, serve para cortar, para rasgar. Empregada em actos tão violentos, a boca necessitava de estar bem segura. Bem segura, que quer dizer? Achas estranho?

Pois bem, trocando em miudos, a boca precisava de ter uns ossos bem grossos em toda a caixa craniana. Exactamente o que tu podes observar nos animais: uma caixa craniana grossa, de ossos espessos que não permitem ao cérebro, que jaz dentro dela, aventuras como as que sucedeu ao cérebro humano — mais desenvolvido, sempre mais desenvolvido ao longo dos tais milhares de anos... Libertando-se a boca da servidão a que estava sujeita, pois a mão ocupou o seu lugar em todas aquelas actividades pesadas — a boca especializou-se no mister de comer.. Os ossos do cranio foram adelgaçando, isto é tornando-se também mais elásticos. E lá dentro, o senhor cérebro a ser desafiado pelas mãos e pelos olhos para aventuras novas e estranhas que fariam do Homem o Rei da criação...

Na próxima semana veremos as consequências de tudo isto.

TROTE

por **JOAQUIM LEITÃO**

Ali é a estrada. Longa e serpenteada, não se sabe aonde conduz nem donde vem: Talvez do infinito para o infinito.

E' um lugar temido. Há quem a pise ingenuamente e para lá fique caído para sempre.

Passara um bólide, um meteoro! Um ruído selvático e ribombante se espalha pelos ares. Uma lufada de gazes tóxicos semeia a doença e a morte.

Oh!! sossego e pureza dos campos! Pobre campo, pobre Natureza! Tremem os centenários plátanos, a relva dos beirais da estrada, as folhas caídas!

Passara um bólide! Tremem os ecos nos montes e nos vales.

As curvas passam a ser rectas. A estrada agora é uma recta. O campo foi dilacerado para que ela se estendesse á vontade: acção do progresso!

Sacrificaram-se montes que as máquinas abalaram; virgens terrenos de flores silvestres; campos de cultura. Pulverizaram-se cinzentos rochedos e abateram-se centenárias árvores.

E ela espreguiça-se, estende-se livremente, sem ouvir os choros e lamentos do sacrificado campo e passando por cima de tudo que é puro e ingénuo.

Um pé na estrada é uma audácia e um perigo e o gato preto ignorava-o. Aventurara-se ingenuamente a atravessá-la.

Um bólide, um meteoro passara! A beira da estrada, qualquer

coisa que fora um gato, um lindo animal preto, estava informe, disforme, agonizante.

As primeiras chuvas invadem os campos. s folhas dispersam-se e os regatos engrossam-se.

A estrada é varrida pela enxurrada.

O gato preto estava incluído na terra, fazia parte dela: era terra.

Tinha recuperado toda a sua ingenuidade e pureza.

Amigo n.° 735 (18 anos)

A Física

divu'gada pelos físicos

Acaba de sair um volume duma nova colecção de divulgação que possui grande interesse. Trata-se do livro do professor do ensino secundário, dr. Rómulo Carvalho, intitulado «Que é a Física?».

A que se deve tal interesse?

Ao método seguido pelo autor. Na realidade, depois de ter escrito uma excelente introdução de cinquenta e uma páginas, o dr. Rómulo Carvalho cedeu a palavra a alguns dos maiores físicos dos ultimos cem anos. O grande publico — e, no nosso caso, os jovens — têm, assim, a possibilidade de conviver com os grandes cientistas e de com eles aprender alguns passos fundamentais da maravilhosa odisseia da Física. Eis a colaboração reunida neste belo livrinho:

1) As hipóteses em Física — por Henri Poincaré;

2) A experiência de Física — por Pierre Duhem;

3) O papel do acaso na descoberta e na investigação científicas — por Jacques Picard;

4) Os progressos da Física contemporanea — por Luís de Broglie;

5) A Física Nova — por Jean-Louis Destouches;

É uma edição da Editorial Arcádia, volume n.° 2 da Colecção ARCADIA — série «Ciência».

NOTICIÁRIO SOBRE OS CONCURSOS

I — VENCEDORES DO CONCURSO «QUAL É COISA QUAL É ELA?»

O juri constituido por Figueiredo Sobral, Tossan e Nuno, atribuiram os seguintes prémios:

1.° prémio — Maria Guilhermina Claro Lobato (Barreiro): Duzentos e cinquenta escudos em livros oferecidos pela PORTUGALIA EDITORA.

2.° prémio — Maria Helena Nunes Correia (Queluz): Cento e cinquenta escudos em livros oferecidos pela PORTUGALIA EDITORA.

O juri resolveu não atribuir o terceiro prémio, e considerou com igual mérito os seguintes concorrentes:

Maria Elisa Fonseca Bacelar (Moura): cinquenta escudos em livros oferecidos pela Portugália Editora.

Maria Teresa Urceira (Lisboa): cinquenta escudos em livros oferecidos pela Portugália Editora.

Célia Maria Fernandes de Aguiar (Lisboa): cinquenta escudos em livros oferecidos pela Portugália Editora.

Maria Manuela Chaves Dias (Lisboa): cinquenta escudos em livros oferecidos pela Portugália Editora.

Aos concorrentes da provincia vamos enviar o seu exemplar colorido do belo livro «Qual é coisa qual é ela» e juntamente um catálogo da Portugália Editora, a fim de escolerem os livros que perferem. Os concorrentes de Lisboa devem dirigir-se aos escritórios daquela editora, na Avenida da Liberdade, 13, 3.°.

II — VENCEDORES DOS CONCURSOS «AUGUSTO GIL»

Notou-se na maioria dos trabalhos que os nossos jovens amigos não tinham procurado ler alguma coisa da Obra de Augusto Gil. Nestas condições, quase todos resolveram inspirar-se em Histórias da Literatura Portuguesa, repetindo com alguma mudança de palavras o que nestas vinha escrito. Ora na realidade, o que interessava era que os jovens concorrentes lessem Augusto Gil e exprimissem francamente a sua opinião sobre o Poeta. Claro que não se tratava de escrever um tratado; o que se queria era receber opiniões francas, sinceras e pessoais, originais, era ler o poeta com os próprios olhos e não com os olhos de outrém. Nestas condições, nenhum dos concorrentes esteve á altura do primeiro prémio. Os trabalhos escolhidos — o segundo e o terceiro prémios — foram concedidos aos jovens que mostraram ter lido o Poeta e exprimido opiniões realmente pessoais. Eis os amigos vencedores:

2.° prémio: Amigo n.° 29 — José Miguel da Silva Santos (Fuzeta): trezentos escudos;

3.° prémio: Amigo n.° 413 — Luís Maria Elvas Martins (Lisboa): a obra de Augusto Gil até á data publicada pela Portugália Editora.

Arte antiga ou Arte moderna? Que o digam os nossos leitores

CONCURSO
GIGANTES DA HUMANIDADE

Nasceu em 9 de Setembro de 1828, em Iasnaia-Poliana, a cento e dez quilómetros de Moscovo, nos domínios de seu avô materno, o principe Nicolau Volkonsky. Pertencia a uma das mais importantes familias da grande nobreza russa. Por sua mãe, Maria Volkonsky, descendia ele da familia de Riomik, o primeiro principe russo.

Já orfão de pai e de mãe, e entregue aos cuidados da tia Pelágia Illinitcha, que vivia em Kazan, o jovem, que viria a ser um dos maiores escritores de todos os tempos e literaturas, entra no liceu. Tinha 13 anos. Mostrava-se mau aluno, inimigo da disciplina.

Em 1844 ingressa na Universidade. Destinavam-no para a carreira

diplomática. Passa um ano na Faculdade das Línguas Orientais, mas, ficando mal nos exames, transfere-se para a de Direito. 1847, porém, com 18 anos, alega falta de saude, deixa os estudos e instala-se em Iasnaia-Poliana, que lhe coubera na partilha da herança. Aqui ou em Moscovo leva um vida mundana que acaba por o aborrecer. Em 1850 assenta praça no exército e cinco anos depois participa no assédio de Sebastopol. Data daí a sua firme decisão de ser escritor. As primeiras obras são «Sossacos» (1852) e «Sebastopol» (1854-1856).

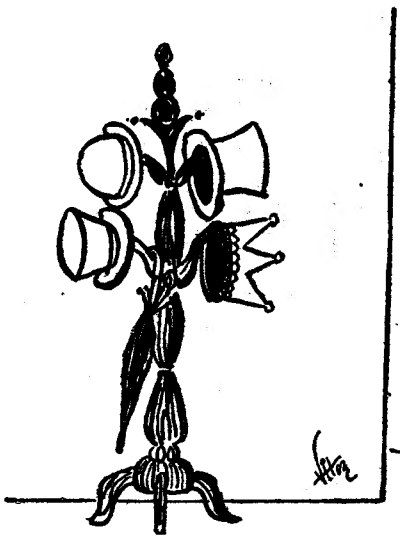
De volta a Moscovo (1857) conhece logo a glória literária que o acompanhará a vida inteira. Por toda a parte é festejado — nos circulos literários ou mundanos. Depois de uma viagem ao estrangeiro (1857), instala-se de novo na terra natal. Funda aí uma escola para servos, e procura melhorar a sua sorte. De novo no estrangeiro, é em Londres que sabe a notícia da abolição da servidão na Russia (3 de Março de 1861). Volta logo á pátria. Casa no ano seguinte com Sónia Behrs. Em 1863 traça o plano de uma das suas grandes obras — «Guerra e Paz» — que só vem a terminar seis anos depois.

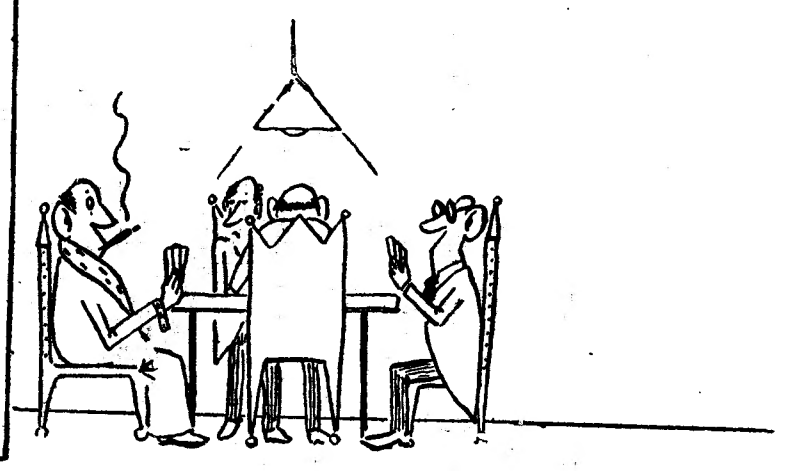
Em 1873 inicia outro grande romance — «Ana Karenina», que fica pronto em 1877. Conhece um período de grandes duvidas espirituais. Torna-se um ardentissimo praticante da religião cristã. Entretanto, e até 1901, todos os anos são assinalados pelo aparecimento de novas obras suas. Em 1899 publica as ultimas obras de ficção — «Ressurreição» e «Senhor e Servo». O que escreve depois dedica-se a questões misticas e religiosas. Quando o Santo Sínodo o excomunga, por toda a parte se ergue uma onda de protestos. A guerra russo-japonesa produz-lhe um profundo abalo. Em 1910, na manhã de 10 de Novembro, ao dirigir-se a Iasnaia-Poliana sob nome suposto, pois queria isolar-se de todo e qualquer contacto com gente conhecida, a morte termina com a sua gloriosa existência — na pequena estação ferroviária de Apostovo. Fizera 82 anos.

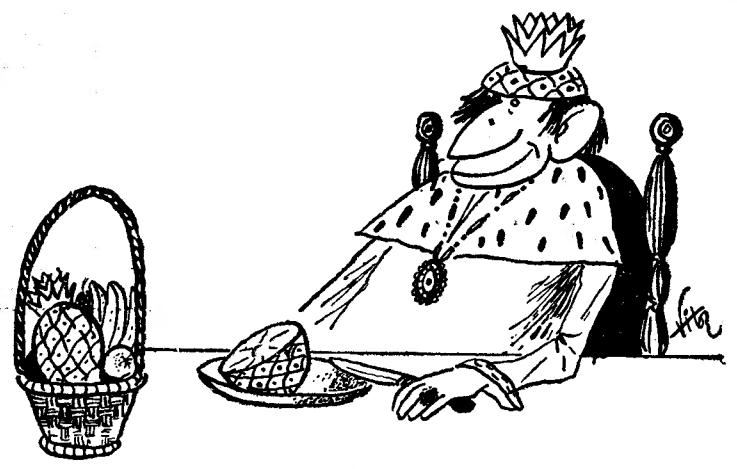
As respostas devem estar no «Juvenil» até ao próximo dia 4 de Abril, acompanhadas do nome completo, morada, data do nascimento dos concorrentes, e indicação dos três artigos que mais lhes agradaram esta semana. Para o melhor trabalho sobre este imortal escritor haverá um prémio especial.

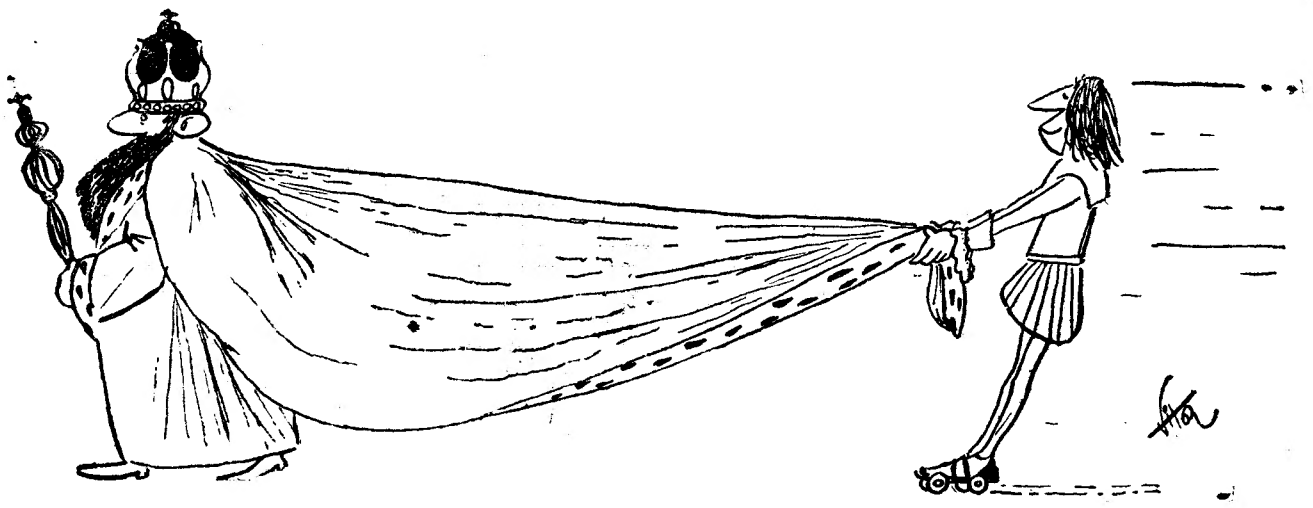
«OS REIS».

Página humorista de **Vítor Milhoirão**









Hidro-Eléctrica do Cávado

S. A. R. L.

CONCESSIONÁRIA DO APROVEITAMENTO HIDROELÉCTRICO «CÁVADO-RABAGÃO»

SEDE: Rua Sá da Bandeira, 567 PORTO — CAPITAL 660.000 CONTOS — DELEGAÇÃO: Av. Sidónio Pais, 14-1.º-D.º LISBOA

RELATORIO, BALANÇO E PARECER DO CONSELHO FISCAL

DÉCIMO TERCEIRO EXERCÍCIO — 1958

RELATÓRIO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

SENHORES ACCIONISTAS:

Nos termos da lei e dos nossos estatutos, submetemos á vossa apreciação e votação o balanço e contas da gerência que findou.

As habituais notas que costumam acompannar os elementos de contabilidade devem, porém, este ano, ser precedidas de uma palavra de regozijo por se ter completado com Paradela, na Primavera passada, o esquema que nos foi fornecido pelos serviços oficiais, aquando da constituição da HICA, como representando a base de acção que nos era cometida

Esses estudos relacionados com o aproveitamento dos rios Cavado-Rabagão compreendiam quatro escalões: Venda Nova, Salamonde (então Lavandeiras), Caniçada e Paradela.

E embora se tivesse seguido o plano geral estabelecido, cujo merecimento nunca é demais encarecer, os serviços técnicos da nossa Sociedade melhoraram, mercê de estudos complementares, as possibilidades do sistema, cuja energia produtivel, que em ano médio não seria superior a 500 milhões de kWh, é hoje efectivamente da ordem de 920 milhões de kWh.

Com Paradela terminaram, portanto, em esplêndidas condições de execução, as obras que deviam constituir o nosso programa de trabalhos. O que está feito representa, porém, sómente o que podemos chamar a primeira fase do nosso empreendimento, porquanto novas e importantes perspectivas se abriram á nossa Sociedade com a grande obra do Alto Rabagão (Pisões) inteiramente concebida, estudada e projectada pelos nossos serviços técnicos. E o vosso Conselho de Administração não quer que passe este momento, em que concluida uma etapa se lança já em novas e importantes realizações, sem deixar de — ao congratular-se convosco pelos êxitos obtidos e pelos que a seguir naturalmente se prevêem — consignar aqui o seu mais vivo reconhecimento e louvor pelos benefícios que a Empresa fica devendo ao notabilissimo corpo de engenheiros que formam o seu quadro técnico. E, posto isto, passemos em revista os vários capitulos da nossa actividade em 1958.

I — OBRAS

Os trabalhos da terceira e ultima fase de construção da barragem de Paradela, iniciados em 1957, concluiram-se durante os primeiros meses da gerência que terminou, o que permitiu se obtivessem no fim do primeiro trimestre de 1958 as possibilidades totais de armazenamento daquele aproveitamento. Assim, a capacidade de armazenamento, que era em Outubro de 1957 de 112×10^6 m³ de água, passou para 159×10^6 m³ em fins de Março.

Para tanto foi necessário cumprir os programas de trabalho prèviamente estabelecidos, o que só foi possível mercê de um esforço notável no qual o empreiteiro das obras, Sociedade de Empreitadas de Obras Publicas, Ld.ª, colaborou de uma maneira que merece justo relevo. Os volumes de trabalho a realizar exigiram ainda grande multiplicação dos meios mecanicos de colocação dos enrocamentos arrumados e dos próprios betões da cortina.

As quantidades totais de trabalho realizado nesta barragem exprimem-se como segue:

Escavações para as fundações da barragem	345.000 m³
Escavações no muro corta-águas	

(Continua na página seguinte)

BALANÇO E RESULTADO DO EXERCICIO

BALANÇO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1958

ACTIVO			
1) — Circulante			
a) Líquido			
Caixa	1.256.443$50		
Bancos	55.186.686$39	56.443.129$89	
b) Realizável			
Energia Fornecida (créditos a cobrar)	17.482.528$60		
Carteira de Títulos	15.584.918$65		
Deved. e Cred. Gerais (saldos devedores)	29.175.742$05	62.243.189$30	
c) Permutável			
Material em Armazém	25.754.952$33		
Material a Receber	20.801$20		
Fornecedores Gerais	2.887.831$10	28.663.584$63	147.349.903$82
2) — Disponivel			
Participações			30.223.550$00
3) — Fixo			
Móveis, Utensílios e Livros	1.000$00		
Veículos	1.000$00		
Material de Estaleiro	32.198.107$38		
Aproveitamento de Venda Nova	450.000.000$00		
Aproveitamento de Salamonde	210.000.000$00		
Aproveitamento de Caniçada	385.000.000$00		
Aproveitamento de Paradela	662.755.082$52		
Aproveitamento do Alto Rabagão (Pisões)	69.049.416$06		
Aproveitamento do Rio Homem (estudos)	863.179$15		
Novos Aproveitamentos (estudos)	474.882$46	1.810.342.667$57	1.810.342.667$57
4) De Compensação			
Títulos em Caução Estatutária	300.000$00		
Valores de Cauções Alheias	16.952.347$80		
Devedores por Cauções Próprias	3.296.200$00		
Participações — Acções Subscritas — parte a liberar	480.000$00	21.028.547$80	21.028.547$80
			2.008.944.669$19

PASSIVO			
1) — Exigivel			
a) Imediato			
Juros de Empréstimos Vencidos	13.759.980$20		
Dividendos	440.474$00		
Obrigações Sorteadas	9.148.000$00		
Fornecedores Gerais	4.230.470$69		
Deved. e Cred. Gerais (saldos credores)	18.094.510$60	45.673.435$49	
b) A curto prazo			
Efeitos a Pagar		30.000.000$00	
c) A médio e a longo prazo			
Financiamentos	430.389.375$20		
Obrigações	566.081.000$00	996.470.375$20	1.072.143.810$69
2) — De Ordem			
Reintegração de Aproveitamentos — (Renovação de Equipamentos — Transitóriamente aplicada em autofinanciamento)			29.030.000$00
3) — De Compensação			
Credores por Títulos em Caução Estatutária	300.000$00		
Credores por Cauções Alheias	16.952.347$80		
Cauções Próprias	3.296.200$00		
Participações — Credores por Acções Subscritas — parte a liberar	480.000$00	21.028.547$80	21.028.547$80
SITUAÇÃO ACTIVA			
1) — De Constituição			
Capital		660.000.000$00	
2) — Acumulada			
Fundo de Estabilização de Dividendos	20.000.000$00		
Fundo de Amortizações	80.151.382$40		
Fundos transitóriamente aplicados em autofinanciamento:			
Fundo de Reserva legal	15.220.000$00		
Fundo de Reconstituição do Capital Accionista	14.777.000$00		
Provisões	11.320.039$50	141.468.421$90	
3) — Adquirida			
Resultados:			
Saldo do ano anterior	299.815$70		
Do exercício	84.974.073$10	85.273.888$80	886.742.310$70
			2.008.944.669$19

RESULTADOS DO EXERCÍCIO DE 1958

DÉBITO		CRÉDITO	
Despesas Gerais	2.890.681$50	Excrcícios anteriores — Saldo proveniente de 1957	299.815$70
Reintegração de Móveis, Utensílios, Livros e Veículos	339.937$40	Rendimentos Gerais	1.558.455$40
Juros de Empréstimos	41.960.786$53	Exploração	130.263.561$63
Taxas, Contribuições e Impostos	1.656.538$50		
Balanço (1)	85.273.888$80		
	132.121.832$73		132.121.832$73

(1) — Cumprido o disposto no artigo 26.º dos estatutos, na parte respeitante ao serviço de amortização do capital obrigacionista e outros empréstimos a longo prazo, serviço que exigiu Esc. 30.367.543$10, reduz-se o lucro líquido a Esc. 54.906.345$70.

O CHEFE DOS SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS
M. Marques Dias

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
PRESIDENTE
Fernão Manuel de Ornellas Gonçalves
VOGAIS
Pedro Manuel de Oliveira Reis
José Rodrigo de Carvalho,
pela C.ª Hidro Eléctrica N. de Portugal
Mamede de Sousa Fialho,
pela União Eléctrica Portuguesa
Alberto Sá de Oliveira

EXPLORAÇÃO

DÉBITO		CRÉDITO	
Despesas Gerais de Exploração	7.813.029$82	Fornecimento de Energia (1)	148.197.600$20
Despesas de Conservação e Reparação	4.121.008$75		
Reintegração de Equipamentos	6.000.000$00		
Saldo	130.263.561$63		
	148.197.600$20		148.197.600$20

O CHEFE DOS SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS
M. Marques Dias

(1) — Neste montante incluem-se Esc. 2.714.835$10, importância correspondente ao saldo do acerto de contas com a H. E. Z., relativas ao ano de 1957.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
PRESIDENTE
Fernão Manuel de Ornellas Gonçalves
VOGAIS
Pedro Manuel de Oliveira Reis
José Rodrigo de Carvalho,
pela C.ª Hidro Eléctrica N. de Portugal
Mamede de Sousa Fialho,
pela União Eléctrica Portuguesa
Alberto Sá de Oliveira

Hidro-Eléctrica do Cávado

(Continuação da página anterior)

Enrocamentos a granel lançados na barragem	2.070.000 m³
Enrocamentos arrumados	187.200 m³
Betões na cortina, no muro corta-águas e guardas	72.900 m³
Furação para injecção de cimento	13.500 m
Cimento injectado	1.400 T

Concluiram-se também, dentro do mesmo prazo, como se fazia mister, os trabalhos de construção do segundo descarregador deste aproveitamento e ainda as obras do dique da portela de Barreiros.

Durante o ano de 1958 e de acordo com os planos superiormente estabelecidos prosseguiram as obras preparatórias da execução do aproveitamento do Alto Rabagão (Pisões). Além dos trabalhos mencionados no Relatório anterior, há mais que referir os seguintes:

— Conclusão das terraplenagens e obras de arte da estrada de ligação Alto Cávado-Alto Rabagão:
— Transferência do estaleiro da barragem de Paradela e das instalações para o pessoal;
— Construção, segundo os planos programados, de novas habitações para pessoal trabalhador e especializado;
— Construção de moradias para pessoal superior e dirigente que, no fim dos trabalhos, constituirão o bairro do pessoal de exploração do aproveitamento;
— Início dos trabalhos do desvio do rio Rabagão em Pisões encontrando-se totalmente abertas as galerias do desvio da margem esquerda e da margem direita, as escavações para a ensecadeira de montante no rio Rabagão e, em conclusão, as escavações para a fundação da ensecadeira na ribeira da Retorta.

As obras respeitantes ao desvio provisório deverão concluir-se ainda no primeiro trimestre do ano corrente, de modo a garantir em tempo oportuno o início de execução dos trabalhos de construção da barragem.

O empreiteiro geral das obras deste aproveitamento — uma associação da Sociedade de Empreitadas Moniz da Maia & Vaz Guedes, Ld.ª e Sociedade de Empreitadas de Obras Publicas, Ld.ª — está procedendo a instalação do respectivo estaleiro.

Logo que seja superiormente aprovado o projecto deste escalão, devemos dar início imediato ás obras própriamente ditas do aproveitamento.

O que se pode desde já afirmar é que a barragem projectada para Pisões será a de maior volume de betão construida em Portugal, cerca de 1.000.000 m3, e com um desenvolvimento total, no coroamento, de aproximadamente 2 km.

Essencialmente o conjunto deste escalão é constituido pelas obras de derivação Cávado-Rabagão—com uma barragem no Alto Cávado e um túnel de derivação ligando a albufeira criada por esta barragem á albufeira criada no Rabagão —, pela barragem de Pisões no Rabagão, com a sua Central subterranea e as obras do respectivo túnel de fuga.

II — ESTUDOS E PROJECTOS

Foi intensa a actividade da Empresa neste sector, em consequência da complexidade e variedade das obras a executar no escalão do Alto Rabagão (Pisões) e do elevado numero de outros aproveitamentos em estudo, como os da bacia do rio Tâmega, do rio Homem e da Ilha de S. Miguel.

O projecto do escalão do Alto Rabagão ficou concluido em fins de Março, mas o estudo da barragem prosseguiu com o objectivo de se verificar exaustivamente se há qualquer variante ao projecto elaborado que ofereça melhores condições económicas.

Como o tempo necessário ao estudo de cada variante ao projecto é a principal dificuldade na consecução daquele objectivo, visto que é indispensável considerar algumas variantes e que cada uma leva alguns meses a estudar, os serviços técnicos da HICA organizaram, com a colaboração da Companhia I. B. M. o calculo de barragens abobada de dupla vurvatura de modo a poder ser efectuado pela maquina electronica de calcular I. B. M. 704, a máquina de cálculo mais potente em serviço na Europa. Assim, o calculo pelo metodo de «trial load» de uma barragem abobada de dupla curvatura, que ate agora levava vários meses a ser executado por um grupo de calculadores experimentados e equipados com maquinas electricas de calculo, passará a ser executado em cerca de 3 horas pelo cerebro electronico.

Desnecessario se torna exaltar a envergadura e o interesse extraordinario desta aplicação dos ultimos progressos da ciência, a qual permitira economias importantes nos projectos das barragens abobada através da possibilidade que confere de se calcularem várias soluções e escolher entre elas a mais económica, o que ate agora era impraticavel na maioria dos casos por obrigar a uma demora de anos no projecto de uma barragem.

Dada a generalidade com que o calculo electronico foi programado, podendo ser utilizado, qualquer que seja a definição dos arcos e das consolas da barragem, e permitindo a consideração da assimetria e da desigualdade de caracteristicas da rocha ao longo da fundação, e de esperar que outras empresas congeneres da nossa, do País e do Estrangeiro, venham a utilizar o cálculo programado pelos nossos serviços tecnicos, o que deverá ser feito com o acordo da HICA.

Continuou durante o ano findo o estudo dos aproveitamentos da bacia do rio Tâmega em conjugação com a albufeira do Alto Rabagão, estudos em curso por determinação superior e a que temos dedicado o maior interesse.

O estudo do aproveitamento hidroelectrico do rio Homem continuou durante o ano findo embora em ritmo reduzido por se não prever a sua execução nos anos mais proximos.

Em consequência da solicitação da Federação dos Municipios da Ilha de S. Miguel, os nossos serviços tecnicos colaboraram no estudo das linhas de transporte de energia eléctrica na Ilha, no dimensionamento da potência termica de apoio a instalar na cidade de S. Miguel e no estudo do plano geral de aproveitamentos hidroelectricos locais.

Continuou a merecer a nossa melhor atenção o problema da produção de energia eléctrica por via nuclear, tendo os nossos serviços acompanhado com todo o interesse a evolução dos aspectos técnicos do problema.

III — EXPLORAÇÃO

No ponto de vista hidrológico, o ano que findou apresentou-se, no seu conjunto, mais húmido do que o ano médio seco e mais pluvioso no Norte do que no Sul.

Contudo, e embora o mês de Janeiro tivesse resultado globalmente mais húmido que o normal, do facto do atraso das chuvas, que pràticamente começaram a cair na ultima semana do mês resultou que a produção térmica lançada em Outubro do ano antecedente para apoio da rede só no fim de Janeiro se tivesse desligado.

Exceptuados os meses de Maio, Agosto e Novembro, as afluências mensais ao conjunto dos sistemas foram superiores ás médias, afluências essas fortemente influenciadas pelas precipitações verificadas nos sistemas do Norte do País; de facto o período de Maio a Novembro que no centro do País se mostrou bastante seco (excepcionalmente seco) em Novembro, foi bastante húmido no Norte, com excepção dos meses de Maio, Agosto e Novembro acima referidos.

*

Depois de um período de ensaios, a central de Picote da Hidro-Eléctrica do Douro foi entregue á exploração em meados de Fevereiro, o que, sobrepondo-se ás fortes afluências dos primeiros meses do ano conduziu a uma situação energética desafogada com descarregamentos substanciais em Março e Abril.

Com o sistema produtor aumentado e as albufeiras práticamente cheias nos princípios de Julho, a exploração conduziu-se sem preocupações, salvo as resultantes da necessidade de esvaziamento de algumas albufeiras para obras de conservação nos respectivos aproveitamentos.

A exploração do sistema da HICA reflectiu estes condicionamentos, com diminutas produções em Abril e Maio (por necessidade de intensificação da produção no sistema do Sul) e seguidamente concentração da produção em Junho, Julho, Agosto e Setembro para esvaziamento da albufeira de Paradela, a fim de permitir a inspecção e trabalhos na cortina estanque da respectiva barragem.

Os pequenos volumes de descarregamento verificados em Junho, Julho e Outubro são ainda consequência destes condicionamentos.

Em fins de Novembro (que se verificou ser o mês mais seco do ano e um dos Novembros mais secos conhecidos), o armazenamento do sistema HICA era ainda de cerca de 100 milhões de kWh, dos 400 milhões de kWh disponíveis na rede primária; situação de desafogo, como dissemos de entrada, que permitiu encarar com confiança qualquer possível continuação de estiagem, que contudo não veio a verificar-se, pois o mês de Dezembro que se seguiu mostrou-se um dos mais chuvosos apresentando o sistema da HICA, no fim do ano, 300 milhões de kWh dos 750 milhões de kWh armazenados na rede primária na mesma data.

*

Como resultado das características hidrológicas e das necessidades de consumo do ano, a produção das três empresas abastecedoras da rede primária elevou-se a 1.703 milhões de kWh, ou seja mais 497 milhões de kWh do que no ano anterior.

Este acréscimo verificou-se substancialmente nos consumos temporários, porquanto a taxa de crescimento dos consumos permanentes do País se cifrou em 10 %.

Em contrapartida, a produção térmica, bastante elevada no ano anterior, limitou-se este ano apenas a 41 milhões, isto é, práticamente o apoio térmico verificado em Janeiro no seguimento da estiagem do ano precedente.

Do total da produção da rede primária, coube á nossa Sociedade o volume de 796 milhões de kWh, ou seja mais 243 milhões que no ano passado.

Foi de resto este o primeiro ano em que o aproveitamento de Paradela funcionou em pleno regime e num ano vizinho do médio como este foi, a produção, adicionada dos descarregamentos turbináveis e da diferença de armazenamentos na entrada e na saída do ano na parte turbinável, ultrapassa os 920 milhões de kWh atribuídos ao nosso sistema como produção possível em ano médio.

*

A' Companhia Nacional de Electricidade foram entregues da produção total da rede primária, 1.635 milhões de kWh, isto é, mais 476 milhões de kWh que no ano passado, sendo este acréscimo devido em larga proporção ao aumento dos fornecimentos a tarifas especiais para usos temporários que passou de 214 milhões de kWh no ano de 1957 para 554 milhões de kWh em 1958.

A média geral do preço de venda á CNE pelo grupo de empresas produtoras da rede primária, fortemente influenciada pelos fornecimentos a tarifas especiais, desceu para $17,5 apesar de se manterem práticamente as tarifas médias de cada tipo de consumo.

*

Como é tradicional a exploração conjunta dos sistemas produtores da rede primária continuou a fazer-se dentro do princípio de inteira subordinação ao interesse nacional, num espírito de estreita colaboração das empresas e sob orientação do Repartidor Nacional de Cargas.

Ainda como habitualmente, juntamos os gráficos da exploração no Sistema Cávado-Rabagão ao longo do ano de 1958 com a sua evolução desde 1950, bem como a comparticipação dada por ele ao sistema nacional nos ultimos cinco anos.

IV — ACÇÃO SOCIAL

Com a preocupação da valorização humana e profissional de todos quantos trabalham na Empresa e procurando aperfeiçoar ainda mais o espirito de comunidade de trabalho—na HICA desde sempre existente — e que deve presidir ás actividades individuais e ás relações mutuas, têm-se adoptado todas as providências que se afiguram para tanto como mais viáveis e adequadas.

Não é fácil exprimir quanto se tem conseguido em valorização humana, em dedicação á Empresa e em brio colectivo, mas tudo isso enforma e baseia as realizações da HICA.

Faremos, no entanto, sucintamente, referência ás principais medidas adoptadas.

*

Em matéria de remunerações, continuou a seguir-se o critério de tomar em consideração os impostos e contribuições na fixação dos vencimentos e a manter o complemento do abono de família das Caixas de Previdência e os subsídios já criados em anos anteriores, benefícios que no ano findo atingiram os seguintes valores:

Complemento do abono de família	691.717$50
Subsídios de férias	356.228$00
Subsídios de casamento	24.800$00
Subsídios de estudo	60.100$00
Subsídios de doença	163.623$70
Subsídios por morte	22.624$30

Além destes subsídios, em casos especiais devidamente fundamentados, vêm sendo concedidos empréstimos sem juros, amortizáveis no prazo máximo de três anos.

*

O problema da habitação continua a merecer especial atenção e, assim, no estaleiro do Alto Rabagão, além da pousada, da albergaria e do bairro do futuro quadro permanente da central com 40 moradias, estão em construção mais 349 casas e 29 dormitórios com uma capacidade total para cerca de 1.400 empregados e assalariados.

Mas, para além das instalações das centrais e estaleiros, a Empresa está ainda a procurar a resolução do problema da habitação dos funcionários da sede, dentro do sistema da propriedade resoluvel. No terreno adquirido na zona de Campanhã, conforme foi anunciado no Relatório de 1957, está em construção um bairro com 21 casas destinadas aos funcionários com vencimentos mais baixos, construção que será levada a efeito com a comparticipação da Federação de Caixas de Previdência (Habitações Económicas) ao abrigo da Lei 2.092. Por outro lado, dentro ainda da modalidade de propriedade resoluvel, foram concedidos empréstimos para a construção de mais 7 habitações de acordo com a regulamentação estabelecida.

*

Os Serviços Médicos reorganizados nos fins de 1957 entraram em 1958 em pleno funcionamento, revelando-se particularmente operante a organica criada em colaboração com os Serviços Médico-Sociais das Caixas de Previdência. Da expansão dos Serviços dão uma ideia os seguintes elementos estatísticos:

Postos Médicos	5
Consultas no consultório	16.383
Consultas no domicílio	1.631
Injecções aplicadas	33.798
Tratamentos efectuados	13.801

Em matéria de segurança no trabalho a Empresa continua a dedicar o maior interesse ao problema da prevenção de acidentes e da recuperação dos acidentados. A Secção de Segurança desenvolveu intensa actividade, quer na elaboração de normas de segurança incluídas nos cadernos de encargos, quer na sua acção directa nos estaleiros em colaboração com a Comissão de Fiscalização das Obras dos Grandes Aproveitamentos Hidroeléctricos, os empreiteiros, os Serviços Médicos e o Serviço Social.

A colaboração estabelecida entre os Serviços Médicos e a companhia seguradora escolhida para o efeito veio permitir uma assistência aos sinistrados incomparávelmente mais perfeita e eficaz e práticamente sem aumento de encargos pela correspondente redução da taxa de seguro.

O problema da prevenção da silicose constitui grande preocupação para a Empresa pela delicadeza da sua resolução dentro do condicionamento geral. As medidas que vêm sendo adoptadas para o melhoramento do ambiente de trabalho têm sido estudadas com o maior cuidado, deslocando-se para o efeito á Bélgica um dos nossos engenheiros. O controle radiográfico na admissão do pessoal está a funcionar desde o início dos trabalhos do Alto Rabagão.

Como no ano anterior, a Sociedade facultou aos filhos dos funcionários das centrais e estaleiros um estágio de 28 dias na Colónia Balnear Infantil Senhora de Fátima na Aguda, por acordo estabelecido com o Grémio dos Armazenistas de Mercearia. Beneficiaram desse estágio 107 crianças.

*

Seguindo a tradição já consagrada realizou-se com a colaboração dos empreiteiros a festa do Natal no estaleiro, nas centrais e na sede, com características semelhantes ás dos anos anteriores, e á qual assistiram 1.257 crianças filhas de funcionários nas idades compreendidas entre os 2 e os 12 anos e 384 crianças das populações locais.

*

O Centro do Pessoal da HICA (C. A. T.), organismo filiado na F. N. A. T. e patrocinado pela nossa Sociedade, continua a desenvolver uma valiosa e interessantíssima actividade nos campos cultural, recreativo e desportivo, realizando uma obra de alto valor formativo dentro da Empresa.

*

Em matéria de instrução a Sociedade continua a dedicar o devido interesse tanto ás crianças em idade escolar como aos adultos e assim tem em funcionamento as seguintes escolas:

	Edifícios escolares	Frequência no ano lectivo 957/58
Vila Nova	1	40
Cambedo	1	15
Salamonde	1	29
Caniçada	1	40
Estaleiros	2	260

*

A valorização profissional dos seus quadros de pessoal não é também descurada e neste campo merece especial referência o CATEC, Centro de Aperfeiçoamento Técnico dos Engenheiros da Hidro Eléctrica do Cávado, que no ultimo ano realizou 20 sessões de estudo e várias visitas com o mesmo fim e publicou os três primeiros numeros do seu boletim.

*

Finalmente refere-se aqui a realização do Colóquio do pessoal dirigente da Hidro Eléctrica do Cávado, em que se reuniram 55 funcionários dos quadros superiores da Empresa para estudarem problemas de organização de serviços e de relações humanas. Trata-se de uma inciativa particularmente bem sucedida e de incontestável utilidade para a eficiência dos serviços e para prestígio da Empresa.

V — EMPRESAS A QUE ESTAMOS ASSOCIADOS

Companhia Nacional de Electricidade — No Verão passado sofreu a CNE uma grande perda com a saída do seu prestigioso presidente Senhor Engenheiro José do Nascimento Ferreira Dias Junior.

No entanto, as consequências desse facto poder-se-ão considerar atenuadas na medida em que na pasta da Economia pode o Engenheiro Ferreira Dias, mais amplamente do que no cargo que ocupava, dar realização aos seus planos, designadamente no campo da electrificação, que lhe deve já inestimáveis serviços.

Além disso, há ainda a acrescentar a saída, em Fevereiro do corrente ano do administrador Senhor Dr. Francisco Teixeira de Queirós de Castro Caldas que á CNE, desde que esta se constituiu, emprestou toda a sua dedicação servida por qualidades pessoais verdadeiramente invulgares.

A acção da Companhia Nacional de Electricidade foi, como sempre, acompanhada pela nossa Empresa, que faz parte do respectivo Conselho de Administração.

Todas as subestações, com excepção da de Setubal sofreram amplia-

(Continua na página seguinte)

Hidro-Eléctrica do Cávado

(Continuação da página anterior)

ções no ano findo, adaptando-se assim as necessidades acrescidas dos clientes da Companhia.

A subestação de Pereiros em Coimbra, que ficara concluida em fins de 1957, entrou em exploração em Janeiro do ano seguinte, data em que se iniciou o transporte da energia produzida na central de Picote, da Hidro Eléctrica do Douro.

Construiram-se no ano de 1958 as linhas de Picote-Vermoim, Zêzere-Entroncamento, Marão, Canas de Senhorim, Zêzere-Porto-Alto, estando em curso a construção das linhas de Ermesinde-Vermoim e de Saucelle, esta ultima destinada á interligação com a rede espanhola.

Empresa Termoeléctrica Portuguesa — Esta sociedade em cujo capital comparticipamos, prosseguiu no ano findo com os trabalhos de construção da sua central térmica da Tapada do Outeiro, encontrando-se neste momento em conclusão a montagem do 1.º grupo gerador. Esta montagem tem sofrido alguns atrasos provenientes do retardamento na entrega pelos respectivos fornecedores de parte do equipamento eléctrico.

Companhia Portuguesa de Indústrias Nucleares — A Companhia Portuguesa de Industrias Nucleares embora com pouco mais de um semestre de vida, traz em execução adiantada as medidas adequadas á consecução dos seus objectivos imediatos, designadamente a formação de pessoal, estagiando em centros estrangeiros e a organização de um inquérito industrial para determinação e coordenação das possibilidades da industria nacional no campo nuclear. A HICA, que preside ao respectivo Conselho de Administração, tem acompanhado com o devido interesse a actividade desta Companhia.

VI — BALANÇO E CONTA DE RESULTADOS DO EXERCICIO

O esquema do Balanço apresenta as mesmas características dos anteriormente publicados. Essa estabilidade tem o merecimento de permitir a comparação entre os documentos desta natureza respeitantes aos sucessivos anos de gerência.

Numa empresa como a nossa, grande unidade de produção hidroeléctrica a quem coube tarefa de relevo no I Plano do Fomento e tem ainda acção de destaque no II Plano de Fomento, cuja execução agora se inicia, continuará naturalmente a verificar-se uma acentuada aplicação de capitais.

E assim, no decurso do ultimo exercício foi realizado o investimento total de 95.890 contos, verba quase unicamente aplicada em Paradela e Alto Rabagão (Pisões).

Para se avaliar a importancia dos investimentos realizados pela Sociedade indicam-se abaixo os níveis que atingiram nos cinco anos anteriores:

1953	199.032	contos
1954	270.320	»
1955	180.041	»
1956	264.654	»
1957	158.636	»

Estes numeros realçam o valor da obra que vai sendo executada e dão a medida, em ultima análise do aumento das nossas instalações industriais, e correlativamente da nossa capacidade de produção.

Em relação a este ponto, parece-nos também interessante indicar o produto resultante da venda de energia nos ultimos cinco anos:

1954	73.251.344$05
1955	89.007.736$95
1956	99.918.462$10
1957	113.830.920$20
1958	148.197.600$20

Mas convém salientar, para inteira apreensão do problema, que o aumento dos encargos a satisfazer em consequência do acréscimo do volume dos investimentos, que já montam a 1.778.142.560$19, não nos consente ir além da criação dos fundos legal e estatutáriamente obrigatórios e garantir ao capital accionista uma remuneração equilibrada.

E assim não foi possível este ano reforçar o fundo de estabilização de dividendos previsto no n.º 3.º do art. 26.º dos Estatutos, nem reservar qualquer provisão para utilizar em autofinanciamento.

*

Em Março de 1958 foi lançada uma emissão de obrigações no valor de 20.000 contos e dentro dos limites consentidos pelo art. 4.º dos Estatutos, na nova redacção aprovada pela assembleia geral dos accionistas reunida no dia 18 de Março de 1958, foi reforçado o capital social com mais 75.000 contos.

Esta ultima emissão, que teve lugar em Julho do ano passado, foi tomada exclusivamente por Instituições de Previdência dentro do plano estabelecido para a elevação de capital e sem prejuizo da reserva de preferência a todos os grupos de accionistas que são, por ordem do volume de investimento, entidades particulares, aquelas Instituições e o Estado. Por este plano uma vez concluido o programa de financiamento do Alto Rabagão (Pisões), todos os accionistas terão ou poderão vir a ter a posição relativa que hoje se verifica.

Durante o ano transacto, além do recurso a operações de curto prazo realizadas na Banca, foi renovado um crédito contratado no ano anterior com a Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência.

*

A análise da conta de Resultados do Exercício mostra-nos que se despendeu com o pagamento de juros de empréstimos o elevado montante de Esc. 41.960.786$53, contra Esc. 26.509.561$53 no ano anterior. Esta subida brusca não corresponde, no entanto, a qualquer facto anormal. Na verdade enquanto que em 1957 os juros do capital investido em Paradela constituiram encargo de primeiro estabelecimento, em 1958, com a entrada do aproveitamento em serviço e consequente produção de receita aqueles encargos pesam, como não podia deixar de ser, sobre os resultados da respectiva exploração.

* * *

Ficam assim expostos nas suas linhas gerais, os factos mais salientes verificados na ultima gerência.

O saldo da conta de Resultados ascende, como se mostra no mapa correspondente, a Esc. 85.273.888$80 mas cumprido o disposto no art. 26.º dos Estatutos, na parte respeitante ao serviço de amortização do capital obrigacionista e outros empréstimos a longo prazo, serviço que exigiu no ano de 1958, Esc. 30.367.543$10, cifra-se o lucro líquido em Esc. 54.906.345$70 para o qual propomos que seja dada a seguinte aplicação:

Fundo de Reserva Legal	3.000.000$00
Fundo de Reconstituição do Capital Accionista	4.800.000$00
Dividendos, 8 % (remuneração ao capital de 585.000 contos)	46.800.000$00
Saldo para novo exercício	306.345$70
Total	54.906.345$70

* * *

Registamos com muito aprazimento a visita do senhor ministro das Obras Publicas, Engenheiro Eduardo Arantes e Oliveira em 1 de Setembro, á barragem de Paradela e ao aproveitamento da Caniçada.

Sua Excelência teve generosas palavras para a acção desenvolvida pela HICA que, aliás, lhe deve um decidido e muito eficiente patrocínio.

Em 25 de Setembro o senhor ministro das Corporações, Dr. Henrique Vèiga de Macedo, visitou o aproveitamento de Caniçada, percorrendo as instalações do Centro do nosso pessoal e dos Serviços Médicos, e tendo-se dignado presidir a uma reunião de trabalho, onde se trocaram impressões com muito proveito para a nossa Sociedade, sobre os principais problemas de carácter social que nos respeitam.

*

O Delegado do Governo, Senhor Engenheiro João de Brito e Cunha, bem como o Conselho Fiscal prestaram-nos no ano decorrido valiosa colaboração, como de resto tem sido habitual pelo que lhes devemos o melhor agradecimento.

O pessoal merece louvor pela dedicação com que desempenhou as suas funções, devendo destacar-se aqueles a quem cabem funções directivas e que, pela sua competência e qualidades de chefia imprimem aos serviços o alto nível que os caracteriza.

Porto, 25 de Fevereiro de 1959.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

PRESIDENTE

Fernão Manuel de Ornellas Gonçalves

VOGAIS

Pedro Manuel de Oliveira Reis
José Rodrigo de Carvalho,
pela C.ª Hidro Eléctrica N. de Portugal
Mamede de Sousa Fialho,
pela União Eléctrica Portuguesa
Alberto Sá de Oliveira

PARECER DO CONSELHO FISCAL

SENHORES ACCIONISTAS:

Em conformidade com os preceitos legais e estatutários, o Conselho Fiscal reuniu-se periòdicamente durante o ano de 1958, a fim de examinar o desenvolvimento da escrituração da Sociedade e proceder á conferência dos valores contabilizados, sendo-lhe grato afirmar que encontrou sempre tudo devidamente arrumado e com perfeita exactidão.

O circunstanciado relatório apresentado pelo Conselho de Administração revela o esforço desenvolvido em todos os sectores da actividade da Empresa, sendo licito destacar, pelo que diz respeito ás obras, a conclusão do aproveitamento de Paradela e o impulso dado á construção do Alto Rabagão (Pisões), obra que, pela sua grandeza, corresponde bem ao espírito da época de realizações em que vivemos. Na parte relativa a «estudos e projectos esboçam-se perspectivas da continuação do concurso da Sociedade na construção de novos empreendimentos.

O Conselho Fiscal, que acompanhou todos os actos administrativos para os quais foi solicitada a sua colaboração, nomeadamente o reforço do capital e a emissão de obrigações, que tiveram lugar no ultimo exercício, congratula-se com o elevado prestígio e crédito que a Sociedade conquistou no nosso meio, facto que se deve, sem duvida, á segura orientação e notável acção das personalidades que a dirigem dentre as quais nos permitimos destacar o presidente do Conselho de Administração, pela sua vontade firme e alta capacidade de realização.

Deu-se também apreciável incremento á acção social, o que significa o carinho dispensado pela Sociedade a todos os que dedicadamente a servem. Ao fazer esta ligeira referência ao pessoal, não queremos deixar de consignar uma palavra de apreço aos Director e Sub-Director dos Serviços Técnicos e ao Chefe dos Serviços Administrativos pela dedicação sempre revelada no exercício das suas funções.

Os resultados obtidos no ano de 1958 comprovam a expansão da Sociedade no domínio da produção de energia, e apesar do volume do seu montante, não podem considerar-se elevados, se atendermos ao valor do investimento já realizado.

Para terminar, agradecemos ao Conselho de Administração as amáveis referências que nos são dirigidas e formulamos o seguinte

PARECER

1.º — Que merecem aprovação o Relatório e Contas, bem como a proposta do Conselho de Adminstração relativa á aplicação do saldo da conta de resultados.

2.º — Que é digno do maior louvor o mesmo Conselho pelo seu esforço inteligente e criteriosa administração.

3.º — Que seja testemunhado todo o reconhecimento ao pessoal pela sua dedicação e boa vontade manifestadas no exercício das respectivas funções, designadamente ao Director e Sub-Director dos Serviços Técnicos e Chefe dos Serviços Administrativos.

Porto, 25 de Fevereiro de 1959.

O CONSELHO FISCAL

PRESIDENTE

Domingos José Rosas da Silva
pela Empresa Têxtil D. Ferreira S. A. R. L.

VOGAIS

Francisco de Sá Carneiro
pelo Banco Pinto & Sotto Mayor
José Saraiva Vieira de Campos

ANTOLOGIA DO CONTO POLICIAL

Um inquérito sobre a morte de dois anões

NARRATIVA de MARC CONNELLY

— NOME?

— Frank Wineguard!

— Morada?

— Rua 55 Oeste, numero 185!

— Profissão?

— Encenador da revista *Hello América!*

— Conhecia Jimmy Dawle?

— Conhecia! Ele trabalhava na peça.

— Conhecia Theodore Robel?

— Sim, senhor!

— Também trabalhava na sua companhia?

— Não, senhor Quando começámos os ensaios, anunciámos que admitiriamos anões, e ele e Jimmy apareceram juntos. Robel era muito alto para o papel. Só tornei a vê-lo quando arrombámos a porta do quarto deles na terça-feira!

— Que quer dizer com isso?

— Ultimamente, Jimmy sentia-se deprimido, e eu sabia que Robel nada fazia para reconfortá-lo!

— Quer dizer com isso que havia brigas entre eles?

— Não, senhor! Ambos estavam desanimados: havia muito que Robel andava nesse estado de espírito. Ele casara com a irmã de Jimmy, também anã, há cerca de cinco anos, mas a jovem morreu um ano depois. Jimmy passou a morar na companhia dele, após o desaparecimento da irmã. Robel não trabalhava há dois anos e, práticamente, era Jimmy quem o sustentava. E este costumava contar-me como Robel vivia preocupado desde que passara por uma fase de crescimento tardio.

— Crescimento o quê?

— Tardio! Geralmente, um anão passa a vida toda com a altura que atinge quando tem catorze ou quinze anos, mas, de vez em quando, um deles começa a crescer novamente pouco antes dos trinta, podendo aumentar trinta centimetros ou mais em cerca de dois anos. Então, pára de crescer de uma vez. Mas, é claro que já não se parece com um anão!...

...Foi isto o que aconteceu a Robel. Depois disso teve dificuldade em arranjar emprego, e ficou profundamente desalentado. Jimmy tentou animá-lo, levando-o a passear e acompanhando-o ao cinema. Creio que nessas ocasiões é que Robel sentia a diferença em tamanho entre os dois. E penso, também, que é por isso que ambos estão mortos!

— Que quer dizer com isso?

— Bem! Tanto um como outro compreenderam que Jimmy os sustentava a ambos com o seu trabalho, e que, provávelmente, continuaria a ser sempre assim, pois Robel era grande demais para conseguir emprego. E aquilo ia-se infiltrando no pensamento de Robel. E, então, há três semanas, Jimmy começou a preocupar-se também!...

...Eu estava do lado de fora da porta que dá para o palco, quando vi Jimmy vir pelo corredor. Tinha ar de desanimado, o que estranhei, pois ele, em regra, aparecia balancando, alegremente, a sua bengalinha. Dirigi-me para ele, dizendo-lhe: — Como vai, Jimmy? —. E ele respondeu-me: — Não muito bem, senhor Wineguard! — E eu insisti: — Mas, porquê? o que lhe aconteceu? — Ao que ele respondeu: — Estou a começar a crescer, de novo! — E disse isso como se tivesse contraído uma doença que fosse liquidá-lo numa semana —. Você está doido, Jimmy! — exclamei —. Você não está a crescer! — Estou sim! — continuou —. E' o mesmo crescimento tardio, como aconteceu a meu cunhado! Com o meu pai também sucedeu o mesmo, mas não lhe fez grande diferença, pois a familia dele era muito rica. Agora eu tenho de continuar a trabalhar! — Não noto em você qualquer diferença — acrescentei —. Qual era a sua altura? — Noventa e quatro centímetros! — respondeu. E então eu disse: — Vamos lá ao quarto, para eu medir a sua altura! — Ele recuou precipitadamente. — Não! — exclamou —. Eu não quero saber quanto cresci!...

...Passou toda aquela semana horrivelmente abatido. Quando apareceu na segunda-feira seguinte, estava branco de medo. — Já cresci cerca de duas polegadas — disse então —. Parecia mesmo apavorado. E foi a ultima vez que o vi, antes de encontrá-lo morto!

— O guarda Gorlitz declarou no seu depoimento que os corpos estavam nos cantos opostos do quarto. Encontravam-se na mesma posição quando você arrombou a porta?

— Estavam, sim senhor!

— Segundo o médico legista, ambos morreram em consequência de ferimentos causados por uma faca, aparentemente a mesma. Você é de opinião que os dois foram levados ao desespero por medo de não encontrar emprego para Jimmy Dawle, e se suicidaram?

— Não, senhor: não creio que tenha sido um suicídio duplo!

— Que quer dizer com isso?

— Bem! quando entrei com a senhoria no quarto e eu vi a faca, disse-lhe a ela ser esquisito que tivessem uma faca daquelas no quarto. Ela respondeu-me que era uma faca de açougueiro, desaparecida da sua cozinha algumas semanas atrás. Pareceu-me estranho que Robert ou Jimmy a tivessem roubado. Mas, pensando bem, eu descobri o que realmente aconteceu. O senhor tem a bengalinha quebrada?

— E' esta aqui?

— Essa mesma! Ora, Jimmy nunca me convencera de que estava, de facto, a crescer. E, quando a mulher se referiu ao desaparecimento da faca, comecei a ligar um facto ao outro. Creio que, um pouco antes da tragédia, Jimmy encontrou a faca, provávelmente por acaso!

— Mas... porque por acaso?

— Porque Robel ficara meio desarranjado do miolo, segundo creio. Ele roubara a faca e escondera-a, para que Jimmy não a visse. E quando Jimmy a encontrou, quis saber o que Robel andara a fazer com ela, mas evitou de falar nisso a Jimmy e teve ele mesmo de descobrir. Ou talvez Robel lhe tenha contado, examinar a bengalinha. Era a que ele costumava usar E verificou que Robel vinha cortando pequenos pedaços da sua extremidade!

AS COMEMORAÇÕES

do centenário de Honório Barreto

Está elaborado o programa das comemorações do primeiro centenário da morte de Honório Pereira Barreto, que foi uma figura marcante, de grande envergadura, com acção notável na administração ultramarina, como governador da Guiné, onde deixou uma obra valiosa a reflectir o prestígio do seu nome e as suas invulgares qualidades.

As celebrações começam em 26 de Abril, naquela província ultramarina, com missa solene, de manhã, na catedral de Bissau, seguindo-se a romagem á campa de Honório Barreto e havendo, á noite, sessão solene, no salão nobre do Museu da Guiné.

O ciclo das cerimónias encerra-se em 31 de Dezembro, incluindo manifestações culturais, patrióticas, palestras evocadoras, etc.

«Diário de Lisboa»

A ultima assembleia geral da Associação dos Inquilinos do Norte de Portugal aprovou um voto de agradecimento ao nosso jornal pela atenção que o «Diário de Lisboa» tem dedicado ás actividades multiplas daquela agremiação cooperativa.